



Universidade Regional do Cariri - URCA
Centro de Humanidades
Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA

FRANCIVALDO PEREIRA DA SILVA

**UM CAMPO (MAIOR) DE POSSIBILIDADES: POR OUTRAS NARRATIVAS NO
ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM CAMPO MAIOR-PI**

CRATO-CE, 2021.

FRANCIVALDO PEREIRA DA SILVA

Um Campo (Maior) de possibilidades: por outras narrativas no ensino de História local em Campo Maior-PI.

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Regional do Cariri – URCA, como requisito obrigatório para a obtenção da titulação de Mestre em Ensino de História.

Área de Concentração: Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Orientador: Prof. Dr. Titus Riedl

FRANCIVALDO PEREIRA DA SILVA

Um Campo (Maior) de possibilidades: por outras narrativas no ensino de História local em Campo Maior-PI.

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA), da Universidade Regional do Cariri – URCA, como requisito obrigatório para a obtenção da titulação de Mestre em Ensino de História.

Área de Concentração: Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Orientador: Prof. Dr. Titus Riedl

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Titus Riedl
(Professor Orientador)

Profa. Dra. Ana Isabel Cortez
(Membro Interno)

Prof. Dr. Francisco Nascimento
(Membro Externo)

CRATO-CE, 2021.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva de Sousa CRB: 3/1000

Silva, Francivaldo Pereira da.
S586c Um campo (maior) de possibilidades: por outras narrativas no ensino de história local em Campo Maior-PI/ Francivaldo Pereira da Silva. – Crato-CE, 2021
143p.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri – URCA

Orientador: Prof. Dr. Titus Riedl

1. Ensino de história, 2. História local, 3. Campo Maior, 4. Historiografia; I. Título.

CDD: 372.891

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I – ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA LOCAL DE CAMPO MAIOR-PI.....	21
1.1 Apresentação e análise breve da historiografia de Campo Maior	21
1.2 A historiografia campo-maiorense: pioneiros	24
1.2.1 Breve apresentação historiográfica.....	27
1.3 Poetas e literatos	29
1.4 Historiadores em ação	34
1.5 Memórias e lembranças – o povo fala (e escreve)	46
1.6 Produções de universitários.....	51
CAPÍTULO 2 – CAMPO MAIOR: REALIDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL	53
2.1 A Base legal para o ensino de História Local	54
2.2 O Currículo do Piauí.....	57
2.3 Currículo e História local	59
2.4 O ensino de História Local para o Ensino Médio	62
2.5 A História na Educação campo-maiorense	63
2.6 O trabalho dos professores com história local – breves exemplos.....	66
2.7 Idealizando uma prática do Ensino de História local	74
CAPÍTULO 3 – SUBSÍDIO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL.....	77
3.1 História Oral e a relação com o ensino de História.....	77
3.1.2 Memória e História Local.....	79
3.2 Propondo “outras histórias” para o ensino de História Local	81
3.3 Uma imagem de Campo Maior	82
3.4 O Produto Educacional: As outras histórias.....	84
3.4.1 Campo Maior erguida no lombo do boi	88
3.4.2. O vaqueiro campo-maiorense.....	94
3.4.3 Artesanato em couro.....	98
3.4.4 Campo Maior e a religiosidade	100
3.4.5. A estátua do Bom Jesus dos Passos.....	107
3.4.6. Os santos do povo.....	112
3.4.7 Resistência Negra	119
3.4.8 A carnaúba – símbolo natural de Campo Maior.....	121

3.4.9 Uma tragédia transformada em arte: a peça 'O Chapéu de Sebo'.....	126
3.4.10 Expressão da cultura popular: Campo Maior e o cordel.	129
3.5 Por uma cartografia histórica	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS.....	138

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo apresentar as características e propor alternativas no trabalho de ensino de História Local em Campo Maior, cidade localizada no norte do Estado do Piauí. Este município é considerado importante no cenário histórico estadual e nacional, devido os fatos históricos nele ocorridos relacionados ao processo de Independência do Brasil, a Batalha do Jenipapo, e por ser um dos municípios mais antigos do Piauí. Conta com uma considerável produção historiográfica, elaborada por historiadores, religiosos, professores, poetas ou simplesmente amantes de sua cultura e história, que, no entanto, não é devidamente explorada no âmbito escolar devido à falta de um currículo em História e em consequência, de um material que oriente esse estudo, apesar de existir lei que obrigue o seu ensino. Quando raramente abordada nas escolas, a História Local resume-se às narrativas relacionadas à “Batalha do Jenipapo”, dessa maneira, outros eventos e personagens que constroem a História do lugar são ignorados. Com o objetivo de evidenciar as outras histórias não reveladas, foi desenvolvida uma análise da produção historiográfica local, bem como dos procedimentos desenvolvidos pelos professores no tocante ao ensino de história local. Feita esta análise, propõe-se nesse trabalho, a elaboração de um subsídio de leituras e atividades, apresentado como uma sequência didática, para, assim, amenizar essa ausência de abordagens em História Local e a partir disso, buscar incentivar os alunos a reconhecerem-se como sujeitos históricos através de histórias, pessoas e lugares que lhes são próximos.

Palavras-chave: Ensino de História. História Local. Campo Maior. Historiografia.

ABSTRACT

This dissertation aims to present the characteristics and propose alternatives in the work of teaching Local History in Campo Maior, a city located in the north of the State of Piauí. This municipality is considered important in the state and national historical scenario, due to the historical facts that occurred in it related to the process of Independence in Brazil, the Battle of Jenipapo, and for being one of the oldest municipalities in Piauí. It has a considerable historiographic production, prepared by historians, religious, teachers, poets or simply lovers of its culture and history, which, however, is not properly explored in the school environment due to the lack of a curriculum in History and, consequently, of a material that guides this study, despite the existence of a law that requires its teaching. When rarely approached in schools, Local History is limited to narratives related to the “Batalha do Jenipapo”, in this way, other events and characters that build the history of the place are ignored. In order to highlight the other unrevealed histories, an analysis of the local historiographic production was developed, as well as the procedures developed by the teachers regarding the teaching of local history. After this analysis, this work proposes the elaboration of a subsidy for readings and activities, presented as a didactic sequence, to, thus, alleviate this lack of approaches in Local History and, from that, seek to encourage students to recognize it. themselves as historical subjects through stories, people and places that are close to them.

Keywords: Teaching History. Local History. Campo Maior. Historiography.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um exercício contínuo do qual se colhem saborosos frutos. Agradecer atrai positividade, bem estar, disposição de sempre ver e sentir as coisas que a vida nos oferece pelo melhor lado. Alegrias e desafios constantemente nos são apresentados, cabe a nós saber como recebê-los e deles tirar proveito. No decorrer de minha jornada durante o curso de mestrado e mais ainda na produção desta dissertação, enfrentei muitos obstáculos, mas também momentos de alegria vivi.

Liderando o percurso de minha trajetória, quero agradecer ao Deus Pai Todo Poderoso, que com a sua Providência, toma conta de mim, orienta minha mente nas decisões e cumprimento de todas as tarefas a mim exigidas, além de sua especial proteção que me é dispensada. cursando o mestrado nas terras do Cariri Cearense, não posso deixar de render minha gratidão à Mãe das Dores e ao Padre Cícero, o qual da porta de meu apartamento no Crato, todos os dias podia ver, lá longe, sua estátua no alto do Horto no Juazeiro a abençoar a nação Nordestina. Dentre a Espiritualidade, agradeço ainda a Santo Antônio Aparecido, padroeiro de Campo Maior, meu grande amigo; ao Senhor Bom Jesus dos Passos e às almas do Moleque e da escrava Felicidade, objetos de meu estudo.

Aos professores, todo o meu respeito, admiração e gratidão. Meu orientador prof. Dr. Titus Riedl, pela paciência, atenção e motivação, um exemplo a ser seguido no percurso educacional. À profa. Dra. Ana Isabel Cortez, pelo apoio dado enquanto foi coordenadora e pelas dicas na co-orientação de meu projeto. Aos demais professores que brilhantemente ministraram as disciplinas do curso de mestrado: profas. Sônia Menezes e Rosilene, nos edificantes debates da Teoria da História; prof. Egberto, que muito contribuiu na parte específica de Ensino; prof. Darlan Reis; prof. Carlos Rafael e prof. Francisco Nascimento, avaliador externo desse trabalho, muito obrigado! Agradeço ainda pelo apoio de Tatiana Silva à frente da secretaria da coordenação e pelos momentos de descontração.

Aos escritores locais, que como guerreiros, travam a árdua batalha de preservar e contar a nossa História, tão combatida e que por muitas pessoas é ignorada. Bastante me ajudaram fornecendo fontes ou através de conversas e repasse de informações: Celson Chaves, Assis Lima, Pauliana de Jesus. Agradeço a atenção e ajuda de Rogevalda Brito, Rosilene Sena e Francisca Santiago, a Quinha, que dentro de suas possibilidades, forneceram-me materiais para essa produção.

Agradeço à minha mãe, Maria da Conceição Pereira, minha fortaleza! Devo a ela todo o apoio e amor, amor filial e meu amor pela História. Trilhamos a vida acadêmica até a

especialização, por motivos pessoais, não cursamos o mestrado juntos. Agradeço ao meu irmão Francimar, e aos sobrinhos Francisco Neto, Benjamim e o ausente Heitor, que foram as horas de distração em meio a tantas obrigações. Agradeço aos demais familiares que contribuíram com sua parcela de ajuda e apoio nesse trabalho, em especial Suzanne Bezerra e Rosana Pereira, primas.

Aos amigos da turma de mestrado, que à sua maneira, contribuíram para o bom andamento de nosso curso. Quero em especial agradecer a Antonio Lima, que em todos os momentos ajudou-me com dicas preciosas na formulação da dissertação; Darlan com sua descontração, Janaína com sua organização e inteligência e Vanessa Souza, amigos que o Ceará me deu e quero levar pra toda vida. Ao Aureliano, pela boa convivência que tivemos em nossa pequena república no Pimenta. Minha gratidão ainda às religiosas da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, nas pessoas de madre Vera, minha conterrânea, Irmã Elza e Irmã Maria dos Anjos (in memoriam) pela acolhida e apoio quando prestei o exame para admissão ao ProfHistória e em outros momentos enquanto morei no Crato.

Aos amigos e afetos no meu Piauí, que sempre se constituíram como meu apoio, meus ombros amigos nas horas em que achei que não ia conseguir levar adiante esse projeto. Giane Barbosa, obrigado pelo amor, apoio e paciência; ao mestre geógrafo Jamersson Ribeiro, pelo apoio e dicas valiosas na estruturação desse trabalho; Airton Furtado e Ivan Borges pelas horas que trocamos idéias e surgiram contribuições para o meu trabalho, ainda que nossas reuniões tenham acontecido em mesa de bar! Lucas Pereira, pela alegria e vivacidade de sua pessoa; Reges Carvalho, pelo apoio técnico e dicas. Vivian Maggi, amiga irmã sempre disponível; Geórgia Karine, sempre incentivadora; Gabriela Araújo, a Gabiru, que com sua alegria contagiante me motivou; Roberto Matias e Carlos Jansen que fizeram o que eu não podia fazer enquanto estive envolvido na dissertação; Arilson Vitorio, Meu Vaqueirão! inspiração em um dos tópicos dessa dissertação, tua bravura nos representa! Representa Campo Maior! Enfim, a todos que direta e indiretamente trilharam essa jornada comigo, meu muito obrigado!

“Perguntas de um operário letrado”:

Quem construiu Tebas, a das sete portas
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia tantas vezes destruída
Quem outras tantas a reconstruiu?
...
Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem
Quem pagava as despesas?
Tantas histórias
Quantas perguntas

Bertolt Brecht

APRESENTAÇÃO

O ensino de História tem apresentado múltiplas abordagens e temáticas, que são aplicadas em sala de aula e fora dela. Dentre as abordagens, propostas e métodos, o estudo e utilização da História Local tornam-se instrumentos para incentivar nos estudantes, educadores e demais interessados em História, uma reflexão acerca do passado específico, tanto do local em que vivem quanto de si. Constitui assim, um saber histórico. A escritora Maria Auxiliadora Schmidt ressalta:

Como elemento constitutivo da transposição didática do saber histórico para o escolar, a história local pode ser vista como estratégia pedagógica. Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico com proposições que podem ser articuladas com os interesses do aluno, suas aproximações cognitivas, suas experiências culturais e com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente vinculadas à vida cotidiana. (SCHMIDT,2004,p. 113)

Tendo em vista que o que será abordado tem relação com sua experiência de vida, isso não significa que não haverá nesse processo de reconhecimento da História Local, uma conexão com a história nacional e de um mundo globalizado. É essa conexão entre as diversas modalidades que se apresenta a História, que vai fazer o aluno notar-se como ser integrante desse processo. Dessa forma, suscitará o senso de pertencimento que privilegia e proporciona um contato mais próximo dos alunos com sua realidade histórica, social e cultural, contribuindo para que assim, possam estabelecer a relação com a história que se apresenta de uma forma mais abrangente e global.

A partir do uso da História Local como estratégia de aprendizado, o foco principal não é apenas o estudo, conhecimento e reconhecimento das memórias presentes no ambiente em que os alunos vivem, o objetivo é conduzir a um interesse dos mesmos pela História de uma maneira geral. Conduzidos ao interesse pela História, o aluno desenvolverá atitudes de valorização de sua trajetória de vida e de seus antepassados em relação ao local em que vivem e atuam como seres sociais.

Esta dissertação propõe expor as relações entre o uso da estratégia da História Local e o ensino de História, de uma forma prática em que se considere como referencial a realidade histórica, cultural e patrimonial do município de Campo Maior, no Estado do Piauí, pois esta cidade, apesar de ser uma das suas mais antigas, necessita de uma maior atenção no que diz

respeito à preservação de sua memória histórica e cultural, principalmente em relação a uma aplicação prática em suas escolas.

A realidade que se apresenta quando se trata de estudar a História Local, vem acompanhada de uma determinada limitação e superficialidade. Os livros didáticos abordam temas modernos e globalizantes, muitos textos complementares, mas é escassa a referência acerca de uma temática histórica que se aproxime da realidade dos alunos. Tanto no espaço físico, quanto no que diz respeito a eventos de valor histórico no ambiente em que se encontram, falta uma temática que apresente uma familiaridade com as narrativas históricas locais e principalmente, falta um currículo diretamente relacionado ao estudo da história de Campo Maior.

Com relação às fontes que tratam de História Local e produção historiográfica que possa ser apresentada em sala de aula, elas trazem consigo uma característica própria de crônicas pessoais. A maioria dos livros escritos que tratam do tema da história das cidades, sobretudo nas cidades do interior do Nordeste, é escrita por “leigos”, a partir de memórias pessoais e subjetivas. Estes livros geralmente representam uma visão ‘apaixonada’ e orgulhosa do lugar de origem – algo que pode ser valorizado pelo professor.

Entretanto, apesar de relativa produção historiográfica, um currículo que privilegie e incentive o estudo da História Local, seja pelo viés oficial ou não, por hora, continua inexistente, e quando essa temática é explorada, é feita quase sempre de forma amadora. Ainda que exista uma lei que torne obrigatório nas escolas públicas municipais e privadas, o ensino desse tema, passados onze anos, nunca foi efetivada e nem praticada. Nesse contexto, a falta de uma disciplina específica sobre essa temática abre a discussão de como provocar nos alunos o interesse pela História Local, implicando assim, na tentativa de diminuir as dificuldades no entendimento da História em geral.

Pretende-se através desse trabalho incentivar a curiosidade e a paixão pela História, e quem sabe, formar pequenos historiadores. Visa-se contribuir para as práticas do ensino de História, em que se propicie a continuidade nas discussões a respeito da História Local, nas quais são levadas em conta, as particularidades dessa história do ponto de vista micro. Desta feita, serão desenvolvidas estratégias que contemplem uma utilização dinâmica da História Local e a aplicabilidade dessas propostas de trabalho no processo de ensino-aprendizagem.

Os fatos históricos têm a sua narrativa oficial, ou pelo menos uma narrativa que é apresentada nos livros didáticos. Porém, o que se percebe, é que na escrita de um fato histórico, outras narrativas, perspectivas e realidades, deixam de serem levadas em conta. São essas

narrativas não ouvidas que fazem parte da realidade dos alunos e seu meio social que devem ser trabalhadas, de maneira a incentivar o gosto e despertar o interesse pela História em si.

A partir destas 'outras narrativas', é possível identificar uma familiaridade dos alunos com a História Local, ressaltando a história da cidade, dos fatos, curiosidades, personagens, peculiaridades, costumes, tradições, coisas que por vezes passam despercebidas pela historiografia oficial, muitas vezes é presente realidade da maioria das pessoas, dos alunos e suas famílias.

Através disso, será proporcionada uma prática de pesquisa e atividades que envolvam os alunos e fuja do esquema ensino-aprendizado limitado no repasse de conteúdos mínimos, que não leva em consideração os seus conhecimentos prévios, nem estimula a participação dos estudantes e é limitada ao espaço físico da sala de aula.

A primeira proposta de trabalho foi de se elaborar uma análise do patrimônio histórico material da cidade de Campo Maior, que gradativamente sofre um processo de desaparecimento, seja por falta de preservação, ou simplesmente negligência e desinteresse do poder público e de particulares em preservar o conjunto arquitetônico de Campo Maior. Entretanto, um grande obstáculo se apresentou logo no início desse percurso: como trabalhar a preservação de prédios antigos, quando na realidade as condições de moradia da maioria dos alunos é a mais precária possível? Que sentido faz despertar nos alunos uma identificação com algo que não lhes pertence, incentivá-los a preservar um ambiente, uma moradia, muitas vezes melhor que a deles? Nesse ponto, faltaria uma identificação destes alunos com o patrimônio material e a proposta de trabalho.

A solução que se apresentou foi trabalhar a História Local, visto que essa temática é abrangente e com a adequada aplicação metodológica, aproxima a História da realidade de vida dos alunos. A História Local pode relacionar-se com a questão da identidade cultural de uma localidade, a partir do momento que ela apresenta uma significação para a comunidade.

A partir das narrativas, memórias, pontos de vista e contato com a realidade local, vivenciados nos espaços públicos e nas manifestações culturais que envolvem os alunos, poderá ser estabelecida essa relação de identidade e de afinidade com a história e cultura de Campo Maior. Propõe-se através desse trabalho não apenas despertar nos alunos uma mera curiosidade pela história do lugar. É necessário que ele perceba que a História está mais próxima do seu dia a dia e que é integrante da construção da História Local.

Campo Maior – breve apresentação

Campo Maior do Açude Grande
Meu torrão de minha gente
Onde o amor se expande
E faz a gente ser mais gente...

(BRASIL & LOIOLA, 2008)

O trecho destacado acima é da estrofe inicial da música “Aquarela de Campo Maior”, composição de Corinto Brasil e professor Loiola e cantada na voz de Julião Fênix e Forró Carcará, cantor e grupo musical locais. Esta canção apresenta-se como uma elegia à cidade de Campo Maior. Faz referências a locais familiares para os habitantes do município, exalta a natureza local, citando elementos da fauna e flora e por fim destaca aspectos culturais, de trabalho e tradições populares e religiosas. Apresenta um ufanismo muito característico da narrativa histórica e cultural tradicional.

Campo Maior é um município piauiense localizado no norte do Piauí, a 77 km da capital Teresina, sendo a 7ª cidade mais populosa, possuindo cerca de 48.000 habitantes. Localiza-se na região conhecida como Território dos Carnaubais¹, situada no Norte do Estado e abrangendo 16 municípios, sendo que as atividades ligadas à exploração e transformação da carnaúba constituem-se como fatores de movimentação da economia local, que teve seu auge entre as décadas de 1930 a 1970. Agricultura e pecuária, além do comércio e prestação de serviços, movimentam a economia do município.

Por localizar-se nas margens da BR 343 e ser entroncamento de importantes rodovias estaduais, Campo Maior é uma parada obrigatória e ponto de passagem no transporte de passageiros e mercadorias no caminho para o litoral piauiense e aos vizinhos estados do Ceará e Maranhão. Desponta como centro regional para o qual convergem moradores de diversas cidades vizinhas para a realização de diversas atividades, como freqüentar as escolas e universidades locais, efetuar compras e vendas de mercadorias, busca de atendimento médico, entre outros.

Apresenta diversificada história e cultura, sendo uma das primeiras povoações do Piauí, surgida através da ação dos conquistadores portugueses no processo de ocupação do interior nordestino durante o ciclo do gado, ocorrido entre fins do século XVII e início do século

¹ O Território da Cidadania Carnaubais – PI está localizado na Região Nordeste e é composto por 16 municípios: Assunção do Piauí, Boa Hora, Boqueirão do Piauí, Buriti dos Montes, Cabeceiras do Piauí, Campo Maior, Capitão de Campos, Castelo do Piauí, Cocal de Telha, Jatobá do Piauí, Juazeiro do Piauí, Nossa Senhora de Nazaré, Novo Santo Antonio, São João da Serra, São Miguel do Tapuio e Sigefredo Pacheco. Possui uma área de 19.651,34 km² e uma população total de 168.024 hab.

XVIII. Para alguns historiadores, como o padre Cláudio de Melo², o capitão português Bernardo de Carvalho Aguiar³, aparece como fundador do primeiro curral desta região, a fazenda Bitorocara⁴.

Como povoação surgida nos moldes da colonização portuguesa, a atuação do catolicismo é presente na sua história e cultura. Teve sua primeira capela erguida em fins do século XVII, mas desde o terceiro quartel do século XVII já era visitada pelos missionários jesuítas da Serra da Ibiapaba - Missão de São Francisco Xavier⁵. Constituída freguesia entre os anos de 1713 e 1715, sob a denominação de “Freguesia de Santo Antônio do Surubim”, uma homenagem ao seu orago, Santo Antônio e por conta do rio que corta essa região, o Rio Surubim, tornado-se vila em 1762, recebendo o nome de Campo Maior, em homenagem à vila portuguesa de mesmo nome. Com a instalação do regime republicano, é elevada à categoria de cidade em 27 de dezembro de 1889.

Além da atividade pecuária e da religião, Campo Maior foi palco de eventos históricos relacionados ao processo de Independência do Brasil, como a Batalha do Jenipapo, ocorrida a 13 de março de 1823, constituindo-se num confronto com forte participação popular pela independência nacional, que contou com a participação de vaqueiros, lavradores, pequenos proprietários rurais, oriundos não apenas do Piauí, mas também do Ceará e Maranhão. De forma não tão intensa, Campo Maior também participou do movimento da Balaiada, ocorrido entre 1839 e 1841.

Os aspectos acima expostos apresentam um Panorama histórico a respeito de Campo Maior, que constitui assim, um cabedal diversificado de histórias que podem ser exploradas dentro da aplicação de um currículo que privilegie a História Local, bem como, da elaboração de um material de leituras e atividades no qual seja possível correlacionar esses fatos históricos ao dia a dia dos alunos, e sejam revelados aspectos que constituam uma proximidade com as suas histórias de vida no meio social o qual estão inseridos.

O presente trabalho busca estabelecer uma relação teórica entre os seguintes conceitos: História Local, História e Memória, e ainda Patrimônio Cultural, relacionando-as ainda às

² Nascido na cidade de Campo Maior, em 02 de março de 1932. Foi sacerdote católico, historiador e professor da Universidade Federal do Piauí. Faleceu em 1998.

³ Fundador de Campo Maior, de São Miguel do Tapuio, de São Bernardo do Maranhão, o idealizador de Caxias (MA) e o último Mestre de Campo das Conquistas do Piauí e Maranhão.

⁴ Curral e posteriormente fazenda fundada por Bernardo de Carvalho, que deu origem a Campo Maior.

⁵ Sobre a Serra da Ibiapaba, a mesma constitui-se como fronteira natural entre o Piauí e Ceará. Quanto à Missão de São Francisco Xavier, sua localização exata é imprecisa, entretanto, aponta para o atual município de Viçosa do Ceará.

práticas educacionais alicerçadas aos Parâmetros Curriculares e Ensino de História e suas metodologias.

Entre os teóricos destaco Michel de Certeau, com sua obra “A escrita da História” que em suas reflexões evidencia que existem muitas práticas a serem trabalhadas com a História Local. Segundo ele, a operação histórica que evidencia o trabalho com História Local refere-se a uma combinação do lugar social de quem a escreve, aliando assim, essa história às práticas científicas próprias do saber historiográfico.

Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural... é em função desse lugar que se instauram os métodos, que precisa de uma topografia de interesses, que se organizam os *dossiers* e as indagações relativas aos documentos. (CERTEAU, 1982, p. 18)

A construção da noção de História Local torna possível relacionar as narrativas históricas aos locais a elas ligados. Pierre Nora em: “História, novos problemas” e “Entre memória e História”, evidencia a respeito dos lugares de memória: “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos... os três coexistem sempre” (NORA, 1993, p.21-22)

Ou seja, o lugar de memória se expressa na sua materialidade, como um local que é revestido de significados e simbolismos, levando em consideração a função e a representatividade por ele exercidas e o seu reconhecimento a ele dado pelos seus frequentadores e utilitários.

Neste trabalho são referenciados autores que tratam da história e eventos da cidade de Campo Maior, como o padre Cláudio Melo, em “Obra Reunida”; Natália Oliveira com “Da Matriz vejo a cidade”; Reginaldo Lima: “Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia”; Elesbão Ibiapina, com o romance “A cruz do Moleque”; “Almas: Martírio, Devoção e milagre no Piauí”, de José Gil Barbosa Terceiro, entre outros autores mais, que ao seu modo, trabalharam em suas obras temáticas da historiografia oficial, baseadas em documentos, bem como temáticas abordadas a partir de fontes orais ou nas categorias de memorialistas.

Seja assentada numa base de pesquisa a partir de clássicos, compostos por autores de renome como Certeau, Nora ou estudiosos acadêmicos e amadores, percebe-se que o estudo da História Local é de grande utilidade e interesse nas práticas do ensino de História, constituindo-se numa modalidade de despertar o interesse do aluno pela História em si, enquanto campo do conhecimento humano e disciplina do saber.

As bases legais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Base Nacional Curricular Comum e o Currículo do Piauí abordam e orientam o tema de estudo da História Local e suas aplicações nas séries da educação básica são analisadas no presente trabalho. Ainda que o estudo da História Local esteja presente de forma mais evidente nas propostas curriculares nacionais e regionais para as séries iniciais da Educação Básica, isso não impede que a aplicação desse estudo e metodologias de projeto possam se estender ou dialogar com as propostas curriculares para o Ensino Médio.

Em vista que este trabalho relaciona-se com o estudo e ensino de História e suas diversas aplicações, metodologias e propostas em sala de aula, é notório que através da História, a questão de identidade e também as lutas pelos direitos dos cidadãos é reforçada. A educação passa a ser o mecanismo que qualifica e prepara o aluno para agir no mundo atualmente integrado através do processo consolidado de globalização, e cumpre o seu papel mais ainda quando o aluno adquire consciência de seu papel de protagonista cidadão dentro de sua comunidade.

Nos mais variados contextos políticos e sociais a História tem dado sua contribuição e por vezes até como guia, servindo por hora a ideologias, o que não deve ser sua utilidade e função, ou acima de tudo conscientizando o homem na sua ação construtora do mundo, e produtor de sua própria liberdade.

Dentro dessa perspectiva de como o ensino de História é apresentado em sala de aula, são trabalhados autores como: Circe Bittencourt com “O saber Histórico em sala de aula”, com a colaboração de diversos autores em artigos⁶; Ricardo Pacheco: “Ensino de história e patrimônio cultural”, entre outros autores, nortearão este trabalho.

História e Memória são temáticas inseparáveis, e assim colaborativas uma com a outra. A História enquanto disciplina escolar utiliza a Memória tanto nas suas práticas didáticas, assim como a Memória também é utilizada como fator de interação com os alunos. O fato de se estabelecer essa interação de saberes que trabalham sob os mais diversos aspectos de vivência, faz com que o ensino de História utilizando a Memória transponha as fronteiras escolares. É necessário destacar que há uma relação entre as práticas de educação e ensino em História, sendo um dos pontos determinantes de sua aplicação e trabalho, o uso da Memória.

As relações entre História e Memória são trabalhadas com Jacques Le Goff, em “História e Memória”, pois entre outros, é utilizado nesse trabalho o recurso de História Oral,

⁶ Elza Nadai, Paulo Miceli; Leandro Karnal com: “História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas”; Maria Auxiliadora Schmidt: “História Local e o Ensino de História” in “Ensinar História”; Ricardo Oriá em “Memória e ensino de História”.

presente nas narrativas, depoimentos e entrevistas. Os arquivos, monumentos, eventos e práticas escolares, além das vivências e experiências dos docentes e alunos, podem reforçar o aprendizado e assimilação de conteúdos, e dentro desse contexto a memória coletiva ou individual estabelece uma relação de identidade que ao mesmo tempo diferencia, pode unir os grupos sociais.

[...] mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva, aquelas que melhor permitem compreender uma luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1990, p. 469 – 470)

A História e Memória possuem uma amplitude social que não cabe dentro das salas de aula, tudo é história e memória. A Memória faz crescer a História, a História alimenta a Memória, procuram ambas salvar o passado para serem úteis ao presente e futuro, de acordo com Jacques Le Goff. A História e Memória devem, portanto, seguir em sua missão de libertar o homem.

A questão da conservação do Patrimônio Cultural, inserido no contexto escolar é presente dentro do projeto das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) prevendo assim um tratamento preferencial à preservação do patrimônio cultural em todas as suas manifestações artísticas – culturais. A escola deve, assim, promover a Educação Patrimonial, haja vista que desde os últimos anos a conservação do meio em que vivemos é indispensável e abarca também a produção cultural humana, presente no meio em que vive e em contato com a natureza e cultura construída pelo homem.

Na escola é o ensino da disciplina de História e das demais Ciências Sociais, bem como as demais disciplinas, constituindo assim uma interdisciplinaridade, que se mantém uma estreita ligação com a questão da preservação do patrimônio cultural, entretanto, diversos obstáculos surgem, entre os quais uma super valorização do tempo presente por parte não só dos jovens, mas da sociedade em grande parte, “trata-se de gerações que vivem o presenteísmo de forma intensa, sem perceber liames com o passado e que possuem vagas perspectivas em relação ao futuro” (BITTENCOURT, 2004, p 14).

Então, diante do panorama apresentado é urgente a necessidade de fazer o aluno notar-se como pertencedor, ou pelo menos, como herdeiro de um passado histórico e incluído numa cultura que lhe confira identidade e ação na construção do processo histórico.

As metodologias de ensino têm a finalidade de facilitar uma ação, ou seja, partem do campo teórico para o campo da prática. Estas práticas necessitam de uma didática, ou seja, uma melhor maneira de aplicação desses planejamentos. Sendo assim, este projeto poderá ser desenvolvido dentro do trabalho docente, almejando uma maior interação com os alunos.

Neste trabalho, utilizando as metodologias de ensino, é proposto o desenvolvimento e aplicação de um produto educacional que auxilie em experiências educativas com alunos dos variados níveis de educação. Tais experiências têm por premissa uma ampliação da visão educativa livre de simples repasse de informações. É um processo de formação do sujeito que está concentrado no desenvolvimento de suas habilidades, e contribui assim para a formação das identidades coletivas e pessoais, em busca de uma percepção sobre o mundo e sociedade nos quais o aluno está inserido. Nesse processo, será levado em consideração aspectos não explícitos da História Local que serão explorados pelos alunos.

Através desse trabalho, deseja-se incrementar o ensino de História Local em Campo Maior, mas que não se limitará apenas a essa cidade, por que desse trabalho é proposto um produto, concretizado através da elaboração de um subsídio de leituras e atividades, na forma de uma seqüência didática, na qual se propiciará a abertura de discussões sobre os temas apresentados a partir de narrativas e personagens que não estão presentes na narrativa oficial da História Local.

Pretende-se assim, através desse produto, que alunos, professores e quaisquer pessoas interessadas pela História Local, narrada a partir de outras visões históricas, possam sentir uma identificação ou afinidade e assim, se interessem, e possam contribuir na expansão dos conteúdos desse material elaborado.

Dessa forma, busca-se incentivar nos alunos, através de atividades de pesquisa, convidá-los a uma experiência educacional e cultural que pode ser multiplicada. Intenciona-se que esse trabalho seja um percurso docente em busca de uma prática que contemple os conhecimentos e vivências dos alunos, a partir de um debate centrado na História Local campo-maiorenses, através das ‘outras histórias’.

O objetivo do trabalho é sair do esquema ensino-aprendizado centrado apenas no espaço físico da escola, mas sim que ele se realize em campo, numa prática efetiva⁷, chamando

⁷ No decorrer da realização deste trabalho, o mundo passa pela crise sanitária pandêmica de COVID 19, que por si, é um momento muito delicado e complicado de se desenvolver alguma atividade, como entrevistas, pesquisas de campo ou trabalhos em grupo, mas é exatamente dentro dessas adversidades que surgem outras possibilidades e oportunidades de realizar um bom trabalho de pesquisa. Este momento pode até mesmo ser historicizado, dentro da perspectiva dos próprios alunos, e assim, ganha força a idéia que isso irá passar, e poderemos efetivar materialmente esse trabalho, levando nossa prática para a sala de aula, e mais ainda, para fora dela.

e indo para dentro da comunidade na construção desse trabalho, de modo que seja privilegiada a metodologia da aplicação da História Local no processo de ensino de história, sob outros campos de visão.

Estruturalmente em termos de conteúdos, esta dissertação apresenta em seu primeiro capítulo uma análise acerca da produção historiográfica campomaiorense, tomando como referência autores memorialistas, acadêmicos e versados em outras áreas do conhecimento, que dispuseram-se a escrever sobre a história local de Campo Maior.

No segundo capítulo, a análise debruça-se sobre as bases legais estabelecidas para o ensino de História, em particular ao ensino de História Local. Acrescenta-se ainda neste capítulo, uma visão analítica sobre de que forma a História local é abordada na rede de ensino em Campo Maior e pelos professores.

O terceiro capítulo traz em seu conteúdo a proposta de um subsídio de leituras e atividades, destinado a alunos, professores ou quaisquer pessoas que estejam interessadas em conhecer tópicos da história local de Campo Maior que não estejam ligados às narrativas tradicionais.

Mais do que a certificação de um trabalho desenvolvido, este produto visa ser um instrumento que tem por finalidade a difusão da História Local e sua utilização de uma forma dinâmica e participativa.

CAPÍTULO I – ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA LOCAL DE CAMPO MAIOR-PI

1.1 Apresentação e análise breve da historiografia de Campo Maior

Neste capítulo, é apresentada uma breve análise parcial acerca da historiografia já produzida em relação à História Local de Campo Maior. A produção historiográfica local vai além da exaustivamente explorada temática da Batalha do Jenipapo. Esta produção historiográfica, que privilegia aspectos locais, apresenta variadas características, presentes em temáticas bastante diversas, que buscam desenvolver uma narrativa e descrição de fatos históricos de interesse a uma parte da população, também possuem o aspecto de apresentar uma perspectiva restrita. Essas produções atendem assim, a interesses e curiosidade de um determinado grupo social ou familiar, não caracterizando-se como uma historiografia abrangente.

Essa produção historiográfica atende a um lugar de fala, a uma realidade social e temporal, e a um jogo de poder, de quem se dispõe a escrever e apresentar narrativas. Isso é o que percebe-se em algumas obras locais. Quando nos referenciamos a análise do escritor Pierre Bourdieu quanto aos poderes sociais, poderes esses em mãos dos que escrevem a nossa historiografia, entende-se que:

[...] esses poderes sociais fundamentais são, de acordo com minhas pesquisas empíricas, o capital econômico, em suas diferentes formas, e o capital cultural, além do simbólico, forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas. (BOURDIEU, 2002. p. 154)

O poder capital o qual Bourdieu se refere não está ligado apenas ao poder no sentido financeiro e de posses, mas também incluindo o capital cultural dos escritores. E isso é notório, as pessoas que geralmente se dispõem a essa escrita são reconhecidas como detentores de uma autoridade intelectual, como possuidores de uma riqueza de conhecimento.

Este trabalho propõe apresentar narrativas que fujam desse sistema que privilegia grupos, e assim ouvir e dar voz às histórias veladas, não narradas pelos cronistas e memorialistas locais.

Campo Maior apresenta histórias diversificadas, tanto a nível oficial, quanto no tocante a aspectos de uma história popular, que pode ser apresentada a um público maior, em especial aos estudantes, nos quais é objetivo que seja suscitado em seu percurso de aprendizado, o interesse pela História Local, e ao conhecê-las e ouvi-las, possam identificar a sua proximidade

com estas narrativas apresentadas às suas histórias de vida, ou ao círculo/meio social nos quais estão inseridos.

O desenvolvimento da produção historiográfica não parte de uma situação ou lugar espontâneo, e nem indefinido. Ele é iniciado a partir de dúvidas, inquietações, questionamentos ou por vezes de curiosidade a respeito de determinadas temáticas. Esta produção historiográfica não é um organismo independente, sem ligação alguma com a realidade específica do que se pretende explorar. Ela traz consigo cargas de conhecimento adquirido, impulsionado pela constante indagação presente na alma do escritor/pesquisador.

Tem-se notado que a produção historiográfica local tem aos poucos sido direcionada para um sentido mais amplo de historicidade, destacando não apenas uma visão restrita da história de Campo Maior, mas a presença de relatos que privilegiem ou destaquem histórias fora do esquema já tradicionalmente utilizado. Essa mudança observa-se na produção acadêmica, que tem destacado a narrativa de outras histórias.

Nesse sentido, cabe destacar Michel de Certeau, com sua obra “A escrita da História”, que em suas reflexões esclarece que existem muitas práticas a serem trabalhadas com a História Local. Segundo ele, a operação histórica que evidencia o trabalho com História Local refere-se a uma combinação do lugar social de quem a escreve, aliando assim, essa história às práticas científicas próprias do saber historiográfico.

Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural... é em função desse lugar que se instauram os métodos, que precisa de uma topografia de interesses, que se organizam os *dossiers* e as indagações relativas aos documentos. (CERTEAU, 1982, p. 18)

Em vista dessas características, Certeau torna evidente que a História Local não é construída de forma isolada. Muito pelo contrário, ela é construída a partir das experiências dos escritores-historiadores locais, sendo vivenciadas no seu lugar de convivência. Essas referências ao local é que caracterizam essa prática histórica. Essa produção ainda reflete a posição social, a ideologia, a visão de mundo, lugar de fala de quem a escreve. Por vezes, e muitas, atende a interesses que não são apenas os pessoais, mas também de uma representativa parte da sociedade.

É dentro desse contexto que se produzem diversas historiografias, as quais, por diferentes motivações, fazem-se presentes na História Local de diversos lugares, acrescentado ainda, o fator de que, a produção dessas historiografias locais não são elaboradas e propostas apenas por historiadores.

Uma quantidade considerável de pessoas letradas e com bom capital cultural, de diversas origens sociais e de variadas profissões, tem se empenhado e dedicado a produzir uma narrativa da História Local, o que é significativamente louvável, mas não deixa de despertar uma inquietação, pois nesse ponto observa-se que se há muita boa vontade, entretanto, falta formalmente um olhar propriamente de historiador, digo aquele de formação específica, dentro dessa produção.

Não aparece aqui uma pretensão de monopolizar a produção historiográfica nas mãos dos historiadores, visto que, se há um empenho de diversos profissionais em produzir uma historiografia local, isso é um bom sinal, pois é notório que a História ainda desperta interesse e alguma curiosidade à humanidade, mesmo que a parcela de interessados seja pequena. Cabe então, nesse sentido, reforçar a função do historiador como pesquisador e produtor de uma historiografia e também, abrir um incentivo ou interesse do professor historiador desenvolver atitudes de pesquisa e assim, animar-se no desenvolvimento de pesquisas historiográficas locais.

Nesse sentido, busca-se uma real democratização da produção historiográfica local, e assim, expandir a pesquisa e produção não apenas a um determinado nicho social, mas tornar conhecida, acessível e familiar a história do local onde vivemos e construímos nossa identidade. Nesse ponto, a exposição, pesquisa e produção dessa História Local, encontram na escola (e principalmente, fora, mas não desligada dela), uma oportunidade de aquisição de conhecimento e propagação, tornando-a conhecida, utilizável e que sirva como fator de reconhecimento de identidade da comunidade local.

Verifica-se que a História Local de Campo Maior, tem tido um relevante destaque na produção historiográfica recente. Novos pontos de vista, que trabalhados de forma dinâmica ou pelo menos elucidados para o público, podem fomentar uma maior produção, haja vista que os leitores são incentivados a perceber o quanto o seu meio imediato próximo está permeado de histórias que merecem ser contadas. O grande problema que existe é mais crítico, haja vista que diante dessa variedade de narrativas da História Local, inexistente um currículo que o privilegie ou pelo menos o aborde nas salas de aula.

Campo Maior tem outras histórias relacionadas ao ciclo de gado, por exemplo, as histórias sobre a tradição da carne de sol. A carnaúba, que deu impulso econômico à cidade, pode revelar a história dos tiradores/batedores de palha e artesãos. A religiosidade campo-maiorense vai além da festa de Santo Antônio, expressando-se também nas devoções populares às almas ou mesmo dentro de uma oficialidade litúrgica como a fé no Bom Jesus dos Passos.

Não apenas o Monumento do Jenipapo⁸ se constitui como patrimônio material, o Cemitério Velho é um sítio de riqueza artística e com muitas histórias que podem ser contadas.

Não apenas os casarões da Praça Bona Primo⁹ merecem atenção pelo valor histórico como testemunhos do progresso e desenvolvimento da cidade, a Rua dos Negros, bem escondidinha atrás desses casarões, revela narrativas que podem ser exploradas. A Rua Santo Antônio¹⁰ alçou seu reconhecimento como objeto de estudo histórico, mas é oportuno também voltar uma atenção para os lupanares mais afastados.

Enfim, Campo Maior guarda histórias que necessitam ser reveladas, que dão voz aos calados por timidez ou por sufoco. Personagens presentes, mas silenciosos, sobre os quais pairam indagações sem resposta

1.2 A historiografia campo-maiorense: pioneiros

A história de Campo Maior está ligada à do Piauí de forma intrínseca. Foi uma das primeiras vilas nesse território instaladas. Citada de uma forma geral, tardiamente a sua história passou a ganhar um destaque mais particular nas produções historiográficas.

A dedicação pela escrita de temas da História Local de Campo Maior parte de nativos ou de pessoas que mantêm relação de afinidade. Independente de formação profissional ou acadêmica, muitas pessoas tem por vários anos, tentado contribuir na produção historiográfica local. Ainda que muitos dos escritores locais não tenham uma formação específica dentro da ciência História, tomam para si a atitude de preservar a memória através de suas narrativas.

Advogados, médicos, contadores, poetas, professores, clérigos, têm contribuído para a construção de uma historiografia local. Muitos com escrita apurada, outros um tanto amadores, mas amadores no sentido de amar de fato a História Local, têm se destacado. No desenvolvimento desta pesquisa, são notórias essas diferentes origens tanto de trabalho como social dos escritores. Apesar de evidentes diferenças, um ponto comum os une: o interesse em consolidar e incentivar o conhecimento histórico local.

A produção historiográfica local é vasta, tendo como registro de primeiros trabalhos sobre essa temática os escritos de padre Cláudio Melo, na década de 1980. Antes, os registros e informações gerais sobre a história de Campo Maior aparecem em documentos oficiais

⁸ Monumento cívico, erigido no local onde ocorreu a Batalha do Jenipapo, situado a 9km do centro de Campo Maior, às margens da BR 343, sentido Litoral Piauiense.

⁹ Logradouro público onde a urbanização de Campo Maior foi iniciada. No seu entorno, além dos casarões do século XIX, encontram-se a Catedral de Santo Antonio, o prédio da Câmara Municipal e o Palácio Episcopal.

¹⁰ Anteriormente citada, essa rua consta como o antigo ponto de prostituição no centro de Campo Maior.

presentes na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros¹¹, Almanaque da Parnaíba¹², publicações de Monsenhor Chaves e Abdias Neves¹³, mas sem profundidade e atenção voltadas exclusivamente para a elucidação da história campo-maiorense. Posteriormente, a necessidade de expandir a informação sobre a história de Campo Maior suscitou que mais autores, de formações diversas, produzissem um cabedal de obras com a temática da história local.

Após leitura de vasto conteúdo, foi elaborada uma tipificação de autores sobre a historiografia campo-maiorense, partindo de uma análise de exemplos de obras a partir da categoria de seus autores, onde foram identificados como memorialistas, cronistas, e produções acadêmicas. Esse trabalho, através dos diversos exemplos, serve para apresentar uma amostragem a partir de um campo geral, de onde se pretende elucidar as naturezas dos trabalhos elaborados.

Antes de citar ou analisar o trabalho de qualquer historiador ou memorialista, cabe ressaltar a figura e trabalho de Padre Cláudio Melo, nascido na cidade de Campo Maior, em 02 de março de 1932 e falecido em 07 de maio 1998. Foi sacerdote católico e historiador, além de professor da Universidade Federal do Piauí. Doutor em sociologia pela Universidade Romana de Santo Tomás de Aquino. Exerceu cargo público no Conselho Estadual de Cultura, chefe do Departamento de Patrimônio Artístico e Cultural do Piauí. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Exerceu seu ministério sacerdotal nas paróquias piauienses de São Miguel do Tapuio, Campo Maior, São Pedro do Piauí e Teresina, onde faleceu em 1998. Publicou vasta obra de cunho histórico, sociológico e religioso, apresentando uma natureza multicultural e multidisciplinar, contribuindo assim para o enriquecimento da historiografia piauiense.

Para a análise historiográfica presente, utilizou-se a “Obra Reunida”, conjunto dos escritos mais significativos de Pe. Cláudio. A presente obra é fruto de trabalho realizado pela Academia Piauiense de Letras em comemoração ao seu centenário, num esforço conjunto de seus integrantes de resgatar obras de autores piauienses já há muito tempo esgotadas, com o objetivo de perpetuar a produção historiográfica e literária piauiense.

Padre Cláudio Melo, em sua vasta obra, destaca-se como pesquisador, que de forma pioneira, tomou a atitude de escrever um material que se dedicasse diretamente a destacar a

¹¹ Catálogo editado pelo IBGE entre os anos de 1957 – 1964, no qual consta a apresentação dos dados geográficos, históricos, humanos e sociais dos municípios brasileiros.

¹² Almanaque fundado em 1923 em Parnaíba, pelo empreendedor gráfico Benedito dos Santos Lima.

¹³ Joaquim Raimundo Ferreira Chaves (Campo Maior, 09 de março de 1913 – Teresina, 08 de maio de 2007). Foi professor, historiador, escritor, biógrafo e sacerdote católico. Escreveu diversas obras sobre História do Piauí, dentre elas: “Subsídios para a História do Piauí”(1952); “Campo Maior nas lutas pela Independência”(1971) entre outras. Abdias da Costa Neves foi um escritor, político brasileiro e senador da república velha. Escreveu “Aspectos do Piauí” em 1926.

necessidade de se produzir a história de Campo Maior propriamente de fato. Apesar de essa cidade ter oferecido ao Piauí diversos contistas, poetas, cronistas e mesmo historiadores, não houve até a figura de Pe. Cláudio, algum que escrevesse a respeito dos primeiros momentos da história das terras campo-maiorenses.

Sobre a temática da história relativa propriamente à Campo Maior, cabe destacar os trabalhos de Pe. Cláudio, que são: “Os primórdios de nossa história”, “Bernardo de Carvalho”, “Fé e civilização” e “A prioridade do norte no povoamento do Piauí”, contidos nessa pesquisa, dentro da “Obra Reunida”.

Através de “Os primórdios de nossa história”, escrito em 1983, Pe. Cláudio revela após extensa e exímia pesquisa documental, a identidade do primeiro desbravador e fundador de Campo Maior, Bernardo de Carvalho Aguiar, e elucida o pioneirismo do norte na ocupação do território piauiense. Nesse trabalho, incentiva a pesquisa histórica, e tece uma crítica à falta de iniciativa ou mesmo de ousadia de historiadores que não se empenham em pesquisar e buscar novas fontes, emersos num comodismo, e que por isso limitaram por bastante tempo o campo historiográfico relacionado á Campo Maior apenas à temática da Batalha do Jenipapo.

No seu trabalho de pesquisa, continuando ainda com uma crítica, aponta o erro que por décadas, desde que se começou a citar tópicos mínimos das origens de Campo Maior, de considerar-se o fundador desta cidade o nobre português Dom Francisco da Cunha Castelo Branco. Em suas pesquisas, Padre Cláudio revela que d. Francisco chega a Campo Maior cerca de 20 anos depois que Bernardo de Carvalho instala seus currais e constrói a nova capela de Santo Antônio nas proximidades do rio Surubim.

Para a construção desse trabalho, Pe. Cláudio realiza longa e profunda pesquisa em documentos dos arquivos históricos da Bahia, Maranhão, Pará, Pernambuco e em Portugal, o que lhe confere uma autoridade, entretanto, o próprio não ab roga a si o poder da certeza e da unanimidade. Muito pelo contrário, expressa o desejo de incentivar através de seu trabalho de pesquisa que se abra uma discussão, mesmo diante de contestações sobre sua produção, que surjam críticas e a partir disso, se expandam os horizontes de história piauiense e campo-maiorense:

Com o presente trabalho, jamais foi pretensão minha lançar MAIS UM LIVRO sobre a nossa história, antes, o que vivamente é meu propósito, é colocar nas mãos do estudioso UM LIVRO A MAIS, que positivamente some História e não volumes. (MELO, 2019, p. 251)

Em seu trabalho “Bernardo de Carvalho”, escrito em 1988, Pe. Cláudio revela o que suas pesquisas concluíram: o nome do homem que inicialmente ocupou e deu origem à urbe campo-maiorense, atestando seu pioneirismo e elevando a contribuição desse personagem responsável pela ocupação inicial do vale do Rio Longá¹⁴ pelo elemento português no norte piauiense:

Este livro tem particularmente a finalidade de tentar avivar no espírito do leitor e na alma piauiense de hoje, a memória de Bernardo de Carvalho e Aguiar, fundador de Campo Maior, de São Miguel do Tapuio, de São Bernardo do Maranhão, o idealizador de Caxias e o último Mestre de campo das conquistas do Piauí e Maranhão (MELO, 2019, p. 443)

Em destaque, a obra de Pe. Cláudio Melo é tão vasta e significativa que uma grande quantidade de trabalhos, de pesquisas, dissertações ou outras produções de natureza histórica a respeito da temática do Piauí e em especial de Campo Maior, o tem como referência. Sua obra serviu como um incentivo para o movimento de estudo e pesquisa de História Local. A utilização de fontes adquiridas tão longe, tanto em tempo ou espaço, o torna um parâmetro de significação da pesquisa em História Local, que é refletida na grande quantidade de obras que o tomam como referencial bibliográfico nos últimos vinte anos.

1.2.1 Breve apresentação historiográfica.

Proponho uma melhor compreensão acerca da historiografia local, dividindo-a em categorias as produções analisadas. Destaca-se em princípio, autores que não são historiadores de formação, mas que desejam dar a sua parcela de contribuição para enriquecer a produção historiográfica de Campo Maior.

Considerando que o interesse em registrar a História Local tenha servido para incentivar vários campo-maiorenses, ou os que sentiram-se enlaçados por esta terra, uma profícua produção historiográfica foi verificada. Apresenta-se uma obra que se destaca pela variedade de assuntos abordados sobre a história, costumes, economia, tradições, características gerais, geográficas e humanas de Campo Maior. Trata-se do livro “Geração Campo Maior – anotações para uma enciclopédia”, escrito por Reginaldo Gonçalves de Lima, no ano de 1995.

¹⁴ Situado no norte do Estado do Piauí, tem sua nascente na Lagoa do Mato, município de Alto Longá, a uma altitude de 150 metros. Corre na direção sul para norte e curso de 320 km, passando pelos municípios de Coivaras, Altos, Campo Maior, Nsa. Sra. de Nazaré, Boqueirão do Piauí, Boa Hora, Barras, Batalha, Esperantina, Joaquim Pires, Caxingó e Buriti dos Lopes, onde deságua no Rio Parnaíba. Historicamente, o Rio Longá se destaca, pois foi em seus vales, que se instalaram e se expandiram os primeiros currais e fazendas no período de ocupação do Piauí.

Este livro pode ser considerado como uma referência nos estudos sobre a História Local, servindo de fonte de pesquisa.

Apesar de no geral apresentar uma narrativa tradicional, esta obra traz informações sobre os mais diversos aspectos da cidade de Campo Maior. Segundo Elmar Carvalho, que será apresentado mais adiante, o fato de Reginaldo Gonçalves não ser campo-maiorense de nascença, o fez um observador esta cidade, que, tendo uma visão exterior, pôde fugir do olhar acostumado de quem não mais se surpreende com os aspectos de sua terra natal e de moradia.

[...] provavelmente por ter vindo de fora, pôde perceber com mais clareza e precisão as peculiaridades de Campo Maior, porque despojado da acomodação do costume. Essa distância também lhe foi benéfica em outro aspecto: deu-lhe maior isenção para pesquisar e julgar, meditar e interpretar, estudar e valorar os atos e fatos da história, bem como dos homens que a fizeram e fazem. (LIMA, 1995, p 17)

Esta produção apresenta aspectos gerais do município de Campo Maior, relativos aos símbolos cívicos, características físicas naturais geográficas. Mais adiante discorre sobre o turismo local, gastronomia e outras de suas principais atrações, além das potencialidades que podem ser exploradas. Discorre sobre as manifestações culturais populares do folclore e religiosas.

Traz um retrospecto histórico, onde se observa que o mesmo absorveu muito do trabalho historiográfico desenvolvido pelo Pe. Cláudio Melo, pois reconhece Bernardo de Carvalho como o primeiro personagem do processo de ocupação das terras campo-maiorenses pelo elemento português, mas não deixa de ressaltar a figura da família Castelo Branco nesse processo.

Uma característica presente em sua obra é a dedicação de um capítulo especialmente sobre as “personalidades” locais, intitulado “Campomaiorenses de todos os tempos” (LIMA, 1995, p. 126). Observa-se que o viés tradicional de se tratar aspectos históricos locais é presente, ao ressaltar as personalidades locais e detentores de alguma influência política ou econômica. Entretanto, em um penúltimo capítulo, intitulado de “Participação do povo”, Reginaldo Gonçalves dobra-se e destaca entre uma narrativa e outra, personagens populares e causas a eles relacionados, nisso observo que já desponta um interesse pela história de vida de tipos mais populares.

Apesar de forte ufanismo, o trabalho desenvolvido por Reginaldo Gonçalves Lima em seu livro “Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia” traz uma contribuição significativa, apresentando-se, em nível de Campo Maior, como um instrumental para o conhecimento da História Local. Inquieto por conta da ausência de um trabalho que viesse a

contemplar se não a totalidade histórica, social, geográfica, humana, cultural e econômica de Campo Maior, tomou a iniciativa de elaborar um trabalho que ao menos amenizasse tal carência.

1.3 Poetas e literatos

Dentre os diversos escritores que se dedicam a relatar a história campo-maiorense, Elmar de Carvalho tem em sua trajetória literária, destacado e dedicado tempo para a pesquisa histórica local.

Nascido em Campo Maior, é juiz de direito e administrador de empresas, cursos que, apesar de pertencerem à grande área das Ciências Humanas, possuem naturezas, metodologias e funções diferentes da história, o que não o impediu de escrever obras/crônicas históricas que bastante tem contribuído na evolução da historiografia local de Campo Maior. Por sua notória produção bibliográfica, é membro da APL, Academia Piauiense de Letras.

Dentre suas obras, cabe destacar as de cunho histórico que foram desenvolvidas a partir de apurada pesquisa e tem servido como referência nos trabalhos e produções sobre história local. Além de livros escritos e eletrônicos (e-book), Elmar tem mantido o blog “Bitorocara”, uma referência ao nome da antiga fazenda que deu origem a cidade de Campo Maior. Os livros “Bernardo de Carvalho – fundador de Campo Maior” e “Cromos de Campo Maior”, por melhor encaixarem-se dentro da proposta desta discussão historiográfica, descrevem as origens históricas do município e a história e feitos do fundador de Campo Maior, cujo livro é homônimo.

No livro “Bernardo de Carvalho - fundador de Campo Maior”, é elaborada a trajetória dessa figura histórica, em que se evidenciam suas origens em Portugal e ressalta sua atuação no Brasil, em terras piauienses, como pacificador de indígenas e fundador de diversas fazendas e capelas que deram origem a povoações no Piauí e Maranhão.

Nessa produção percebe-se a apresentação de Bernardo de Carvalho como um herói, senhor feudal, cavaleiro, uma visão ufanista e heroicizada. Este escrito reforça a afirmação anteriormente levantada pelo padre Cláudio Melo anos antes em seus livros “Bernardo de Carvalho”, “A prioridade do norte no povoamento do Piauí”, “Os primórdios de nossa história” e “Fé e civilização”, que descarta completamente a primazia da família Castelo Branco na fundação de Campo Maior. Além disso, seu livro mostra-se como uma veemente afirmação sobre a primazia de Bernardo de Carvalho na ocupação de Campo Maior.

A respeito da segunda edição desse livro, o qual em seu desenvolvimento ele versa sobre história e patrimônio natural e arquitetônico de Campo Maior, são feitas referências às figuras consideradas históricas, mas que, como ele menciona, são esquecidas pelos campo-maiorenses.

É perceptível nesse ponto o indício de uma preocupação em revelar histórias não ditas, na intenção de um resgate de personagens que estão fora do círculo da história oficial. Estes personagens, que apesar de serem desconhecidos, ainda assim não são tipos comuns, são considerados dentro dessa obra, como figuras proeminentes da sociedade inseridos num contexto histórico em que se encontram. A saber: Simplício José da Silva, “herói” da luta contra Fidié¹⁵, Raimundo Gomes Vieira Jutaí, liderança e estopim da Balaiada, e o senador José Eusébio de Carvalho Oliveira, que foi deputado federal e senador da república por 25 anos, cujo nome denomina uma das principais ruas comerciais do centro de Campo Maior.

Apresentam-se no referido livro, sugestões em relação ao aproveitamento do patrimônio natural e arquitetônico do município, destacando a Serra de Santo Antônio¹⁶, vislumbrando-a como importante local da prática de lazer e atividades esportivas. Por fim, numa forma de afirmação veemente, ele reforça que sim, além de Bernardo de Carvalho ter sido o fundador de Campo Maior, a sua fazenda Bitorocara de fato foi o núcleo inicial da urbe campo-maiorense.

Percebe-se na sua produção historiográfica o destaque para confirmar a história de uma figura já consolidada como fundador da cidade, e que ainda que não adentre na temática da história vista de baixo, ele já sinaliza de que o importante é fazer esse resgate da história de vida de personagens dito periféricos ou ignorados pela historiografia oficial e recorrente, apesar de que, esses personagens sejam detentores de prestígio social e apresentados como heróis idealizados.

No seu livro “Cromos de Campo Maior”, apresenta-se uma obra de natureza poética, com apresentação em versos, da história e características locais, personalidades e aspectos naturais. É mais uma elegia à cidade de Campo Maior de caráter ufanista.

¹⁵ João José da Cunha Fidié: comandante das tropas portuguesas no período em que aconteciam as lutas pela Independência do Brasil.

¹⁶ Serra localizada no centro-norte do estado do Piauí, com área preponderante nos municípios de Campo Maior, Coivaras e Alto Longá. Possui altitude máxima de 402 metros, com vegetação típica da mata dos Cocais. De formato tabular, constitui-se num prolongamento da serra da Ibiapaba. Por decreto de nº 18345 de 8 de julho de 2019, é categorizada como Parque Estadual.

Fala sobre o “pequeno Açude Grande¹⁷”, apresentado como inspiração poética e cartão de visitas do município. Destaca a Catedral e os festejos de Santo Antonio, os grandes carnaubais e o rio Surubim. O destaque para a figura do vaqueiro é um nuance próximo da figura do homem simples. Mais adiante, torna a trazer referência para a história da fazenda Bitorocara e de seu fundador, Bernardo de Carvalho. Destaca o monumento aos Heróis do Jenipapo, evidenciando a temática hiperexplorada no tocante á história local.

Ainda que se apresente de forma poética, “Cromos de Campo Maior” não se propõe de ser uma obra que evidencie personagens específicos, mas tece uma homenagem à terra campo-maiorense e suas particularidades locais, revelando características ufanistas muito presentes em diversas produções relacionadas aos temas locais.

A admiração pelo “fundador” de Campo Maior é destacada em um trecho do poema presente no livro, que mais uma vez ressalta a figura de Bernardo de Carvalho como pacificador:

Não tanto herói de conquistas
Muito menos El matador
Muito mais El Pacificador...
Valoroso na guerra,
Amante e pacífico na paz...
(CARVALHO, 2016, p. 89)

Nesses versos, apresenta-se a proposta de afirmação de uma figura diferente dos bandeirantes truculentos que devassaram terras e dizimaram populações indígenas. Vê-se a heroicização de um personagem, a afirmação da “bondade” e humanidade do fundador de Campo Maior.

Não sendo propriamente uma produção voltada ao estudo de história de Campo Maior, cabe destacar um poeta popular que em suas linhas de cordel, descreveu fatos, costumes e causos da história e cotidiano local, contribuindo assim para uma representação do que é ser campo-maiorense. Trata-se do poeta cordelista popular Cunha Neto.

Cunha Neto, nascido em Campo Maior, foi um escritor cordelista brasileiro, autor de vários livros de cordel e de poesias. Foi membro da Academia Campomaiorense de Artes e Letras, a ACALE. Nascido em 02/06 de 1924, faleceu em 07/02 de 2010. A obra de Cunha Neto é extensa.

De seus muitos escritos publicados, vários dedicam-se a falar sobre fatos da cultura e história local, onde pode-se destacar: “Nossa Terra, Nossa Gente”, “Piauí cantado em versos –

¹⁷ Lago artificial, situado no centro da zona urbana de Campo Maior. Construído ainda na segunda metade do século XIX, constitui-se hoje como atração paisagística local.

informativo turístico comercial”, o peculiar “Nossa homenagem a quatro celebridades campomaiorenses”, “Aspectos da Batalha do Jenipapo”, “Campo Maior do passado... e do presente” e “Recordando a festa de Santo Antônio de Campo Maior”.

No livro intitulado “Nossa Terra, Nossa Gente”, Cunha Neto em seus versos de cordel, faz uma coletânea de biografias de pessoas ditas proeminentes da cidade de Campo Maior. É perceptível nesse livro, que ele pretende homenagear seus amigos pessoais, políticos, empresários ou figuras eclesiásticas, sem, contudo, mencionar pessoas mais simples. Nesse livro apresentam-se outros textos de cordel que enaltecem aspectos paisagísticos ou culturais de Campo Maior.

Em “Piauí cantado em versos”, é apresentado um volume contendo poesias em homenagem mais uma vez a políticos e empresários, além de fazer uma propaganda de casas comerciais existentes em Campo Maior e cidades vizinhas. Este livro aparece como um catálogo de propaganda, além de trazer trovas dedicadas aos patrocinadores do mesmo.

Adentrando um pouco mais no contexto de narrativas históricas, a brochura “Campo Maior do passado... e do presente”, Cunha Neto faz uma curiosa evocação á pessoas, locais e costumes desaparecidos ou em vias de desuso na cidade de Campo Maior. É notável um tom de lamento e saudosismo. Cunha Neto, de tão melancólico, denomina a cidade de “terra do já teve”. Mais adiante cita obras, pessoas e lugares que se destacam no tempo presente da escrita dos versos (1997), como que uma porta de esperança de dias melhores para a cidade. No corpo do texto obra, aparece um bom número de patrocinadores, e, de forma muito discreta, a citação de pessoas simples, apenas num pequeno verso:

Bom dia meu pescador
 Meu lavrador, meu vaqueiro
 Bom dia, meu motorista
 Pois tu és o pioneiro
 Bom dia, população
 Guarda em teu coração
 Este tema verdadeiro...
 (NETO, 1994, p.32)

Ele com sua arte e talento, no cordel “Aspectos da Batalha do Jenipapo” descreve de forma simples, numa linguagem popular, a narrativa do evento que é um marco histórico regional. Na sua maneira de descrição dos fatos, aparecem os seguintes versos:

Vejam como aconteceu
 Essa batalha mortal
 Pensamento de D. João VI

Que era rei de Portugal
 Já tinha premeditado
 Esse encontro afinal...
 (NETO, 2004, p. 02)

Mais adiante narra o confronto:

E no dia 13 de março
 Houve a grande divisão
 Duas forças se encontraram
 Com Fidié, o valentão
 Às margens do Jenipapo
 Foi grande a destruição...
 (NETO, 2004, p.06)

A obra de Cunha Neto reflete o meio social no qual ele estava inserido. Já havia sido eleito vereador na década de 1980 e era bastante querido pelos políticos, tanto que seu cordel “Nossa homenagem a quatro celebridades campomaiorenses”(2004), ele escreve versos homenageando o prefeito municipal, o vice-prefeito, o prefeito de Teresina da época, nascido em Campo Maior, e um humorista piauiense, cidadão honorário de Campo Maior. Outra vez, é perceptível uma omissão ou desinteresse de homenagear em versos pessoas que não sejam por ele consideradas celebridades.

Cunha Neto era um homem religioso, bastante ligado à Igreja Católica, bem como toda a sua família, inclusive sua esposa, Ana Cunha, ainda viva. No cordel “Recordando a festa de Santo Antônio de Campo Maior”, ele descreve os aspectos da festa de Santo Antônio, tanto de como ela era realizada em tempos passados, como quanto passou a ser realizada no tempo presente em que ele escreveu este cordel (1996)

No dia 31 de maio
 É o levante da bandeira
 É a procissão mais bonita
 Que temos nessa ribeira...
 Antigamente saía
 Da casa “Belo Horizonte”
 Do Cap. Ovídio Bona...
 Hoje sai do Patronato
 A grande carnaubeira...
 (NETO, 1996, p. 01)

Mais adiante, destaca os círculos sociais presentes nas comemorações ao padroeiro:

Algumas destas noites
 Eu pretendo destacar
 A noite dos comerciantes

Arranjam jóias pra sobrar
Lavradores e Fazendeiros
E a noite dos vaqueiros
As carrocinhas pra coroar
(NETO, 1996, p. 02)

Em seus diversos escritos, Cunha Neto busca descrever a terra onde viveu e que amou, assim como a acontecimentos e personagens de seu convívio social ou que na sua visão, mereciam ser homenageados. Como escritor de cordel e pessoa bastante popular, sempre foi uma referência na cultura local.

Cunha Neto era homem de seu tempo – não era historiador, nem cientista –, mas através de sua obra conseguiu poetizar uma visão nostálgica do passado de sua cidade. Cunha Neto era homem do povo, portador de talento, com trânsito livre nos mais diversos círculos sociais e merece ser lembrado.

1.4 Historiadores em ação

Professores pesquisadores animados em consolidar a produção historiográfica de Campo Maior, têm se destacado nas décadas iniciais do presente século. Em sua totalidade são professores e egressos de cursos graduação e pós-graduação que tem utilizado a sua prática docente e conhecimentos adquiridos na sua formação superior para contribuir numa maior propagação e alcance a um público interessado pela História Local.

Inicialmente, cabe destacar a atuação do professor Celson Chaves. Historiador, trabalha na rede pública de ensino no Estado do Maranhão, mas reside em Campo Maior. Devido sua formação acadêmica, atua seguindo o perfil de professor historiador pesquisador. Sua obra é vasta, consistindo na produção e publicação de livros e artigos, tanto impressos, quanto no formato eletrônico. Ultimamente ele organiza os chamados “cafés literários”, eventos nos quais ele visa apresentar escritores locais ou regionais e suas obras, numa forma de divulgação da produção cultural.

No presente trabalho, foram utilizados como referência para a análise historiográfica livros seus e pequeno artigo, que revelam a visão e a corrente de pensamento desse historiador no que diz respeito sobre a escrita da história. As obras analisadas foram: “Rua Santo Antônio – a prostituição feminina em Campo Maior”; “A urbanização de Campo Maior – 1930 a 1970” e o pequeno artigo “Por outras histórias”, produções que fazem parte da coleção intitulada “Historiografia campomaioreense”.

O livro “Rua Santo Antônio – a prostituição feminina em Campo Maior” apresenta uma análise sobre a condição marginal das prostitutas da Rua Santo Antônio, em Campo Maior,

dentro do recorte histórico de 1940 a 1975. A Rua Santo Antônio, a saber, trata-se de um logradouro público localizado no centro de Campo Maior, onde durante muitas décadas abrigou a principal área de prostituição no município. Hoje em ruínas, ou parte demolida, seus antigos prostíbulos se resumem a uma zona decadente freqüentada por indivíduos marginalizados, muitos descendentes das antigas moradoras dessa rua.

No desenvolvimento dessa obra, Celson trabalha com o levantamento de fontes utilizando tanto documentos escritos, quanto utilizando a História Oral, através de relatos e entrevistas com os sujeitos históricos de diversos níveis sociais. Segundo ele, utilizou-se dos recursos e orientações da escola da História Nova, que em acordo com Jacques Le Goff, tal história é independente de ortodoxias ideológicas e valoriza as múltiplas contribuições e pluralidades presentes no problema a ser estudado.

De acordo com as propostas da História Nova, Celson Chaves expande seu trabalho, ao falar sobre a prostituição em Campo Maior, para um campo histórico que ouve e dá voz aos marginalizados, fugindo da estrutura da historiografia positivista, na medida em que trabalha também com as memórias, individuais e coletivas, utiliza fontes orais, que para ele são elementos fundamentais para a compreensão da História Local. Buscou inclusive nessa produção, manter a fala dos entrevistados e em alguns momentos, manter também o sigilo da identidade de alguns dos entrevistados, haja vista que falar sobre prostituição ainda apresenta-se como um tabu para muitas pessoas.

No livro analisado, são apresentadas e as condições de vida e trabalho das prostitutas durante o auge e decadência da “Zona Planetária”, que tratava-se do setor da Rua Santo Antônio em sua parte mais efervescente, e recebia essa denominação pelo fato de que cada prostíbulo recebia o nome de um planeta do Sistema Solar, além de outros estabelecimentos, denominados por “Ordem” e “Progresso”. Estes locais por serem localizados num espaço mais central, eram a zona do alto meretrício, freqüentada por comerciantes de cera e pó de carnaúba, como também por fazendeiros e outros tipos de comerciantes e negociantes. Já o setor localizado após a Igreja do Rosário, no sentido para o rio Surubim, era conhecido como “Zabelona”, que com o “cabaré da Bárbara”, constava como o baixo meretrício, freqüentado por indivíduos de baixo poder aquisitivo.

Em capítulos seguintes, ele aborda o cotidiano desses locais, onde descreve as discriminações sofridas por suas moradoras, e elabora um paralelo das características desse lugar, que leva um nome de santo, mas desenvolve uma atividade dita profana, além de observar a vida dessas mulheres inseridas num “contexto extremamente conservador, moralista e ambíguo”(CHAVES, 2007, p. 48)

De acordo com o escritor, este trabalho espera revelar as cicatrizes das vidas que passaram pela Rua Santo Antônio, de maneira que uma: “interpretação histórica não é a melhor e a nem pior, é apenas mais uma na espera de *historiadores* que queiram aprofundar nessa temática, para que possam analisá-la, criticá-la e quiçá utilizá-la” (CHAVES, 2007, p. 22)

Numa segunda produção, “A urbanização de Campo Maior – 1930 a 1970”, Celson Chaves desenvolve uma pesquisa que trata da evolução urbanística da cidade de Campo Maior, dentro de um determinado recorte temporal, num espaço de quarenta anos. No referido trabalho, apesar de versar sobre urbanismo e materialidade, não deixa de apresentar uma discussão sociológica e histórica que foge do sistema de história positivista, já que envolve também as histórias de tipos comuns de pessoas.

A estrutura desse trabalho segue a ordem de inicialmente fazer uma análise básica sobre a economia do período cronológico por ele pesquisado, mais precisamente a década de 1940, quando começam a se colher os frutos financeiros e de progresso da extração, produção e comercialização do pó e cera de carnaúba. Mais adiante, ele disserta sobre a urbanização de Campo Maior, apresentada nas transformações do espaço físico da cidade em expansão econômica e populacional. Em seguida, relata as mudanças de hábitos e comportamentos trazidos com o progresso local relacionados à iluminação pública e no lazer.

O livro “A Urbanização de Campo Maior – 1930 a 1940”, não é apenas descritivo, mas apresenta um diferencial em relação a outros trabalhos que não tratam da temática história e cidade.

[...] este trabalho de caráter histórico representa “um diálogo” frutífero entre a subjetividade do historiador (sentimentos e idéias) e a objetividade de sua pesquisa (métodos, teorias e fontes, unindo tudo isso para buscar uma parte da trajetória passada da urbanização da cidade Campo Maior (CHAVES, 2007, p.21)

Trata-se de um trabalho, que além de romper com o positivismo histórico, abarca outros campos historiográficos, focando na cidade e suas faces na constituição das redes de sociabilidades num contexto histórico.

Em um pequeno artigo intitulado “Por outras histórias”, Celso tece uma forte crítica à historiografia campo-maiorense, segundo ele já desgastada e carcomida pelo recorrente tema da Batalha do Jenipapo, procura através dessa crítica, atentar para a necessidade que a história de Campo Maior aproveite o seu potencial múltiplo e não deve encarcerar-se unicamente nesse evento e seus desdobramentos.

Nessa reflexão historiográfica, ele ressalta a figura de Pe. Cláudio Melo, que constituiu-se como pioneiro de uma escrita sobre a história de Campo Maior que fugisse da temática da

Batalha do Jenipapo, haja vista que o mesmo desenvolveu pesquisas no Brasil e Portugal que apontam para a identidade do possível fundador da cidade Campo Maior, Bernardo de Carvalho, já citado anteriormente. Celso Chaves critica ainda o dogmatismo que “cega o historiador, não deixa ir para além do sistema que definiu ou escola que pertenceu”(CHAVES, 2007, p. 9), fazendo que, tanto a nível independente de cronistas, memorialista ou mesmo acadêmico, se repita de formas diferentes ou copiadas a MESMA HISTÓRIA (como assim ele destaca), denunciando um excessivo apego a essa temática, seja pela comodidade das fontes historiográficas disponíveis, ou pela falta de coragem de adentrar na diversidade de temas da história local.

Na produção de Celson Chaves, é perceptível o seu interesse de autor de revelar/desvelar outros aspectos, fatos e personagens da história de campo-maiorense, em que se distancie da tradicional forma de escrever história, seja ela feita por cronistas ou mesmo integrantes da academia histórica.

Outro professor que tem dedicado seu tempo às pesquisas históricas locais é Francisco de Assis Lima. Licenciado em História, especialista em História do Brasil, atua como pesquisador da História Local. É poeta, fotógrafo, radialista, já atuou como camelô, líder sindical, líder estudantil, organizador de grandes eventos culturais em Campo Maior, como a festa “Coração de estudante”, nas décadas de 1990 e 2000. Uma pessoa bastante envolvida nos mais diversos movimentos culturais da cidade de Campo Maior, o que lhe proporciona um maior contato com pessoas e documentos relativos à História Local. Mantém sob sua responsabilidade, uma biblioteca e museu particular, o “Museu Popular de Campo Maior”

Dentre seus trabalhos produzidos e publicados, a análise deteve-se particularmente sobre dois, que exploram aspectos da história de Campo Maior: “Campo Maior em recortes” e “A Batalha – o reconhecimento”. Seus trabalhos têm auxiliado em tempos recentes a produção acadêmica historiográfica, sobretudo em trabalhos de estudantes do Campus “Heróis do Jenipapo”, pólo da Universidade Estadual do Piauí(UESPI), nesta cidade.

“Campo Maior em recortes” procura apresentar um apanhado histórico da cidade a partir de pesquisas documentais sobre as suas origens, evolução espacial, populacional e econômica, além de destacar a Batalha do Jenipapo, manifestações culturais locais, a evolução política administrativa e apresentar artigos de jornais de época que versam sobre peculiaridades campo-maiorenses. Está presente no livro um capítulo destinado a homenagear um cidadão

campo-maiorense que exerceu muita influência na sociedade local em sua época, o “Irmão Turuka”¹⁸.

Na primeira parte, intitulada *Campo Maior ontem e hoje*, Assis Lima apresenta sua obra como fruto de apurada pesquisa, que traz consigo fatos interessantes que são úteis aos jovens estudantes e aos saudosistas. Nota-se aí a intenção de Assis Lima em popularizar sua obra, tornando-a utilitária em pesquisas, e em relação ao público saudosista, proporcionar um regresso a tempos vividos em seus passados.

O trabalho do historiador-pesquisador-professor é por ele evidenciado ao referir que muitas fontes documentais foram utilizadas. Fontes essas de diversas naturezas como a História Oral, colhida em entrevistas e conversas realizadas com famílias e através da consulta a textos jornalísticos retirados de jornais e almanaques em circulação na segunda metade do século passado.

A pretensão do autor de que seu livro seja fonte de pesquisa faz-se perceber quando ele diz:

[...] os escritos históricos ajudam a construir tudo o que somos e que temos. Este trabalho, com certeza, não será o único. Outros homens e mulheres terão a oportunidade de realizar trabalhos que se somarão a este e a tantos outros já escritos sobre o povo e a terra que tão pouco conhecemos. (LIMA, 2008, p. 15)

Nessa assertiva, é notório que Assis Lima tem absorvido a tendência historiográfica de tornar os trabalhos e obras históricas acessíveis a um grande número de pessoas, e assim incentivar nos leitores e pesquisadores de suas obras, a atitude de contribuir para a expansão da produção historiográfica de Campo Maior através de pesquisas

Ainda sobre a primeira parte desse livro, as origens de Campo Maior são descritas a partir da análise e interpretação de produção historiográfica muito utilizada, onde se destacam personagens considerados como fundadores de Campo Maior e incentivadores de seu progresso no tocante à grande atividade econômica de destaque na ocupação do território de Campo Maior e do Piauí, a criação de gado, empreendida por Bernardo de Carvalho e os dois Domingos, o Mafrense e o Jorge Velho, os dois últimos com atuação nas conquistas e ocupação do Piauí na região dos rios Canindé e Parnaíba. A narrativa histórica dessa parte do livro não foge de certo modo, do padrão da História Positivista, haja vista que destaca os “grandes vultos” da história local e regional.

¹⁸Antonio Andrade Filho. Comerciante, contista, memorialista e jornalista. Foi o fundador do Centro Espírita “Caridade e fé” e do jornal “A Luta”.

O ponto em que se omite esse viés positivista na história abordada por Assis Lima sobre a ocupação de Campo Maior e a pecuária como fonte de riqueza e desenvolvimento da urbe campo-maiorense, repousa na crônica “Retórica de vaqueiro”, artigo do jornal “A Luta¹⁹”, que narra a “peleja” de dois vaqueiros em luta corporal após um dia de trabalho seguido de bebedeira. Homens singelos, sem pose de heróis bandeirantes, são o centro da narrativa.

A temática da Batalha do Jenipapo é destacada, com o diferencial de ser apresentada através de uma crônica do jornal “A Luta”, escrita pelo “Irmão Turuka”. Esta crônica foi redigida através de pesquisas e leituras já produzidas, tratando-se de um texto de formato descritivo, repleto de nomes com patentes elevadas como brigadeiros, comandantes, capitães, El rei, sua majestade, etc. A simples referência ao povo humilde na descrição destes fatos como vaqueiros, lavradores, escravos, sequer aparece.

Em vista disso, a crônica coletada por Assis Lima, não deixa de apresentar um tradicionalismo na escrita da história. O escritor desse artigo, apesar de ser um homem popular, não pertencia a uma classe dita baixa. Ademais, não possuía formação superior em História, era um cronista e em sua escrita, apresenta o ideário de sua origem e posição social. Entretanto, a matéria que o mesmo escreveu não deixava de ser um informativo importante para os leitores campo-maiorenses no distante ano de 1969.

Noutro artigo do Irmão Turuka, há uma interessante descrição da festa de Santo Antônio, além de descrever o centro pulsante da cidade de Campo Maior antigamente: as praças Bona Primo e Ruy Barbosa, onde estão localizadas a Igreja de Santo Antônio, a Câmara Municipal, e os hoje inexistentes, Pelourinho, que estava localizado no centro da Praça Bona Primo, e prédio da antiga prefeitura, demolida em fins da década de 1980, dando hoje lugar ao “Espaço Cultural Dom Abel Alonso Nuñez”, onde se realizam os shows musicais durante os festejos de Santo Antônio.

Em continuidade no seu livro, Assis Lima apresenta extensa lista informativa e fotográfica do quadro administrativo de Campo Maior a partir do ano de 1892 até o ano de 2008, quando o livro “Campo Maior em Recortes” foi publicado. Ao fim da primeira parte, Assis Lima destaca o histórico da evolução da Educação campo-maiorense; aspectos culturais relacionados à música e diversões de antigamente.

Na segunda parte desse livro, ele tece uma homenagem ao Irmão Turuka, nascido em 26 de janeiro de 1924 e falecido em 28 de junho de 1970. Irmão Turuka desempenhou as funções de farmacêutico e destacou-se por sua atenção aos mais necessitados, através de obras

¹⁹ Jornal de circulação local muito popular entre as décadas de 1960 a 1970. Suas matérias e crônicas têm servido de fonte de pesquisa historiográfica em diversos trabalhos acadêmicos.

sociais, de assistência e caridade, sendo o fundador do Centro Espírita “Caridade e Fé”, entidade ainda em funcionamento.

A homenagem de Assis Lima ao Irmão Turuka consiste na compilação de relatos sobre o dito, feitos por seus amigos e familiares. Percebe-se nesse ponto, que Assis utiliza os métodos de estudo de histórias de vida pessoal, a história da vida privada. Ao fim do livro, Assis Lima destaca aspectos físicos, geográficos e estatísticos de Campo Maior, num tom mais descritivo e não analítico, além de apresentar um anexo fotográfico.

O segundo livro pesquisado escrito por Assis Lima intitula-se: “A Batalha – o reconhecimento”. Apresenta-se como uma continuidade da escrita já desenvolvida por diversos autores a respeito da temática da Batalha do Jenipapo.

O livro “A Batalha – o reconhecimento”, traz uma síntese do que foi a Batalha do Jenipapo, para em seguida evidenciar os fatos que culminaram com a construção do Monumento do Jenipapo, como uma justa homenagem àqueles que lutaram e morreram em nome da consolidação da Independência do Brasil. (LIMA, 2009, p. 19)

Como descrito na citação, este trabalho vem apresentar uma panorâmica dos fatos que desencadearam esta efeméride histórica e descrever também o processo de construção e consolidação desta batalha como evento histórico relevante no processo de independência nacional. Ressalta ainda que mesmo com todos os esforços, este acontecimento histórico ainda não alçou um reconhecimento nacional digno.

Na parte I, títulos em seqüência mostram o desenrolar desse evento desde os fatos iniciais do processo de independência do Brasil, como a chegada da Família Real, o dia do Fico, o Grito do Ipiranga e como esses acontecimentos ressoaram na tão distante e quase incomunicável província do Piauí, no biênio de 1822/1823.

Assis Lima usa como recurso a descrição dos fatos da Batalha do Jenipapo, já narrada em diversas produções por autores do Piauí, como o Monsenhor Chaves, Abdias Neves, e Odilon Nunes²⁰. A obra desses autores traz em suas narrativas um grande destaque a personalidades de prestígio de Oeiras e Parnaíba, como, por exemplo, João Cândido de Deus e Silva²¹, João José da Cunha Fidié, Manoel de Sousa Martins²², e outros mais, seguidos ou

²⁰ Nascido em Amarante em 22 de outubro de 1899, faleceu em Teresina a 22 de agosto de 1989. Professor e historiador brasileiro. Autor de diversas obras de pesquisa histórica, entre elas “O Piauí na História (1931), “Independência do Piauí”(1960) e “Pesquisas para História do Piauí”, obra em 4 volumes.

²¹ Liderou o movimento de adesão à independência do Brasil no Piauí, proclamada em 19 de outubro de 1822, de onde fuge para Granja (CE), quando da aproximação de Fidié.

²² Nascido e falecido em Oeiras (1767 – 1864 respectivamente), foi militar e político brasileiro, um dos mais atuantes personagens da independência do Piauí.

antecedidos por títulos como major, capitão, brigadeiro, coronel, etc. Ao citarem Campo Maior no contexto da luta, mais uma vez aparece essa quantidade de patentes militares e de nobreza, entretanto as camadas populares continuam sem nome, sem patentes e títulos, tendo servido apenas para compor a linha de frente do confronto.

Não pretende-se aqui, julgar os escritores tradicionais que descreveram a Batalha do Jenipapo, mantendo o povo no anonimato. Deve-se considerar, que antes o viés de se contar a História seguia outro ritmo.

Na parte II do livro “A Batalha – o reconhecimento” é descrito o processo de construção da imagem de heroicidade da Batalha do Jenipapo e sua relevância no cenário da história nacional, a partir do movimento entusiasta de uma figura da sociedade campo-maiorense, Otacílio Eulálio, que muito se dedicou pela construção de um memorial no local do acontecimento da batalha. Vale ressaltar onde foi travada a batalha, já se constituía como local de referência histórica e religiosa desde pouco tempo após a luta, através de um cemitério, chamado até hoje de “Cemitério do Batalhão”, e de um obelisco erguido ainda no ano de 1922, durante as comemorações do primeiro centenário da Independência do Brasil. Na década de 1970, mais precisamente em 1972, em pleno governo militar, é inaugurado o Monumento aos Heróis do Jenipapo.

Ao descrever o empenho e amor pela terra natal por parte de Otacílio Eulálio, que lutou pelo reconhecimento da importância da Batalha do Jenipapo para a Independência do Brasil Assis Lima adentra no estudo das histórias de vida, das biografias, estratégia a qual se faz conhecer e inserir no processo de historicidade, os feitos e particularidades das pessoas comuns.

A produção de uma historiografia que ressalte temáticas locais tem incentivado outros professores, destaca-se aqui Pauliana Maria de Jesus com “A cidade dos desejos – reflexões sobre a modernização de Campo Maior – PI (1930 – 1940)”. Constando como sua primeira obra publicada, fruto de seu trabalho dissertativo do mestrado acadêmico em História do Brasil, realizado na Universidade Federal do Piauí – UFPI. Pauliana é professora das redes estadual e municipal, ministra a disciplina de História e desenvolve atividades administrativas na Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Em seu livro “A cidade dos desejos...”, expõe a motivação de ter produzido este material, a partir de questionamentos relativos ao processo de modernização da cidade de Campo Maior, dentro de um recorte temporal de quarenta anos, compreendidos entre 1930 até 1970, no qual para alcançar seus objetivos de explicar o seu trabalho, recorre a fontes documentais escritas, oficiais e às fontes e metodologias da história oral.

No desenvolvimento de seu trabalho, deixa claro que preferiu voltar suas atenções para a história campo-maiorense durante as décadas de 1930 até 1970 por considerar o período mais significativo em relação às transformações econômicas, sociais, políticas e principalmente estruturais na constituição do espaço urbano de Campo Maior, dado que isso é atribuído ao progresso ocasionado pelo incremento das atividades de extração, transformação e comercialização da carnaúba e seus derivados.

Ao realizar uma análise sobre esses processos de transformação verificados na cidade durante o período cronológico por ela apresentado, Pauliana busca estabelecer uma compreensão de como esses processos desenvolveram-se e foram orientados pelo poder público e de que maneiras a população local assimilou essas mudanças e por elas foi beneficiada ou excluída.

O papel da memória na construção historiográfica é presente em seu trabalho, no que diz respeito às suas abordagens acerca da relação estabelecida entre a memória individual e a memória coletiva, relacionadas à importância que os lugares de memória mantêm com os personagens dessa memória. Entrevistas e pesquisas, apoiadas na História Oral constituíram-se também como suportes de seu livro na proporção em que ela buscou “através da realização e análise de entrevistas... cujo objetivo foi perceber como os entrevistados representam as transformações urbanas da cidade” (JESUS, 2020, p.23)

O livro apresenta-se dividido em três capítulos, nos quais o primeiro prosa sobre a extração da cera de carnaúba e a sua relação com o progresso econômico e urbano de Campo Maior, além de apresentar o viés político presente nesse processo de desenvolvimento local através do contexto da “Revolução de 1930²³” por meio da administração pública.

No capítulo seguinte, ela produz uma análise a respeito do crescimento populacional de Campo Maior, e de como foram necessárias algumas intervenções na constituição da estrutura urbana através de desapropriações, demolições, modificações e construções de alguns prédios, com o objetivo de que essas ações denotassem à cidade aspectos de progresso, limpeza e civilidade, além de o quanto tudo isso foi bastante significativo para a população campo-maiorense.

Em seu terceiro e último capítulo, Pauliana dedica atenção a como essas transformações e melhorias urbanas refletiram-se nos logradouros públicos destinados ao lazer, bem como a nível privado, além de destacar o incremento dos meios de transporte, através da proliferação de veículos motorizados, e também de bicicletas e outros meios de transporte,

²³ Movimento político militar que determinou o fim da primeira República, ou República Velha (1889 – 1930).

principalmente com a chegada do trem e da passagem da rodovia federal, considerados como constituintes do discurso de progresso propagado, através da imprensa do período por ela estudado em seu trabalho de dissertação.

O trabalho desta autora serve como um referencial para a pesquisa historiográfica a respeito de Campo Maior, haja vista que, mesmo foi lançado recentemente e é apresentado através de uma escrita bastante compreensível. Este livro reflete a nova roupagem da historiografia, que expande o seu objeto de estudo, apresentando-se atraente e desperta interesse pela História Local.

A história do catolicismo local é apresentada no livro “Da matriz vejo a cidade: a Igreja de Santo Antônio em Campo Maior”. A obra analisada é fruto do trabalho dissertativo de Natália Maria da Conceição Oliveira, mestre em História no programa do Mestrado Acadêmico em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Foi lançado em 2015, e coincidiu com as comemorações alusivas ao tricentenário da instalação da paróquia de Santo Antônio de Campo Maior.

Como Natália define, o seu trabalho lança um olhar sobre a história da cidade de Campo Maior a partir da presença e influência exercida pela Igreja Matriz de Santo Antônio na constituição do espaço físico urbano, social, econômico e na mentalidade e imaginário da população local sob a ótica da religiosidade fundamentada nessa igreja:

A igreja aparece como protagonista, no entanto, é por meio dela que se apresentam a cidade, os seus habitantes e fiéis, bem como a intrínseca relação existente entre esse espaço citadino e o templo católico. Esta pesquisa buscou apresentar como um interfere diretamente no outro, pois o movimento urbano influenciou a Religião Católica, assim como a prática religiosa influenciou a cidade (OLIVEIRA, 2015, p. 17)

Assim, entende-se a intenção da autora em elucidar a relação existente entre a igreja matriz de Santo Antônio e o desenvolvimento histórico de Campo Maior, que mesmo não sendo uma cidade com função essencialmente religiosa, a exemplo de como acontece em grandes centros de peregrinação do Nordeste como Juazeiro do Norte e Canindé no Ceará, Santa Cruz dos Milagres no Piauí, ou Bom Jesus da Lapa na Bahia, conseguiu exercer grande influência na constituição do espaço físico e social, adentrando no campo das memórias e mentalidades da população local e também de outras regiões próximas ou distantes, haja vista que a igreja matriz de Santo Antônio é a Sé Catedral da Diocese de Campo Maior²⁴

²⁴ Circunscrição eclesiástica da igreja católica no estado do Piauí, sufragânea à Arquidiocese de Teresina, constituindo parte do regional Nordeste 4 da CNBB. Criada em 12 de junho de 1976, possui a extensão de 28. 934

O livro destaca o recorte temporal de trinta anos compreendidos entre 1941 e 1971, onde foi verificado ser o período em que houve mudanças significativas na estrutura paroquial, dada a chegada do pároco Monsenhor Mateus Cortez Rufino²⁵, responsável pela construção do novo templo da Igreja de Santo Antônio, e ser a época de mudanças também na cidade, em virtude da expansão econômica a partir exploração da carnaúba, que acarretou em desenvolvimento de ações governamentais para a melhoria da cidade e incentivo a várias novas formas de divertimento e sociabilidades, como o cinema, passeios públicos e incremento nos festejos do padroeiro.

Para a realização desse trabalho, Natália Oliveira, utilizou pesquisa documental e bibliográfica, e como foi muito necessário o trabalho com História Oral, efetivou entrevistas, haja vista que ela justificou que apesar de que nos últimos anos ter se ampliado a pesquisa sobre a temática da História Local, da parte tanto de estudantes, como por cronistas, poetas, memorialistas e professores historiadores pesquisadores, a igreja matriz de Santo Antônio ainda não havia recebido atenção enquanto objeto de pesquisa. Para ela, é aí que reside o ineditismo de seu trabalho.

Constituído em quatro capítulos, a autora enfatiza a influência econômica das atividades agropastoris e extrativas da carnaúba e do gado na formação da cidade, apresentando um pouco da história de Campo Maior, relacionando essas atividades à implantação do catolicismo nessas terras. Adiante analisa a história da evolução da igreja no tocante aos seus aspectos físicos, a partir de uma humilde capela, depois igreja e hoje Catedral, refletida nas mudanças arquitetônicas. Em outro capítulo, faz uma associação entre a igreja de Santo Antônio e a vida da cidade de Campo Maior, num espaço físico inicial relacionado às proximidades desse templo e depois sua irradiação por outras regiões da cidade e município e bem como do Estado do Piauí, após esta igreja constituir-se como sede diocesana. Por fim, destaca a posição dessa igreja como centro de sociabilidades através dos festejos do padroeiro em junho e em outras épocas do ano civil e litúrgico:

Sendo assim, partindo da interferência da Igreja de Santo Antônio na cidade de Campo Maior, buscou-se por meio dos escritos, embarcar em uma viagem que permitisse a compreensão da intrínseca relação existente entre esse espaço citadino e a sua Igreja Matriz. (OLIVEIRA, 2015, p. 29)

km² e aproximadamente 350.000 habitantes, possuindo 38 paróquias e áreas pastorais, distribuídas em 26 municípios.

²⁵ Pároco de Campo Maior no período de 1941 até 1971. Em sua administração foi construída a nova igreja de Santo Antônio, hoje Catedral. Incentivou a educação através da fundação do “Ginásio Santo Antônio” em 1947 e do “Patronato Nossa Senhora de Lourdes” em 1953.

O trabalho de Natália Oliveira apresenta uma interdisciplinaridade e enfoca na temática História e Cidade, que é uma das linhas de pesquisa ofertadas pelo Programa de Mestrado acadêmico em História do Brasil, UFPI.

Destacar a igreja matriz de Santo Antônio como uma temática de trabalho ou fonte pesquisa, envolve a ligação que os moradores de uma cidade têm com os espaços físicos por eles freqüentados e as representações e significados que esse lugar ocupa em suas mentalidades presentes no seu dia a dia. A igreja matriz de Santo Antônio não é apenas uma construção presente na paisagem local, é também um centro para onde convergem memórias e onde reside um significativo elemento simbólico ou prático no dia a dia das pessoas, onde para muitos, constitui-se como um local que faz parte das histórias de suas vidas.

A imprensa enquanto fonte histórica, é destacada no trabalho de José Ribamar de Sena Rosa. Rosa é funcionário aposentado da Universidade Federal do Piauí, licenciado em História por esta instituição. Além de historiador, possui formação superior e especialização em Processamento de Dados, pela Universidade Estadual do Piauí. É mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra do Rio de Janeiro.

Apresenta como trabalho dissertativo o livro “A LUTA, falando de trocas e meios”, o qual discorre sobre o histórico do jornal semanário de mesmo nome (A LUTA) que circulou em Campo Maior entre os anos de 1967 a 1979, o qual, segundo a pesquisa realizada, contribuiu para a construção de uma imagem identitária sobre o que é ser campo-maiorense.

Para Ribamar de Sena Rosa, seu livro busca revelar que esse jornal de forma intencional, ou não, a partir de suas colunas, matérias, repórteres e colaboradores, que eram pessoas naturais da cidade e que possuíam influência e representatividade sociais e políticas, forjaram “uma cartografia sentimental da cidade de Campo Maior” (ROSA p.10, 2015)

É um trabalho que privilegia a história da imprensa campo-maiorense na segunda metade do século XX, mais precisamente durante o período do regime de governos militares, no qual a imprensa vivia sob pesada censura e vigilância por meio da polícia de estado. Busca em análise, perceber como numa cidade de pequeno porte do interior nordestino, um noticiário pôde ter o seu pleno funcionamento e assim manter a população informada e ainda influenciá-la. Ele percebe em sua pesquisa, que o jornal “A LUTA” articulava-se com o tempo presente no qual ele esteve em funcionamento e refletia bastante o “lugar social” de todos os que trabalhavam em sua confecção.

A experiência com a metodologia da História Oral faz-se presente nessa produção, dada a escassez de fontes materiais que fossem além dos exemplares de microfilmagem

restantes desse periódico. Para tanto, Sena Rosa recorreu às falas e memórias dos sujeitos que ajudaram a produzir este jornal:

Assim busca-se compreender como o contato entre o jornal e seus leitores interferiu no processo de construção de preferências de leituras, ao difundir notícias e informações estaduais, nacionais e internacionais, dando enfoque no resgate de personagens, memórias e fatos que fizeram a história de Campo Maior. (ROSA, 2015, p.14)

Trata-se, portanto, de um trabalho que apresenta uma temática interdisciplinar, haja vista que procura estabelecer uma proposta de correlação entre as mais diversas áreas do conhecimento, utilizando-se, por exemplo, da relação entre o discurso lingüístico, geográfico, histórico e social. Os volumes desse jornal, ainda na atualidade, têm auxiliado a pesquisa histórica sobre Campo Maior, servindo como fonte documental, ainda que escassa, mas de profunda relevância e significado.

1.5 Memórias e lembranças – o povo fala (e escreve)

O interesse de se contar as histórias de vida através de memórias faz-se presente na produção historiográfica campo-maiorense. Pessoas comuns têm dedicado seu tempo para escrever as suas histórias e memórias, constituindo-se assim como cronistas e memorialistas. A Memória não consta como um patrimônio exclusivamente individual, mas carrega consigo uma coletividade. Ao contar suas histórias pessoais, estes cronistas e memorialistas não deixam de elucidar uma representação da cidade e da memória coletiva.

No geral, as memórias sobre as quais foi desenvolvida a leitura para essa análise, pertencem a pessoas já dentro da terceira idade. Nesse processo foi recorrido ao pensamento de Marilena Chauí, em argüição apresentada a Ecléa Bosi, onde ela discorre sobre a fundamentalidade do “velho” na propagação das memórias, denotando-lhe uma utilidade: “a função do velho é lembrar e aconselhar – *meminimoneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir” (CHAUÍ, in BOSI, 1979, p.18). Ou seja, o velho constitui-se como uma ponte de ligação entre o passado e o presente, e quem ouve o velho agora, será a voz do velho depois.

Em análise, apresentam-se alguns trabalhos dentro da categoria de memorialistas, dentre as leituras às quais tive acesso. São pessoas sem formação específica em História, funcionários públicos em sua maioria, que acabaram por registrar suas crônicas e experiências de vida.

Ao se efetivar um registro histórico, uma universalidade de lembranças e memórias costuma ser evocada, formando um conjunto de relações sociais e familiares, inseridas no mundo do trabalho presentes na construção dessas memórias. Daí a constatação de Ecléa BOSI (1979) em relação ao seu estudo de História Oral:

[...] este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal. Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura: fronteira que é um dos temas centrais da Psicologia Social (BOSI, 1979, p. 5)

A evocação de memórias, segundo Bosi, corresponde a uma função social, com a necessidade de ser comunicada, evocada e assimilada.

Em destaque inicial de análise, cito o trabalho e pessoa de Francisco da Silva Cardoso. Não é campo-maiorense de nascença, nasceu na cidade de Barras²⁶ na década de 1930 (1936), veio morar em Campo Maior aos sete anos de idade. Nesta cidade passou sua infância, juventude e parte da fase adulta. É formado em Geografia e Estudos Sociais, por esse motivo, mostra afinidade com a temática da História, fator que o levou a se aventurar a escrever o livro de memórias “Memórias da adolescência”, é ainda autor de “Memórias de Campo Maior” e “Solar dos Furtados em Campo Maior”.

Suas produções não podem ser consideradas propriamente como historiográficas. São obras que se constituem em coletâneas de lembranças e recordações memorialísticas. Narrativas de uma pessoa humilde, que fala de pessoas de seu convívio, inseridas num contexto social e geográfico recorrente do Nordeste. São antes de tudo obras saudosistas.

O autor pretende apenas narrar fatos presentes na sua memória que por ele foram vividos. Traça em suas produções a descrição de lugares, eventos e principalmente de pessoas da terra campo-maiorense. São livros de linguagem de fácil compreensão e que trazem em seu conteúdo fatos corriqueiros e personagens que talvez não despertem o interesse da historiografia de viés positivista ou oficial.

As narrativas de fatos cotidianos e a descrição de tipos populares é o que chamam atenção na análise desse livro. São narrativas escritas por um funcionário público, de nível superior, que conseguiu evitar a velha e repetitiva temática de discorrer sobre fatos relacionados a figuras ilustres locais. Os personagens presentes em livros são na sua grande maioria trabalhadores rurais, vaqueiros, mendigos, loucos, cachaceiros, caçadores, pescadores,

²⁶ Cidade piauiense situada a noroeste de Campo Maior, a cerca de 70 km de distância.

lavadeiras, matutos e toda a variedade de tipos comuns presentes no cotidiano de uma cidade qualquer do interior.

Foi essa estrutura narrativa que despertou o interesse em analisar as produções de Francisco Cardoso, pois ainda que ele não seja historiador de formação ou partidário de alguma corrente historiográfica, optou por narrar a História vista a partir da perspectiva de baixo, a história negada de ser contada, velada, que não se faz presente nas narrativas que privilegiam “figurões”. Através de seus livros, em formato de narrativa de memórias, uma prática pode servir de exemplo aos alunos no desenvolvimento de seus trabalhos: é possível construir uma narrativa histórica a partir de lugares, pessoas e vivências dos quais eles freqüentam e participam.

Sem utilizar recursos teóricos, Francisco Cardoso ao tecer suas narrativas nas “Memórias da adolescência”, “Memórias de Campo Maior” e o “Solar dos Furtados de Campo Maior”, com seus títulos corriqueiros, sem grande apelo ou jogada comercial, consegue prender a atenção do leitor que acaba identificando-se com personagens e situações dos fatos narrados. É justamente o que se propõe através desse trabalho dissertativo: que o aluno ao observar o seu dia-a-dia reconheça a si mesmo como agente da história, e principalmente, que ele possa escrever a sua própria história.

Em continuidade da análise de escritores de cunho memorialista/cronista, cita-se o trabalho de José Ataíde Torres Filho, com “Reminiscências de minha vida”. Há aproximadamente 70 anos nasceu em Campo Maior, residiu nessa cidade por cerca de 20 anos, partiu para Fortaleza e finalmente foi morar em Teresina, onde atualmente reside. Sua formação acadêmica é bastante variada, pois é formado em Engenharia agrônômica e, depois com quase sessenta anos, graduou-se em Ciências Contábeis. Hoje, é funcionário público aposentado, pai de família e tem orgulho de fazer parte da Maçonaria.

Em seu livro “Reminiscências de minha vida” apresenta uma estrutura narrativa bastante simples, que consta em grande parte de um apanhado geral de sua vida pessoal, onde narra a sua vivência no ambiente familiar, seu cotidiano, seu trabalho, sua educação, etc. Na parte inicial, intitulada de “Prelúdio”, narra a história de vida de seus pais e da sua família. Relata episódios corriqueiros do dia a dia, mas também episódios dramáticos, e outros bastante representativos para a vida pacata de qualquer cidade ou lugar do Interior.

Ele descreve características relacionadas à antiga história e arquitetura de Campo Maior, e convida o leitor a imaginar como eram antes certos lugares marcantes da cidade, como alguns casarões, prédios públicos, praças, igrejas, e um antigo cinema:

Cine Nazaré, pertencente ao Sr. Zacarias Gondim Lins, ficava ao lado da matriz, hoje catedral de santo Antônio do Surubim, entre as praças Bona Primo e Rui Barbosa. Fui a algumas sessões levado pelo meu pai (FILHO, 2020, p. 84)

No último capítulo, Ataíde apresenta em fotos, o diário de sua mãe, no qual ela anotava relatos de acontecimentos em seu primeiro ano de vida, bem como apresenta uma árvore genealógica de sua família e a da sua esposa.

O que desperta atenção nessa produção biográfica, e autobiográfica, é a maneira singela com a qual ele aborda e expõe a sua trajetória de vida. A obra é representativa pelo fato de discorrer sobre acontecimentos à primeira vista bastante comuns, mas que costumam fazer parte do cotidiano de muitas outras pessoas. O livro reproduz histórias de trajetória de vida, apresentadas como uma autobiografia, num tom de saudosismo. Ataíde trabalha não apenas a sua memória pessoal, mas trata das histórias de vida de outras pessoas, não apenas de seu meio familiar, mas de vizinhos, parentes, amigos, e os típicos moradores de uma pequena cidade.

Na medida que relata sua história de vida, e a de seu círculo de convivência próximo, ele narra as histórias da cidade, através da descrição de locais, eventos, atividades de trabalho, educação, lazer etc. da vida de seus moradores.

A obra foi escrita no ano de 2020, em pleno auge da pandemia de Covid 19, motivado pelo confinamento:

[...] ao acordar certo dia, com saudosas lembranças de minha infância vividas em Campo Maior, viajei por aqueles lugares e épocas de felizes momentos que vivi, com isso fui motivado a usar esse tempo ocioso para registrar as reminiscências de minha vida. (FILHO. 2020, p.23)

As obras escritas por memorialistas têm um valor significativo no ensino de História, haja vista que constituem-se num exemplo de como incentivar nos estudantes o interesse não apenas pelo estudo da disciplina de História, como também, principalmente, fazê-los notar/perceber que através da memória, que não é apenas pessoal, é também coletiva, pode ser percebida uma identificação e assim possibilita-se o desenvolvimento de um trabalho no qual eles possam escrever as suas histórias de vida, bem como as do seu meio de inserção.

A representação e significação do que importa como História ou digno de ser eternizado na Memória atende a interesses pessoais e de grupos. É aqui que o lugar social do historiador, e nesses casos, dos escritores sobre fatos locais, aparece como fator motivador dessa escrita. Dentro dessa perspectiva social, cabe destacar o livro “Paz e guerra na terra dos carnaubais”, escrito por Heitor Castelo Branco Filho, no ano de 1992. É uma produção

ambientada no recorte temporal da década de 1930, mais precisamente em 1934, ano marcado pela campanha eleitoral, em plena Revolução do Estado Novo Vargasista²⁷.

Esta produção apresenta como enredo central a oposição, disputa política e de influências entre os coronéis, aqui chamados de capitães da terra dos carnaubais, na qual se estabelece clara distinção entre os grandes fazendeiros pecuaristas e os latifundiários das carnaúbas. No desenvolvimento da obra, são apresentados fatos que transitam entre a realidade histórica e a ficção, não a ficção inventada, mas a que se avoluma nos causos, nas narrativas que ganham um ponto a mais. Estes causos e casos gravitam em torno de aspectos peculiares do contexto da época e que ocupavam um ponto central no dia a dia da urbe campo-maiorense e adjacências: política, gado, cera de carnaúba e as caçadas.

O autor destaca as grandes personalidades locais assim por ele consideradas, os capitães, e outras temáticas que em torno deles gravitavam. É uma obra em homenagem aos líderes da região:

[...] os chefes políticos dominantes, os famosos, tristemente famosos interventores. Também os intrépidos homens que ousavam fazer a OPOSIÇÃO e suas lutas políticas. As eleições. O meio jornalístico. Os embates nos tribunais. O folclore. As cenas hilariantes e pitorescas do meio rural. O comércio e a cera de carnaúba. Os heróis anônimos que apoiavam e terçavam armas pelos seus líderes e que não tergiversavam, por diletantismo, enfrentar onças nos seus covis. As grandes fazendas. A flora e a fauna então existentes. OS CAPITÃES. A moral sertaneja. As credices. As conquistas. (FILHO, 1992, p.1)

Ainda que claramente exalte os comandantes de poder local e suas disputas, Heitor Castelo Branco Filho ressalta de alguma forma os costumes e tipos populares locais, os que cuidaram de fazer ressoar os feitos de seus mandatários, além de outros aspectos da natureza e cultura locais.

Este trabalho privilegiou a História Oral, ainda que o autor não seja um pesquisador de História, mas para construir suas linhas, lançou mão de entrevistas e coleta de depoimentos, muitos desses obtidos dos próprios personagens presentes nas narrativas apresentadas. Além da História Oral, a produção desse livro utilizou fontes documentais escritas, a partir de certidões de propriedades, textos jornalísticos, bem como de um acervo de fotografias das localidades e personagens apresentados nesse material.

²⁷ Regime político instaurado por Getúlio Vargas de 1937 a 1946, caracterizado pela centralização política, autoritarismo e nacionalismo.

Ainda que seja uma obra na qual Heitor declaradamente buscou ressaltar o lado cômico das coisas sérias, “Paz e guerra na terra dos carnaubais” traz a sua contribuição para a pesquisa sobre a história local, na medida em que destaca a narrativa do contexto histórico, político, econômico e social de Campo Maior no período do Estado Novo.

1.6 Produções de universitários

Dentro da produção historiográfica relacionada à cidade de Campo Maior, é considerável destacar uma análise acerca dos trabalhos acadêmicos realizados pelos discentes do curso de Licenciatura Plena em História, na modalidade presencial e EAD²⁸, do campus “Heróis do Jenipapo”, dentro de um recorte temporal de oito anos (2011/2019). Ao todo foram disponibilizados para o desenvolvimento desta pesquisa 70 trabalhos de conclusão de curso, dos quais foram identificados 35 que dedicavam atenção a explorar a temática relacionada à história da cidade de Campo Maior sob diversos aspectos e contextos. Aos outros trabalhos de conclusão de curso, não dediquei leituras, nem foram elaboradas análises, por tratarem de temas relacionados a outras localidades, haja vista que o pólo de Campo Maior, tanto da UESPI, quanto o da UAB²⁹, atende a alunos vindos de diversos municípios próximos ou mesmo afastados desta cidade.

Os trabalhos analisados apresentam uma grande variedade de temáticas onde se discutem diversos aspectos da história, cultura, patrimônio, trajetórias de vida, educação, religiosidade, lazer e outros assuntos sobre aspectos de Campo Maior que merecem um olhar histórico.

Trabalhos sobre a preservação do patrimônio material aparecem como temas recorrentes, nos quais, são tecidas análises sobre os cemitérios, que constituem - se como fonte histórica bastante significativa e de utilidade no trabalho prático com os alunos em situações nas quais a pesquisa de campo seja necessária. Nos casos destacados, citam-se o Cemitério de Santo Antônio, localizado no centro da cidade, hoje desativado para sepultamentos, o que contribui para a conservação de sua arte tumular, haja vista que não haverão de ser feitas sucessivas intervenções em suas estruturas. Desativado para enterros, mas aberto para a visitação, em especial no Dia de Finados, para onde convergem os devotos de “Lucinha”³⁰. Outro cemitério destacado é o do “Batalhão”, onde repousam os restos mortais dos combatentes

²⁸ Educação à Distância.

²⁹ Universidade Aberta do Brasil.

³⁰ Uma das “santas do povo” de Campo Maior.

da Batalha do Jenipapo, e curiosamente, é um local onde convergem os sentidos cívicos e religiosos desse evento histórico.

A diversidade de temáticas abordadas pelos acadêmicos denota familiaridade e proximidade com suas práticas. Vaqueiros, histórias sobre as mulheres em mais diversas situações de comando e submissão, a história da imprensa local através do rádio e jornais escritos, os movimentos sociais urbanos e rurais, bem como os estudantis e trabalhistas, as origens do município, a educação, com atenção especial ao Patronato Nossa Senhora de Lourdes, cuidado pela Congregação das Filhas de Santa Teresa³¹, que se constitui como uma referência regional para a educação. Escravidão, efemérides e comemorações locais cívicas e religiosas aparecem como objetos de estudo.

A temática histórica abordada pela ótica micro, da História vista de baixo, tem abandonado o viés positivista, e isso, claro, depende do empenho desses acadêmicos, pode futuramente servir como contribuição na discussão sobre história local. O trabalho de acadêmicos apresentado em TCCs pode não ser uma referência sólida de pesquisa, entretanto, ele reflete que uma nova maneira de se abordar história tem sido desenvolvida em Campo Maior, e que, não se limite apenas à produção acadêmica construída para se concluir o curso, mas que fomente uma prática em sala de aula.

Nesta análise desenvolvida a respeito da produção acadêmica em que foram verificadas as que possuem uma correlação direta ao estudo histórico da cidade de Campo Maior, é constatado que há uma tendência de diversificação das temáticas, isso é levado em consideração o fato de que os escritores desses trabalhos são assim orientados a trabalharem e desenvolverem suas pesquisas de acordo com a metodologia específica da ciência História e mais ainda, desenvolver discussões e pesquisas sobre temáticas que lhes são mais próximas e as quais se identificam melhor. Essa metodologia cria um diferencial nítido entre o que se produziu por cronistas e memorialistas leigos e o que é trabalhado por acadêmicos.

É notória que existe uma miríade de assuntos abordados, que vão desde temas propriamente da historiografia tradicional, quanto a temas pouco ou nada debatidos, dentro do que tradicionalmente se escreve sobre Campo Maior e seus fatos históricos. Uma história vista de baixo, que privilegia as trajetórias de vida e que faz uso das táticas de produção da história oral passam a tomar mais volume. A “Batalha do Jenipapo” aos poucos perde a sua primazia

³¹ Congregação religiosa católica fundada em 1923, por Dom Quintino Oliveira e madre Ana Couto, na cidade de Crato – CE. Esta congregação estabeleceu-se em Campo Maior no ano de 1953, atendendo chamado de Monsenhor Mateus Cortez Rufino, onde fundaram o “Patronato Nossa Senhora de Lourdes”, ainda em funcionamento. Esta congregação mantém em Campo Maior uma creche “Lar da Criança Dom Abel Alonso Nuñez”.

como o principal tema da história de Campo Maior e a ousadia da nova geração de historiadores campo-maiorenses, e de outros lugares, vem proporcionando a expansão de novas discussões e temáticas de uma história que se aproxima da realidade dos personagens comuns da construção histórica.

CAPÍTULO 2 – CAMPO MAIOR: REALIDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Analisada uma parte da produção historiográfica sobre Campo Maior, apresentada nos mais variados estilos, naturezas e intenções de escrita, inicia-se agora a análise de que maneira a história campo-maiorense é exposta e utilizada no trabalho escolar.

A historiografia analisada no capítulo I apresenta características e particularidades que na prática do cotidiano escolar não podem diretamente ser trabalhadas em sala de aula. Para que seja aplicada em escolas, é necessário que se faça um estudo em relação à produção historiográfica em questão, seguido de uma adaptação e seleção dos conteúdos, para que assim, sob a orientação dos professores, os alunos possam adquirir conhecimentos sobre a História Local e posteriormente, desenvolver suas abstrações, críticas e relacionar os fatos históricos com seu cotidiano, reconhecendo-se assim, como sujeitos participantes do processo histórico.

A Lei de Diretrizes Bases, os Parâmetros Nacionais Curriculares, a Base Nacional Curricular Comum e os Currículos Regionais em Educação têm nas suas propostas no ensino de História, o objetivo de inserir e familiarizar os alunos como seres construtores e participantes do processo histórico, para que não se sintam dela distantes, indiferentes ou apáticos. É claro que nem todos os alunos possuem uma afinidade com os estudos, ainda mais em História, que é uma disciplina que visa o desenvolvimento do espírito crítico e analítico. Entretanto, faz-se necessário, aumentar os esforços em incentivar os alunos a perceberem-se como agentes históricos e que a História Local é interessante e apresenta aspectos de semelhanças com suas vivências.

Apesar das variadas propostas curriculares, Campo Maior ainda não possui um conteúdo propriamente organizado para os estudos sobre sua história local. Quando tal conteúdo é sugerido, o é de forma superficial, constituindo-se assim, numa dificuldade para o desenvolvimento trabalho docente.

Quanto ao trabalho dos professores, como se apresenta o processo de apropriação e ensino a respeito da temática da história local de Campo Maior? Proponho, através dessa dissertação, apresentar uma análise do quanto e como os professores da rede municipal e estadual, têm aplicado seus conhecimentos e esforços em tornar a História Local conhecida e assimilada pelos alunos.

2.1 A Base legal para o ensino de História Local

Os Parâmetros Curriculares Nacionais objetivam estabelecer uma diretriz de trabalho aos educadores. Abrem a possibilidade de adaptação às realidades vivenciadas por professores, alunos e à comunidade em geral. Assim, os parâmetros constituem-se como instrumentos que apresentam utilidade nas discussões pedagógicas, elaboração de projetos educativos, planejamento de aulas, reflexões sobre a prática educativa e análise do material didático (PCNs, 1997).

Com base nas proposições dos PCNs, analisa-se a situação do ensino de História Local de Campo Maior, com o objetivo de identificar em que pontos ele atende a essa proposta, e levando em conta a idéia de proporcionar uma reflexão sobre a prática educativa, observar e tecer uma conclusão de como o ensino de História Local tem privilegiado ou não os participantes do processo histórico fora de um padrão que destaque a história apresentada como oficial e de largo uso na sala de aula.

A partir da exposição de uma nova visão sobre a História Local, em uma perspectiva horizontal, que seja mais próxima e inserida no campo de visão/ observação, dos alunos em suas práticas e realidades próximas, o trabalho dos educadores propõe que seja uma prática de incentivo no exercício de direitos e deveres como também de um reconhecimento nosso e dos alunos, das realidades e referências de pessoas próximas, como atores e protagonistas da História.

Desse modo, é esperado que ao conhecer e reconhecer a História Local, ele possa contribuir para a melhoria do seu ambiente natural, social e cultural. Em sua apresentação os PCNs definem para o currículo de História:

[...] a proposta de História, para o Ensino Fundamental, foi concebida para proporcionar reflexões e debates sobre a importância dessa área curricular na formação dos estudantes como referenciais aos educadores, na busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento. O texto apresenta princípios, conceitos e orientações para atividades que possibilitem aos alunos a realização de leituras críticas dos espaços, das culturas e das histórias do seu cotidiano. (PCNs. 1997,p. 15)

Nessa perspectiva, este trabalho é fundamentado na idéia de que é através de um contato com a história e cultura locais, inseridos numa perspectiva de trabalhos e atividades, que se propiciará aos alunos, a oportunidade de conhecimento e vivências com sua realidade próxima dentro de um contexto histórico.

Através desse processo, pode-se desenvolver um maior aprendizado da disciplina de História, na medida em que o aluno, ao ter conhecimento e contato com a História Local, a

compreenderá de forma mais direta e assimilará para si a identificação de que é personagem histórico, com a percepção de que no seu dia a dia, existem situações que apresentam um viés histórico e nas quais o seu senso de criticidade poderá ser despertado.

Dentro do contexto da proposta do ensino de História nos Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental, é relevante destacar que um dos objetivos presentes é o de tornar o aluno conhecedor da história do local onde ele desenvolve suas vivências, para assim, identificar-se como integrante do meio e estar aberto a compreender a presença do outro indivíduo.

A História Local, nos conteúdos do currículo, em sua proposta procura trabalhar o indivíduo, através de metodologias que proporcionem o reconhecimento do local ou de eventos significativos para este ambiente. Entretanto, limitados como são, não se aprofunda esse estudo direcionando para uma criticidade e percepção do aluno entre seu meio e o contexto que se relacione com a História em si mesma. Ainda que o aluno tenha o conhecimento prévio do local em que viva, dos eventos que possuem uma significância para o meio em que ele está inserido, no caso, sua comunidade e cidade, não se percebe que sejam utilizados exemplos que de fato que arremetam às suas histórias de vida, pelo menos não dentro do processo de ensino aprendido.

Como dito, o currículo aparece como um instrumento de orientação ao professor, que visa despertar no aluno o seu senso de pertencimento, entretanto, no caso de Campo Maior e a forma de como se ensina a História Local, apresenta muitas lacunas. A começar que de fato, não há uma orientação dentro do currículo que mostre uma maneira de se ensinar a História a partir de um ponto de vista micro, próximo dos alunos. Entretanto isso não significa que há má vontade dos professores em desenvolverem esse trabalho.

Cabe nesse contexto, destacar que alguns dos professores da rede de ensino pública municipal e estadual, em seu trabalho, buscam privilegiar uma quantidade maior de temas relacionados ao ensino de História Local. Ainda que seja um movimento tímido, uma atitude pessoal, já tem provocado debates, nos quais busca-se implementar um currículo próprio de ensino de História Local de Campo Maior³².

Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam haver em sua constituição e utilização, propostas nas quais sejam escolhidos assuntos que apresentem relevância e que estejam relacionados a uma problemática local, e que esta proporcione uma interligação com temáticas regionais, nacionais e mundiais. Vê-se a necessidade de que o aluno seja capaz de estabelecer uma relação de sua realidade com outras:

³² De 2020 para cá, uma movimentação em prol da elaboração de um currículo de história local tem sido discutida por um grupo de professores historiadores. Até o presente momento, esta proposta não foi concretizada.

As informações históricas locais relevantes a serem selecionadas expressam, assim, a intencionalidade de fornecer aos alunos a formação de um repertório intelectual e cultural, para que possam estabelecer identidades e diferenças com outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida, no âmbito familiar, no convívio da escola, nas atividades de lazer, nas relações econômicas, políticas, artísticas, religiosas, sociais e culturais (PCNs. 1997.p.30)

Nota-se, porém, que aliado à falta de um currículo próprio, o ensino de história local de Campo Maior possui uma amplitude que não é explorada. Dentro da proposta exposta acima, existe mais de um item que não é explorado na sala de aula.

No âmbito familiar existem histórias de vida que não são exploradas. No convívio da escola são construídas histórias que muitas vezes passam despercebidas. As atividades de lazer podem amplamente ser exploradas no contexto de ensino da História Local. A economia local ora apresentada nas aulas é limitada em sua exposição. A política local é abordada de forma limitada. As atividades artísticas locais pouco têm destaque em sua exploração nas aulas. Ao se referir à temática da religiosidade local, apenas um aspecto é destacado. Sociedade e cultura pouco são exploradas em aulas.

Cabe então pôr em prática, como um compromisso, em adotar de fato a proposta dos parâmetros curriculares através de práticas e dinâmicas, dentro da teoria e expressa em atividades que despertem nos alunos uma identificação e que percebam uma familiaridade com a História Local.

2.2 O Currículo do Piauí

O currículo de História do Piauí, em sua estrutura, atende às competências gerais da Base Nacional Curricular Comum: “As competências dialogam com a proposta de ensinar e aprender História mobilizando os métodos do saber histórico, com o testemunho das fontes históricas e a compreensão das construções narrativas” (CURRICULO DO PIAUÍ, 2019.p.272)

Nessa perspectiva a elucidação e apresentação de diversas fontes documentais e a utilização de outras narrativas aparecem como importante ferramenta na construção do conhecimento histórico pelos alunos. Em contato com essa diversidade de fontes históricas, é possível aos alunos identificarem uma historicidade presente no seu dia a dia e próxima de suas experiências culturais e sociais a nível local. Nisso a função do ensino de História em que privilegie aspectos locais, apresenta um papel fundamental no trabalho de propiciar aos

envolvidos no processo de ensino aprendido uma discussão concreta, onde se propiciarão debates para incentivar tanto em alunos e professores, o desejo pela pesquisa baseada nas trocas de experiências que terão como resultado a produção do saber histórico.

O artigo 26§4º da lei 9394/96, que estabelece as Leis de Diretrizes da Educação Básica (LDB), no tocante ao ensino de História diz: “o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia”. Haja vista que a cultura piauiense e a campo-maiorenses, constituem-se numa aglutinação das diversas origens étnicas.

No presente trabalho, as características da cultura e história locais são observadas como contribuintes para a formação da identidade, ressaltando a presença dos mais diversos “outros” personagens construtores da história e identidade locais, com suas origens nas diferentes matrizes que constituem o povo brasileiro e seus costumes.

Na Base Nacional Curricular Comum, BNCC, o ensino de História é apresentado de forma contextualizada, e busca valorizar a cultura e a sociedade locais. A cidade de Campo Maior, e tantas outras do Piauí, apresentam vários fatos históricos interessantes, que acabaram sendo relegados ao esquecimento, dado os produtores da historiografia não reconhecerem, que a História é feita por todos, e não apenas por grandes personagens.

Isso reflete no desconhecimento quase generalizado por parte dos alunos e educadores sobre tópicos a respeito da história dos municípios, salvo um ou outro acontecimento. A BNCC reconhece a falta até os dias atuais de um engajamento e esforço maior de se fazer conhecida e estudada a História Local e Regional, o que impossibilita que haja por parte não somente da comunidade escolar, uma assimilação da história local e seu posterior reconhecimento e identificação.

É durante os anos iniciais do Ensino Fundamental que se dá essa partida no ensino de História contextualizada de forma local, na qual busca-se valorizar o reconhecimento do eu (o próprio aluno), do outro (seus convivas) e do nós (a comunidade onde está inserido). Pretende-se que o aluno entenda o mundo a sua volta com toda a sua diversidade. Nos anos finais, esse processo é aprofundado com a construção de um pensamento mais crítico onde o aluno seja capaz de compreender a sua atividade dentro do tempo e espaço. É um processo contínuo, e no Ensino Médio tal atividade não pode ser excluída.

Em concordância com a BNCC, são várias as competências apresentadas pelo Currículo do Piauí. No tocante às dedicadas a História no Ensino Fundamental, detive minha análise nas quais percebi relacionarem-se mais com meu objeto de estudo, que é o ensino de História Local. A discutir:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo. (CURRÍCULO PIAUÍ, 2019. p. 273)

É notório que a História Local que se apresenta em nas salas de aula ainda traz consigo um viés elitista e excludente. Ao se propor a discussão sobre relações de poder, a visão assimétrica do poder ainda é a mais identificável dentro da historiografia apresentada, o que dificulta uma identificação do aluno com a história cotidiana que é apresentada. É desejável que se amplie a visão histórica, com o objetivo de: “4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.” (CURRÍCULO PIAUÍ, 2019. p. 273)

Nessa competência, entra a questão da necessidade de se elucidar as outras histórias, as não ditas, que em sua apresentação, guardam uma significativa identidade e proximidade com as vivências e realidades próximas dos alunos, no qual é necessário “6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica” (CURRÍCULO PIAUÍ, 2019. p. 273)

Destaca-se aqui que a produção historiográfica é fruto de diversos fatores, entre os quais é válido ressaltar, como estudado no capítulo anterior, que essa produção reflete o lugar social dos escritores, tanto historiadores de profissão, pesquisadores, cronistas e memorialistas, cujas obras servem como fonte de referência num estudo sobre história local em que urge a necessidade de se “8. Construir a identidade piauiense através da contextualização das contribuições do Piauí no processo de formação histórica do Brasil.” CURRÍCULO PIAUÍ, 2019. p. 273)

Aqui, é proposto que se leve em destaque a História Local de Campo Maior como um contribuinte da História do Piauí, indo muito além da Batalha do Jenipapo.

2.3 Currículo e História local

O programa de apresentação das propostas das competências curriculares em História desenvolve-se a partir dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de forma mais específica partindo do 2º ano. Divide-se em unidades temáticas que devem ser trabalhadas a partir de

habilidades a serem desenvolvidas e lança estudo acerca de determinados objetos do conhecimento.

A primeira unidade temática refere-se à comunidade e seus registros, em que, através de estudo, o aluno deverá desenvolver habilidades nas quais ele possa selecionar e compreender o significado dos objetos e documentos pessoais que estejam ao seu alcance e que assim sirvam como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário. Além de nesse processo, intenciona-se que o aluno compreenda os significados e seus usos, para assim desenvolver suas noções sobre ele (o eu) e sobre os demais componentes de seu ambiente de convívio (o outro).

Ainda na fase inicial, outra unidade temática se apresenta através das formas de registrar as experiências da comunidade. Além das formas de trabalho nela desenvolvidas, visa assim desenvolver a habilidade do aluno em compilar as histórias da família e de sua comunidade, que são registradas em diversas fontes. Ao relacionar essa habilidade com a História Local, espera-se que seja capaz de identificar informações sobre a colonização do Piauí, e conseqüentemente, de Campo Maior, e evidencie aspectos próprios das principais influências culturais.

O aluno identificará dentro das habilidades propostas, as diferentes formas de trabalho existentes em suas comunidades e que impactos no ambiente essas relações provocam ou provocaram. Nessa etapa de desenvolvimento, os objetos de conhecimento utilizados consistem nas mais diversas fontes históricas referenciais como fontes materiais e imateriais, expressas em objetos, sons, espaços sociais, que indiquem ainda os modos de sobrevivência e a relação com a natureza. Pode-se aqui expressar a relação com a História Local, ao discutir os processos econômicos que deram configuração ao espaço humano histórico de Campo Maior, que são a carnaúba e o gado.

Para o 3º ano, as unidades temáticas versam a respeito dos grupos e pessoas que compõem a cidade e o município, com o objetivo de desenvolver a habilidade de que o aluno seja capaz de identificar os grupos populacionais presentes em sua cidade e região, e ainda as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcaram a formação da cidade. Para o desenvolvimento das habilidades, diferentes fontes de consulta são úteis, para que possibilitem identificar e comparar os diversos pontos de vista em relação aos eventos do local em que vivem, e que identifiquem os marcos históricos do lugar e compreendam os seus significados. Como objetos do conhecimento a relação do “eu” com o “outro”, refletidos em diferentes grupos sociais e étnicos devem ser identificados, pode-se observar a evolução econômica e social além da atuação dos diversos atores sociais e personagens históricos.

Com relação a eventos, nesse contexto, outras manifestações religiosas devem ser levadas em consideração além do festejo de Santo Antônio. Como este trabalho propõe, as manifestações relacionadas ao Bom Jesus e às Almas constituem-se como eventos diversos presentes no meio campo-maiorense, que, entretanto, são pouco explorados dentro do contexto de ensino de História. Ainda como objetos de conhecimento, os patrimônios históricos e eventos culturais podem ser evidenciados, cabendo aqui destacar a produção teatral de Chico Pereira, e, em relação aos marcos e lugares de memória como ruas, praças, escolas, monumentos, igrejas, etc, possam constituir numa cartografia histórica.

Num contexto mais abrangente de formação de identidades, outras unidades temáticas do Currículo do Piauí são apresentadas e podem nortear a compreensão do aluno a respeito do lugar em que vive e fazer a distinção dos espaços entre públicos e privados. O aluno sob a orientação do professor, deve desenvolver habilidades relacionadas a como ele pode identificar os registros de memória da cidade.

Uma atividade proposta é buscar, através de pesquisas, descobrir o porquê de certas denominações de ruas, e praças e discutir os critérios de escolha de seus nomes. Estas denominações geralmente são de personalidades com destaque na vida social, que, entretanto, quase toda a população desconhece, ou não consegue lhe atribuir um reconhecimento, pela falta de identificação ou inserção num contexto de significância para a população.

No desenvolvimento dessas habilidades, os espaços da zona urbana e da zona rural podem ser tematizados para que o aluno possa elaborar um comparativo sobre os modos de vivência em cada ambiente e verificar mudanças e permanências nos modos de vida e trabalho. Como bom exemplo serve a extração e transformação da carnaúba, haja vista que é uma das atividades econômicas mais antigas do município de Campo Maior e que possui relevância e significado na questão de identidade local.

Para o 7º ano do ensino fundamental, a unidade temática relacionada às atividades comerciais e mercantis da modernidade, apresentam uma relação com as habilidades a serem desenvolvidas, no tocante á proposta de apresentar ao aluno as rotas comerciais e econômicas do ciclo do gado, tão ligado à raiz cultural, histórica e identitária do povo campo-maiorense e piauiense. Cabe discutir com os alunos, conceitos relacionados à escravidão no Piauí, haja vista que em Campo Maior, por conta do ciclo do gado, constituíram-se relações econômicas e sociais que moldaram a cultura e História Local.

Em continuidade à temática do escravismo, proponho trabalhar com os exemplos da Escrava Felicidade e do Moleque da Cruz, que dentro das narrativas apresentadas, servirão como objeto de discussão e são parte integrante da proposta de subsídio de leitura e atividades.

Aliada às narrativas apresentadas sobre esses personagens é importante que se procure ressaltar aspectos da contribuição do elemento afro-descendente na história e cultura locais.

O currículo proposto para o 8º ano apresenta dentre suas temáticas, os processos relativos à independência do Brasil e nas Américas. A temática recorrente da Batalha do Jenipapo, comumente destacada na historiografia do município de Campo Maior onde teve lugar, pode ser explorada com o viés tradicional de uma narrativa de dados fatuais. É possível discutir como esse evento foi idealizado para se consolidar como marco histórico local e regional.

A proposta de trabalho no 9º ano trata do período republicano, e nesse contexto, é possível estudar o processo de urbanização e modernização do município de Campo Maior, especificamente nas décadas de 1930 e 1940, quando houve um progresso econômico decorrente da extração de carnaúba e cresceu o domínio de coronéis na política local. Entretanto, outros aspectos podem ser tratados, como a vida e trabalho dos tiradores de palha e artesãos, além do comércio, lazer, desenvolvimento urbano e o sensível tema da prostituição em Campo Maior, relacionados ao surto econômico de desenvolvimento ocasionado pela carnaúba.

2.4 O ensino de História Local para o Ensino Médio

Ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais orientem o ensino das temáticas relacionadas à História Local para o Ensino Fundamental, não há impedimento algum que no Ensino Médio seja dada a continuidade desses estudos. As competências e habilidades em História para o Ensino Médio evidenciam essa possibilidade:

Os conhecimentos de história são fundamentais para a construção da identidade coletiva a partir de um passado que os grupos sociais compartilham na memória socialmente construída. A ênfase em conteúdos de história do Brasil – como reza a LDB -, construídos em conexão com os conteúdos da chamada história geral, em uma relação de “figura” e “fundo”, é parte da estratégia de autoconstrução e autoreconhecimento, que permite ao indivíduo situar-se histórica, cultural e socialmente na coletividade, envolvendo seu destino pessoal no destino coletivo. Na perspectiva formativa, isso não implica negar a individualidade, mas combater os excessos de individualismo (PCNs. 1998,p.12)

A identidade desenvolvida no meio social o qual este indivíduo está inserido, abrange as mais diversas vivências históricas que a constituem. A História Local, assim, interage com

os temas gerais a partir das experiências e conhecimentos individuais compartilhados rumo a uma temática mais globalizante.

A História Local, assim relacionada ao conhecimento pessoal do indivíduo com o seu entorno, constitui num passo inicial. A continuidade da inserção dos estudos históricos locais no Ensino Médio, constituem-se como estratégia no desenvolvimento no aluno por um interesse e busca de conhecimento do saber histórico, bem como de sua identificação como integrante do processo de construção histórica.

Dentro das perspectivas apresentadas, é possível observar que apesar de uma relativa proliferação historiográfica campomaiorense ser verificada nas duas décadas recentes, a Secretaria Municipal de Educação e boa parte dos professores não a absorveram ou incorporaram nas suas práticas de ensino. A não incorporação da recente historiografia campomaiorense na prática escolar, pode ser explicada, como alguns dos entrevistados declararam, devido à falta de um currículo e material específico que possa ser utilizado pelos professores e alunos.

Percebi no desenvolvimento dessas entrevistas e análises, que há professores que consideram as fontes historiográficas pobres e limitadas. Aliada a essa situação, ressaltam que as avaliações externas (Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, por exemplo) são responsáveis por dificultar que se desempenhe o trabalho com História Local de maneira mais eficiente.

Quando abordam a temática da História Local, a elaboração do material utilizado em sala de aula destinado aos alunos fica por responsabilidade do próprio professor. No desenvolvimento das pesquisas em História Local, os professores utilizam livros de seu acervo particular, quando o tem, ou recorrem a pesquisas na biblioteca pública, em estado lastimável de estrutura e conservação do acervo. Aliado a isso, no presente momento encontra-se fechada, sem funcionários responsáveis pela sua manutenção e atendimento ao público e com as suas chaves em poder de uma pessoa que não possui relação com a SEMEC.

Em análise, a situação apresentada constitui-se numa possibilidade de se propor a elaboração de um instrumental que possa auxiliar no ensino e estudos de História Local. Um subsídio que oriente o trabalho dos profissionais em história e para a formação dos alunos, e que contribua principalmente para que se reconheçam como protagonistas da História ao reconhecerem-na próxima de sua realidade.

2.5 A História na Educação campo-maiorense

Campo Maior em relação à educação apresenta as seguintes características: possui um total de 9147 alunos matriculados no ano de 2020, contando com 15 escolas na zona urbana e 12 na zona rural. Oferece o Ensino Básico nas modalidades de Educação infantil, Ensino Fundamental e EJA, além de uma escola técnica com o curso de administração. Sob o aspecto administrativo, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Campo Maior, é formada por um secretário municipal de educação, assessoria técnica de articulação pedagógica, coordenação de apoio administrativo, coordenação de finanças, gerência de planejamento de administração, supervisão de ensino fundamental urbano, supervisão de educação especial, supervisão de educação infantil, supervisão de ensino fundamental rural, supervisão de registros de documentações, diretores de escolas, coordenadores pedagógicos e assessores de apoio administrativo.

As informações gerais sobre o panorama da Educação em Campo Maior ³³foram colhidas através do site QEDU³⁴, que traz um apanhado geral de informações educacionais baseado no censo 2020 da Educação.

Até hoje não existe nem uma coordenação específica por áreas de conhecimento, nem um currículo próprio sobre a História local de Campo Maior.

Em emenda adicionada ao artigo 123 da lei orgânica municipal, no ano de 2009 foi promulgada a lei N° 14/2009, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Geografia de Campo Maior nas escolas públicas municipais e privadas do município. Diz a lei:

Art. 1º - Fica instituída a obrigatoriedade do ensino de história e geografia de campo maior, nas escolas da rede municipal e particular da cidade em nível fundamental.

Art. 2º - Compete à secretaria Municipal da Educação e Cultura a normatização, fiscalização e execução da presente Lei, quando se tratar de Escola pública Municipal e Escolas da rede particular

Art. 3º - Esta lei entra em vigor no início do ano letivo de 2010. (LEI N°14/2009, p. 1)

Esta lei, promulgada em 16 de outubro de 2009, traz em seu texto a obrigatoriedade de se aplicar o ensino e conhecimentos sobre aspectos históricos e geográficos de Campo Maior. Entretanto, no ano de 2021, passados mais de onze anos de sua promulgação, é possível constatar que essa lei não foi além deste marco inicial, pois sequer existe uma coordenação de

³³ Até o presente momento, não foi informado para esse trabalho o número de professores lotados em toda a rede de educação municipal, e nem o número dos que estejam dedicados a ministrar a disciplina de História.

³⁴ Projeto que facilita o acesso a informações sobre a educação brasileira, disponibilizando dados numéricos, censos e avaliações. Para mais informações: <https://www.qedu.org.br/>.

ensino de História e nenhum material foi produzido até hoje. Também não houve reuniões ou capacitação/ formação para se definirem as diretrizes de aplicação dessa disciplina.

O caso de Campo Maior nada tem de original, e não caracteriza um caso isolado. É oportuno ressaltar que esse descaso com a História e aspectos culturais e geográficos se repete em vários municípios. São leis promulgadas apenas para satisfazer exigências normativas ou expectativas de um público eleitoral e das mídias, sem qualquer planejamento que norteie a sua aplicação após sua promulgação.

Diante da inquietante situação, no desenvolvimento desta dissertação, surgiu a necessidade de diretamente entrar em contato com a SEMEC Campo Maior e tentar compreender a real situação em que se encontra o ensino de História Local. No percurso desta pesquisa, foram realizadas conversas com alguns funcionários que declararam ser a única diretriz para o ensino de História Local o Currículo Regional de História do Piauí. Ou seja, a Secretaria Municipal de Educação continua sem oferecer um material ou subsídio propriamente elaborado.

As conversas preliminares com estes funcionários serviram para atestar o problema que existe quando se trata do ensino de História Local. Como dito, tal situação não é “privilégio” de Campo Maior. Uma cidade dita como rica em história, que entanto, não possui de forma consolidada e satisfatória um currículo e práticas que a evidencie.

Na tentativa de preencher essa lacuna, a Secretaria Municipal de Educação apresenta algumas considerações a respeito de temáticas relacionadas à história local de Campo Maior. Essas considerações aparecem oriundas do currículo próprio de História sugerido/estabelecido pelo Currículo de História do Piauí, elaborado em 2019, o qual destaca em seu item nº1 que o programa específico para o Ensino de História está organizado por anos escolares, a partir do 1º ao 9º ano, contemplando todo o ensino fundamental. Nesse item evidencia-se a obrigatoriedade do ensino de História de uma maneira geral, o que não consta como nenhuma inovação.

Adiante, no item nº2, segue a evidenciação de que este programa já contempla em todo o seu percurso, os conhecimentos relativos sobre a “História do Piauí”, o que dá entendimento que de uma forma mais abrangente, as reflexões sobre o estudo histórico em relação ao local partem acerca da temática regional, numa abordagem relacionada ao Estado.

Numa objetividade de estudo restrita ao tema de História Local, em sentido mais próximo do município, o item nº3 estabelece a diretriz, que evidencia que cabe ao Sistema de Ensino do Município de Campo Maior, em parceria com seus professores e professoras, no qual

devem incorporar ao programa de Ensino proposto, os conhecimentos sobre a história de Campo Maior.

Conclui, no item nº4 que o princípio básico de todo e qualquer plano, tem como características uma flexibilização dos temas, e cabe aos professores, desenvolvê-lo e aperfeiçoá-lo da melhor maneira possível, de forma que seja adequada à realidade do Sistema Escolar de Campo Maior.

É evidente nas considerações sobre o Ensino da História de Campo Maior, que faltou, mesmo passada uma década, a ação de se estabelecer ou pelo menos propor a construção de um material estruturado que servisse de orientação aos professores no exercício aplicativo dessa temática. Apesar de o referido documento salientar que deve ser desenvolvida uma parceria com os professores, desde então não foi realizada nenhuma oficina ou capacitação/formação para orientar essa prática.

Ainda que esta proposta de ensino de história de Campo Maior, orientada pelo sistema de ensino municipal e pelo Currículo do Piauí, reforçar que cabe ao professor construir um plano de ensino flexível, permanece uma indefinição em como essa prática poderá se efetivar. Essa 'indefinição' e incerteza verifica-se a partir do dado que, dada a quantidade de sujeitos envolvidos no trabalho com história, dificilmente chegaria-se a um consenso sobre quais temas, bibliografias e estratégias de ensino poderiam ser abordadas nas aulas de história local de Campo Maior.

Pode-se observar no capítulo anterior que já há um razoável acervo historiográfico sobre Campo Maior, produzidos pelos mais diversos sujeitos com as mais diversas temáticas, inclusive a já bastante abordada "Batalha do Jenipapo". No entanto, sem uma orientação ou promoção de debates, não é possível que se chegue a um consenso sobre o quê de fato possa ser explorado dentro da temática de História Local.

Conclui-se que a obrigatoriedade do ensino de história de Campo Maior, e da maioria das cidades, passa pelas câmaras de vereadores, deve ser decretado e sancionado pelos gestores, que pouco atuam em seu favor. No caso de Campo Maior, decorreram mais de dez anos desde a promulgação da lei, e só recentemente, depois que o Currículo do Piauí foi estabelecido, é que se percebe uma movimentação em prol da efetivação do ensino de História Local.

2.6 O trabalho dos professores com história local – breves exemplos

Hoje muitos aspectos do ensino tradicional, baseado nos dados biográficos de pessoas supostamente 'importantes' e nas datas comemorativas estão sendo questionados e a prática de ensino lentamente está mudando.

Como Maria Auxiliadora Schmidt (2004) afirma, ocorreram significativas mudanças tecnológicas nas escolas, mas ainda persiste a precariedade estrutural, devido a diversos fatores, entre os quais o descaso do poder público em relação à Educação. Ressalta ainda que, mesmo com toda essa problemática estrutural, o que pode realmente fazer diferença no processo de educação é a formação do professor e as práticas do cotidiano na sala de aula.

Em continuidade com o pensamento de SCHMIDT (2004), o professor em seu trabalho, tem a missão de tornar a História como algo palpável ou pelo menos próximo da realidade para os alunos. Em relação à História Local, essa exigência de proximidade de realidades deve estar ligada a realidade de vivências e do meio onde o aluno desenvolve suas experiências pessoais, sociais e educacionais.

Nesse sentido, o trabalho com História Local, diante de todas as dificuldades apresentadas e experimentadas no percurso educacional, constitui-se em um desafio aos professores, na medida em que cresce esse esforço em fazer o aluno reconhecer a proximidade da História em seu meio de convivência.

A aula de história é o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade que edificou esse conhecimento. É também o espaço em que um embate é travado diante do próprio saber; de um lado, a necessidade do professor ser o produtor do saber, de ser partícipe da produção do conhecimento histórico, de contribuir pessoalmente. De outro lado, a opção de tornar – se apenas um eco do que os outros já disseram. (SCHMIDT,2004, p. 57)

O professor deve ter opção a apresentar e trazer para as práticas de sala de aula os aspectos contidos nos múltiplos temas da História Local, aqueles que se aproximam da realidade dos alunos, em vez de simplesmente ser o reproduzidor das temáticas e tópicos tradicionais em História, que não incentivam o desenvolvimento no aluno da sua percepção de realidade histórica palpável e vivenciada. Segundo a autora, o aluno de História, no caso ideal deve:

...adquirir a capacidade de realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si e ao redor com olhos históricos, resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado (SCHMIDT, 2004, p. 65)

Este senso crítico pode ser desenvolvido especialmente bem em relação à História Local. Busca despertar no aluno uma sensibilidade e reconhecimento da história que lhe é próxima. Entretanto, o processo de construção de uma disciplina de História no Brasil foi constituído sob o ideário de formação de uma identidade nacional, o que, por muitos anos, impediu que a História estudada em níveis locais tivesse seu desenvolvimento mais acelerado.

Em reforço a esse raciocínio, Circe Bittencourt ressalta ser o professor o recurso humano imprescindível no processo de ensino-aprendizagem. Na proporção em que o professor absorve as propostas dos currículos, torna-as compreensíveis para os alunos, adapta seus conteúdos, para assim repassa aos alunos e estimula o desenvolvimento de habilidades relativas ao conhecimento e práticas:

[...] o sujeito principal dos estudos sobre o currículo real, ou seja, o que efetivamente acontece nas escolas e se pratica nas salas de aula. O professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber a aprendido, ação fundamental no processo de produção do conhecimento. (BITTENCOURT, 2004, p 50 – 51)

Diante da dessa realidade apresentada, parte-se para a análise das estratégias utilizadas por alguns professores que se dispõem em apresentar tópicos da História Local de Campo Maior. Ressalte-se que, é necessário nesse processo, que o professor tenha bastante disposição, pois dada a falta de um currículo formalizado, e ademais, a falta de um subsídio que possa auxiliá-los, dificulta as ações em expor temas e tópicos em História Local.

Os professores de História organizam seus arranjos para que a história de Campo Maior seja conhecida nas salas de aula, pelos alunos, ainda que seja de maneira limitada.

É notável o esforço, por parte de alguns professores, de aplicar em suas aulas, tópicos relacionados ao ensino de História e Geografia de Campo Maior. Esse esforço parte de cada um dos professores, quando interessados, que fazem o trabalho de pesquisa e coleta de materiais necessários para as suas aulas, onde serão abordadas essas temáticas relacionadas ao município. Através de conversas com professores colegas foi possível perceber um movimento positivo, no qual uma parcela de professores têm se dedicado em tentar construir uma proposta de currículo próprio do ensino de História Local.

Para a construção desta análise, foram tomados como referências os trabalhos desenvolvidos por três professores da rede pública de ensino, tanto do nível fundamental, quanto do nível médio. Por meio de conversas e análise dos planos de aula, foi observada como a temática de ensino de História Local é abordada.

Para ter acesso à dinâmica de trabalho dos professores escolhidos para a amostragem, foi elaborada uma questão abrangente³⁵, que norteou as conversas, realizadas pessoalmente e através de trocas de e-mail, a fim de se perceber como estes professores realizavam o trabalho com História Local. Para a resolução desse questionário, foi sugerido que os professores construíssem um texto, se possível apresentassem algum plano de aula que já tenham elaborado abordando a temática da História Local, ou algum projeto. Os professores tiveram a liberdade de se expressarem e utilizarem qualquer material para a formulação de suas respostas.

A professora Maria de Jesus Brito, Licenciada em História, ministra aulas no 9º ano do Ensino Fundamental e no 1º ano do Ensino Médio. Na sua experiência, transita nos dois níveis de ensino, o que lhe proporciona uma visão mais ampla de temáticas abordadas em História, inclusive a História Local. Em sua resposta, ressalta a experiência própria e dos alunos em relação a essa temática:

“É comum ouvirmos reclamações que nos livros didáticos, dos alunos, não abordam a historicidade de Campo Maior. Que se conhece toda a História de outros locais e nada da história campo-maiorense. Mas agora fazendo uma reflexão, vejo que tenho ao longo dos anos negligenciado a história de minha cidade, em raramente despertar curiosidade nos alunos que fomentem argumentos para um debate.” (JESUS BRITO, e-mail de 29.04.2021)

Em sua fala, a professora Jesus Brito, revela que entre os alunos existe algum interesse pela História Local que, no entanto, não lhes é explicitada. É notável que sua fala a faz refletir sobre não ter abordado essa temática ao longo dos anos, o que se tivesse realizado, teria proporcionado mais debates em suas aulas.

A falta de um material didático específico contribui para que as falhas no ensino de História Local concorram para o seu desconhecimento. Sobre os temas e fontes historiográficas que por ventura são utilizadas em suas aulas, ela destaca:

“Nas turmas de ensino fundamental, a história de Campo Maior é trazida às discussões em dois momentos durante o ano letivo, nas datas alusivas à Batalha do Jenipapo, em março, e ao aniversário da cidade em agosto. Nas turmas do ensino fundamental faz-se uso da fonte bibliográfica “A Batalha – o reconhecimento” do autor prof. Francisco de Assis Lima e de vídeos do Youtube.” (JESUS BRITO, e-mail de 29.04.2021)

³⁵ Questionamento livre, sem caráter de entrevista, realizado no período de 28 de abril de 2021 a 22 de maio de 2021. Constava nas seguintes perguntas: “No desenvolvimento de seu trabalho, de que maneira você aborda temáticas de história local (História de Campo Maior)? Se o faz, como se desenvolve essa abordagem (quais temas discute), quais fontes historiográficas utiliza? Que dificuldades você identifica nesse trabalho?”

O tradicionalismo histórico abordado nas aulas de História Local é evidenciado no tocante às temáticas acima citadas. São as efemérides cívicas locais que, de certa maneira, despertam uma atenção que mereça ser debatida ou pelo menos exposta nas aulas. A fonte bibliográfica utilizada reflete a força desse tradicionalismo e limitação de temas. Apesar de ter produzido outras obras, o livro do professor Assis Lima sobre a Batalha do Jenipapo prevalece como uma referência nas aulas de História Local efetivadas pela professora. A utilização de vídeos como recurso complementar atestam uma tentativa de inovação e busca de atenção dos alunos

Quanto ao trabalho desenvolvido nas turmas do 1º ano do Ensino Médio, por ocasião da data do aniversário da cidade, 08 de agosto, a professora declara que é realizada uma exposição dos aspectos econômicos, culturais, culinários, etc. Nesta ocasião é seguida uma dinâmica, na qual uma turma é encarregada de expor material relativo á essa temática e a mesma recebe visitas das demais. A prática de oficinas e atividades interdisciplinares visa nesse ponto, evidenciar de forma diferenciada, que não seja apenas a aula expositiva, particularidades de Campo Maior.

Encerrando a resolução do questionamento, dentre as dificuldades presentes em seu trabalho, a professora ressalta que, entretanto, durante o período do Ensino Remoto, temas sobre a história de Campo Maior foram omitidos, não por falta de importância, mas essa decisão foi decorrente da orientação de o trabalho com os alunos ser o mais sucinto em relação aos conteúdos. Essa redução de conteúdos contribui de sobremaneira para uma limitação ou mesmo descarte da abordagem de temas sobre a história local.

Em continuidade às respostas fornecidas pelos professores ao questionário elaborado, Mário Monteiro, professor da rede pública municipal, no Ensino Fundamental, evidencia alguns dos procedimentos metodológicos por ele utilizados em suas aulas. Destaca que, por meio da realização de projetos nos quais são abordadas temáticas da História Local, é realizada uma análise conjunta com os temas da História em geral, ou seja, ele procura estabelecer uma relação da História Local com temas gerais em História, no qual os alunos possam ser capazes de perceber semelhanças e diferenças contidas e apresentadas nos processos históricos mais particulares e locais, aos temas mais abrangentes, nos tópicos de História Geral.

Entretanto, em sua descrição de trabalho, ele evidencia diversas críticas e dificuldades relativas ao ensino de História Local.

“De início informo que não existe disciplina no componente curricular nas escolas de ensino fundamental da rede municipal de ensino no município de

Campo Maior – PI que aborde obrigatória e regularmente a história do Piauí. Em suma, não há disciplina de história do Piauí nas escolas” (Mário Monteiro em resposta ao e-mail em 29 de abril de 2021)

Nessa declaração, evidencia a completa falta dessa disciplina no currículo local, o que muito prejudica o ensino. Ainda assim, adiante ele ressalta que estratégia utiliza para tentar sanar essa deficiência na estrutura do ensino, na qual aborda, dentro de suas possibilidades, temas da História Local:

“a temática é levada ao conhecimento dos alunos de duas maneiras: por meio de projetos específicos (vide projeto anexo) e momentâneos (1ª forma) ou quando o professor relaciona o conteúdo dado em alguma aula de história local (2ª forma)” (Mario Monteiro, em resposta ao e-mail de 29 de abril).

A evidenciação do desenvolvimento de trabalhos através de projetos ou a inserção da temática de História Local reflete que o professor traz consigo uma preocupação em elucidar para os alunos aspectos históricos de Campo Maior, ainda que sejam temas tradicionais. O professor lamenta o desinteresse por parte das instituições que deveriam ser as responsáveis primeiras para o reconhecimento da História Local, como uma atitude de valorização: “percebemos profundo e lamentável desinteresse pelo tema por parte das instituições que deveriam fomentar a matéria. Negar ou não valorizar sua origem cultural é o mesmo que desaparecer em si mesmo” (Mário Monteiro em resposta ao e-mail de 29 de abril)

Quanto á utilização de referências bibliográficas no apoio de elaboração de seu material para aplicação com os alunos, Mário apresenta-se bastante pessimista, e evidencia sua insatisfação com a produção local:

“Cabe destacar ainda o pobre acervo de livros didáticos que abordam o tema. A produção local deixa muito a desejar, o que impede ainda mais a disseminação e divulgação do quão importante é aprender e valorizar a cultura e história local. O autoconhecimento e a autovalorização cultural são ponto de partida para incutir em cada discente o sentimento de respeito e tolerância religiosa e cultural.” (Mário Monteiro em resposta ao e-mail de 29 de abril de 2021)

Nessa crítica, o professor Mário Monteiro observa que o conhecimento da História Local é um fator preponderante para que o aluno reconheça a si como ator histórico, seja valorizado como pessoa e, mais ainda torne-se um ser tolerante. É perceptível que nesse ponto, ao destacar a tolerância religiosa e cultural, o professor espera que os alunos desenvolvam

atitudes de respeito em relação tanto às diferenças quanto a aspectos próximos de suas realidades.

No desenvolvimento dessa abordagem de temas em História Local, em análise de seus planos de aula e projetos efetivados, o referido professor utiliza-se de fontes materiais, através da realização de aulas de campo. As aulas de campo constam na visita ao Monumento do Jenipapo, no qual em sua aula, aborda aspectos da geografia local e conseqüentemente da história em conjunto. Dentre outras práticas pedagógicas que se configuram como ação interdisciplinar, cita-se ainda visitas a outros locais da cidade, com o objetivo dos alunos conhecerem melhor o Açude Grande, as feiras locais (mercado público e a feira “dos bichos”), na qual toda essa parte historiográfica pode ser abordada. Consta ainda na efetivação de seus planos de aula, a visitação aos museus locais (antigo museu do couro e o museu Zé Didôr³⁶), ressaltando que os mesmos apesar de importantes no trabalho com os alunos, possuem estrutura acanhada.

No tocante às dificuldades do desenvolvimento do trabalho com a História Local, o professor Mário Monteiro reforça que o grande problema estrutural reside na falta de fontes bibliográficas locais, e considera o acervo pobre.

Realizada a análise aos seus planos de aula e projetos, aplicados em uma aula de História direcionada a alunos do 6º ano, é abordada a temática local. Percebe-se que o enfoque é o tema da Batalha do Jenipapo. Essa referida aula de campo é resultado de um projeto interdisciplinar.

Quanto ao plano de trabalho proposto pelo professor Mário Monteiro, ele procura na exploração da aula, proporcionar aos alunos um contato com o objeto de estudo no sítio histórico. Este contato visa proporcionar aos estudantes uma melhor compreensão dos fatos anteriormente expostos em sua aula. Segundo ele, essa estratégia busca levar o aluno para longe da “narrativa vazia e sem significado prático dos fatos históricos para uma história mais concreta”. É perceptível que existe na prática do professor Mário Monteiro, um desejo de que os alunos tenham uma compreensão maior do que seja um fato histórico, e assim eles entendam que o mesmo é próximo de sua realidade.

Acrescenta-se nessa análise, que apesar de possuir uma natureza inovadora na constituição e andamento das aulas, o professor ainda é preso a temas tradicionais que foram

³⁶ O Museu do Couro, apesar de fundado em 1984, funcionou em diversos locais do centro da cidade de Campo Maior, entretanto devidos às constantes mudanças de local, acabou por perder grande parte do seu acervo. Hoje, funciona de forma precária nas instalações do Monumento aos Heróis do Jenipapo. O museu “Zé Didôr” consta de um antiquário, desorganizado, entretanto que guarda muitas curiosidades, não somente de Campo Maior, mas como de várias partes do Brasil, funciona no prédio da antiga Estação Ferroviária.

consolidados na historiografia local ao longo dos tempos. Foi possível observar que na bibliografia utilizada para a preparação dessa aula de campo, o mesmo se utilizou de referências bibliográficas tradicionais, o qual recorreu aos autores Monsenhor Chaves e Abdias Neves, não explorando a historiografia produzida por escritores e pesquisadores locais.

Em mais uma contribuição com suas estratégias de trabalho em História Local, a professora Cláudia Olívia Bandeira, que atua no Ensino Fundamental da rede municipal e na Pastoral da Criança, deixa claro que um currículo está sendo preparado, mas não tem interesse de participar de sua elaboração. Apesar de convites para a elaboração desse material, ela nega-se em participar, pois, segundo ela, é consciente de que não terá muito resultado, pois este material será muito limitado por conta das normativas, ou seja, ela acredita que não haverá uma liberdade de se trabalhar temáticas variadas e tampouco liberdade de escolhas sobre quais assuntos explorar.

Ressalta que até o mês de maio de 2021, esteve trabalhando o conteúdo ainda do ano passado, a título de revisão. Lamenta que por conta da situação de emergência sanitária, que obrigou a realização das aulas remotas, o contato com os alunos foi prejudicado, e em consequência, o aprendizado:

“A partir do mês de junho, será trabalhado um conteúdo proposto pela Secretaria, no qual a escola organiza uma programação de conteúdos flexíveis, porém, como de forma “vigiada”, não falo referindo de minha ação como professora, mas em relação ao conteúdo aplicado, o que impede que temáticas em história local sejam exploradas” (Cláudia Olívia Bandeira, em conversa realizada no dia 20 de maio de 2021)

Em sua explanação, é perceptível que o tema da Batalha do Jenipapo é recorrente, mais ainda durante o mês de março, que é o mês no qual essa efeméride cívica é comemorada. Ela percebe que existe uma limitação de temas a serem explorados por parte da orientação da Secretaria Municipal de Educação, devido à falta de um currículo e material próprio de História Local. No entanto, ela percebe que cabe ao professor construir uma dinâmica que englobe temas variados.

Outro fato verificado pela professora que explica esse engessamento do trabalho com História Local, deve-se às diretrizes impostas pelo sistema educacional municipal e estadual, que orientam as aulas para avaliações externas de desempenho escolar de nível nacional. As Olimpíadas Brasileiras de Astronomia, a OBA, no Ensino Fundamental e Médio, e o ENEM, no Ensino Médio, fazem com que temas próximos do dia a dia dos alunos sejam postos em segundo plano. Essas avaliações buscam, mais do que uma verdadeira formação, apenas

elucidar dados quantitativos, nos quais as escolas devem alcançar um determinado patamar sem, contudo, que efetivamente haja um aprendizado concreto e diretamente relacionado a uma realidade próxima dos estudantes.

Num de seus planos de trabalho apresentados, ressalta a importância de trabalhar com músicas, poemas ou textos que diretamente ou indiretamente, possam desenvolver uma percepção no aluno como pertencentes de uma realidade local ou regional. Com relação a temas locais, ela ressalta a música “Aquarela de Campo Maior³⁷”, que apesar de ufanista, é uma bela canção e desperta nos alunos uma familiaridade.

Em sua prática, é perceptível na professora Cláudia Olívia, que existe um desejo de que se privilegie a produção historiográfica local. Dentro das temáticas da herança africana, que é parte obrigatória do currículo em geral, ela percebe que pode encaixar temas locais. No aniversário da cidade (08 de agosto), organiza aulas de campo no centro histórico da cidade, nas quais ela atenta para a arquitetura presente nos antigos prédios da Praça Bona Primo. Ainda em relação à temas locais, oportunamente aborda o vaqueiro e a carnaúba, referenciando-a como representação da vegetação natural e suas relações com a economia e tradição.

2.7 Idealizando uma prática do Ensino de História local

A proposta de implantar e praticar dentro do currículo de ensino de História, aspectos locais e regionais, não é atitude recente. Um atlas no qual se apresentavam aspectos geográficos, históricos e sociais do Piauí foi editado em 2006, e nos anos seguintes, foi amplamente utilizado como livro didático obrigatório no 1º ano do Ensino Médio. Serviu como subsídio de leitura para as respectivas disciplinas de História e Geografia do Piauí, o que tornou o estudo de história regional um pouco mais interessante.

Ainda que esse livro não tratasse especificamente de Campo Maior em seus aspectos naturais, humanos e históricos, essa disciplina foi de forma satisfatória, bem assimilada, pois era uma história composta de temáticas que representavam a sua realidade e proximidade com o dia a dia dos alunos.

Mesmo que esse subsídio abordasse em sua temática conteúdos reduzidos ou já tradicionalmente expostos, como o processo de colonização do Piauí através da ação da criação de gado, ou ainda sobre a Batalha do Jenipapo e a Balaiada, o livro apresentava aspectos culturais do povo piauiense. Não é possível considerar que fosse uma obra que abordasse a totalidade da história e cultura piauienses, visto que era um material para servir de base na

³⁷ Citada no início desse trabalho, no item da “Apresentação”.

apresentação das aulas, onde o tempo reduzido e a obrigatoriedade de cumprir o currículo proposto, não oportunizava discussões mais demoradas. Entretanto, sua utilização foi bastante proveitosa, pois em muitos dos assuntos abordados os alunos conseguiam se identificar dentro do conteúdo proposto.

A proposta explicitada do Atlas escolar do Piauí-geo-histórico e cultural, despertou de certa maneira o interesse dos alunos, o que a nível pessoal, favoreceu a um ensino mais dinâmico sobre História Local.

Com isto, espera-se estimular os estudantes para que construam um conhecimento cada vez maior sobre seu Estado. Espera-se também, que este Atlas contribua para a formação de cidadãos conscientes e participantes nas discussões dos problemas que afetam suas comunidades, bem como para o conhecimento das belezas e riquezas do Piauí (ARAÚJO, 2006, p.V)

Com as mudanças na grade curricular do ensino de História, essa disciplina “História do Piauí” foi extinta e o ensino de História regional e local deveria ser incorporado dentro das aulas próprias da disciplina História. Tal medida configurou-se como um duro golpe no processo de ensino de História Local, haja vista que o tempo que já era reduzido para esse estudo voltado às particularidades locais, tornou-se ínfimo, o que impossibilitou que muitos professores continuassem a ministrar aulas ou pelo menos em suas discussões, incluíssem tópicos de História ou Geografia e cultura locais.

Esse corte das aulas de História regional deveu-se principalmente às exigências de unificação de um currículo nacional para o Ensino Médio, que objetiva a condução do ensino predominantemente para a realização do ENEM, o que fez com que dentro das aulas, o conteúdo de cunho regional e local praticamente desaparecesse. Ainda assim com todas essas dificuldades, cortes e entraves, há ainda profissionais de educação que conseguem inserir dentro de seu trabalho, tópicos de História regional, o que proporciona aos alunos uma identificação com o meio em que vivem.

Diante da situação apresentada, em 2017 pôde-se implantar um currículo próprio para o Ensino Fundamental no Piauí, seguindo as orientações das normativas da nova BNCC e demais marcos legais da Educação brasileira, bem como as experiências de educadores dos mais diversos ambientes e modalidades educacionais. Este documento, na sua introdução, expõe que foi construído a partir dos debates e discussões entre os profissionais em educação objetivando ampliar os estudos sobre “identidades, culturas, políticas e demais características econômicas e socioambientais do território piauiense” (CURRÍCULO DO PIAUÍ, 2019, p 09)

Observada essa apresentação, é notório que o referido documento foi elaborado em consonância com uma base legal mais abrangente, de caráter nacional, mas dadas às particularidades locais, necessitou-se adaptar para a realidade piauiense, levando em consideração os mais diversos aspectos regionais.

Essa característica em dar atenção a aspectos mais particulares para o ensino abre a possibilidade de se engajar em aplicar metodologias nas quais o ensino de História Local seja privilegiado, ou pelo menos, receba uma maior atenção, haja vista, que é uma temática e forma de se explorar a História, que proporciona uma maior proximidade e familiaridade dos alunos no contexto de ensino-aprendizagem.

No Ensino Fundamental, é priorizado o desenvolvimento das capacidades de aprendizado e compreensão do meio em que vivem os alunos, inclusive os sistemas políticos, econômicos, sociais e tecnológicos nos quais eles têm contato. Objetiva-se que adquiram conhecimentos e habilidades que possam fortalecer os seus vínculos familiares, os laços de solidariedade para assim, firmarem a sua convivência no contexto de um mundo em sociedade.

A História, nesse contexto, é uma ciência que se dedica a estudar a vida humana através do tempo, possibilitando que haja uma compreensão da jornada humana em sociedade. Portanto, o conhecimento histórico tem a função de colaborar na compreensão do homem como um ser que constrói, utiliza e vive o tempo.

Assim, o ensino de História tem a fundamental missão de dentro do processo de aquisição de conhecimentos e formação humana, a função de propiciar aos educandos e seus educadores, uma constante discussão e debates dinâmicos, de forma que se evidenciem, dentro da História, os aspectos culturais regionais e locais. Tal debate constitui-se assim como importante ferramenta na educação que abre possibilidades aos estudantes de refletirem acerca de suas experiências de vida e de seus próximos, dentro do cotidiano local dentro de uma perspectiva temporal histórica.

CAPÍTULO 3 – SUBSÍDIO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Nessa etapa do trabalho dissertativo, de forma não conclusiva, mas em vista de que surjam novas possibilidades de desenvolvimento do trabalho com História, desenvolvo a proposta de composição do Produto Educacional, requisito necessário para a conclusão do Mestrado Profissional em História³⁸ (PROFHISTÓRIA). O produto não pretende ser apenas um instrumental para a aquisição do grau de mestre, mas deve servir no trabalho do professor em sala de aula.

No percurso do desenvolvimento da pesquisa em busca da elaboração de um produto educacional que apresentasse uma utilidade no trabalho em História, identifiquei diversas dificuldades que se impõem ao professor, tanto ao que se dedica somente ao ensino, quanto àquele que se interessa pela pesquisa. No caso particular deste trabalho, o ensino de História Local de Campo Maior, na busca de ‘outras histórias’, mostrou-se bastante delicado, em vista que, apesar de existir uma razoável produção historiográfica, e de haver boas fontes documentais, faltava uma sistematização dessa produção de forma didática e compreensível a alunos e professores. Aliado a esse problema, até o presente momento, não foi elaborado efetivamente um currículo próprio que privilegiasse a História Local de Campo Maior.

A realidade que por hora se apresenta sobre a falta de um currículo próprio da história de Campo Maior, através de um material didático bem elaborado, por outro lado abre novas oportunidades. Oferece a liberdade de elaborar um material que fuja da abordagem tradicional de se trabalhar com temas ditos “oficiais”, já bastante desgastados e distantes da realidade. Deve se evitar ofertar um material didático defasado que não desperta nos alunos o interesse de conhecer sua própria história e que não é capaz de suscitar neles um espírito de identificação com a cidade em que vivem e desenvolvem suas experiências e aprendizagens.

Dentro dessa perspectiva, proponho aqui um material didático no qual de maneira interligada, possam-se trabalhar temas da História Geral, Regional e principalmente Local. Nessa proposta de trabalho, é apreciada a produção historiográfica campo-maiorense, como também a História Oral, através das histórias ‘não ditas’, não reveladas pela ótica da historiografia tradicional.

3.1 História Oral e a relação com o ensino de História.

³⁸ Programa de pós-graduação stricto sensu em Ensino de História, visando a formação continuada do docente que atua na Educação Básica, conduzindo ao título de mestre. É um curso presencial, ofertado de forma simultânea em todo território nacional, coordenado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para saber mais; <https://profhistoria.ufrj.br/>.

Na apresentação desse ponto em que proponho um trabalho com ‘outras histórias’, as que não estão presentes numa historiografia dita como oficial, fez-se necessário apresentar a relação que existe entre História Oral e a construção de outras narrativas e histórias “caladas”, “não reveladas” pela historiografia oficial. No contexto com o ensino de História Local relacionado à História Oral, proponho o produto educacional, que aplicado em formato ou individual ou coletivo, dentro do contexto do ambiente educacional e escolar nos seus mais diferentes níveis, servirá de material de apoio no desenvolvimento das aulas e demais atividades.

A História Oral, como exercício dos alunos de elaborar entrevistas e fazer contatos diretos com pessoas, sobretudo idosos da localidade, é um procedimento metodológico de construção historiográfica. A História Oral apresenta sua importância, oferece ampla diversidade de contextos em que pode ser explorada. A sua abrangência multidisciplinar faz o professor-pesquisador e os alunos-pesquisadores, transitarem através dos mais diversos níveis das ciências humanas e sociais.

A História Oral, por ela mesma, apresenta diversos gêneros, entre os quais a tradição oral, história de vida e história temática. A tradição oral pode preencher lacunas diante à carência de outras fontes documentais.

A tradição oral costuma fazer-se presente na realidade de vida do público a ser alcançado e também na narrativa historiográfica local, muitas vezes fundindo-se com a história de vida de personagens envolvidos na produção dessas narrativas.

Uma das principais questões a se trabalhar a História Oral é buscar dar voz a atores e histórias anônimas ou desconhecidas do público ou desvalorizadas pela historiografia oficial, que reflete, no caso de Campo Maior, a visão de um pequeno grupo privilegiado que atende aos interesses da classe de comando local.

Na presente proposta de trabalho dissertativo, a utilização da História Oral busca acrescentar novas perspectivas para a abordagem histórica de Campo Maior, com fontes alternativas e não oficiais. Pretende-se aqui contribuir com a exploração de outras características de construção da historiografia destinada ao ensino de História Local, em que não se privilegie apenas os atores históricos já consagrados na forma oficial de se narrar a história.

Dentro dessas perspectivas, o movimento dos Annales, encabeçado por Marc Bloch e Lucien Febvre, é capaz de abrir a própria História em suas mais diversas fontes e de trabalhar com a interdisciplinaridade envolvendo aspectos sociológicos e psicológicos, por exemplo, em Apologia da História (Bloch) e Combates da História (Febvre), respectivamente. De acordo

com Peter Burke(1992) a essência do movimento dos Annales, direciona o estudo histórico rumo à análise das atividades humanas e não apenas à história política sob uma ótica oficial. Segundo ele, o movimento substitui ainda a história tradicional por uma história-problema, e, pela minha proposta, é dessa história-problema de onde devem partir as análises sobre os diversos aspectos da História Local de Campo Maior não contada, nos quais o grande problema é a falta de currículo e subsídio de leituras e pesquisas que possam auxiliar na compreensão da História Local.

Ainda sob as perspectivas das análises e proposições de Bloch e Febvre, a interdisciplinaridade é um fator presente nessa dissertação, haja vista que o ensino de História dentro desse contexto mantém relação com outras disciplinas. O funcionamento dessa proposta de trabalho consiste em analisar os diversos aspectos da vida social no estudo da História, bem como no ensino, valorizando a “vida diária”, o povo, as coisas, os fazeres e costumes, além de outros aspectos mais.

No tocante as análises de Bloch e Febvre com os Annales, o trabalho com História Local encontra reconhecimento ao destacar os aspectos da sociedade no geral, com os estudos regionais, eventos e costumes coletivos, além de valorizar e utilizar a tradição oral e os conhecimentos dos lugares. A História, assim, faz-se não apenas com documentos escritos, faz-se a partir de todas as atividades realizadas pelos homens.

O uso da História Oral aparece como uma oportunidade de ouvir ou resgatar testemunhos e narrativas relegadas ou ignoradas pela história oficial, omitidos ou ignorados pelos discursos de poder. Sem o interesse pela oralidade, muitos registros do cotidiano estariam condenados ao esquecimento.

As histórias de vida valorizam uma memória social a partir de uma perspectiva individual, que proporciona um sentimento de identidade e coletividade, na medida em que no resgate dessas reminiscências, os alunos possam identificar semelhanças com suas vidas pessoais e dentro da coletividade do lugar onde vivem.

3.1.2 Memória e História Local

Segundo Pierre Nora (1976), a Memória é o vivido da História, ou seja, a história acontecida, que é lembrada, recordada, com todas as suas modificações, evoluções e revoluções, além de adaptações necessárias na individualidade e coletividade de quem evoca a memória na narrativa histórica.

De acordo com Maurice Halbwachs (1990), a Memória possui um caráter coletivo, tendo assim, uma função social. Dada essa importância de coletividade, Le Goff (2003) traz a observação oportuna de que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

No trabalho dissertativo, a utilização da História Oral não serve para formular um julgamento sobre a veracidade ou não dos relatos dos sujeitos históricos, pois esses relatos costumam ser subjetivos. A vantagem de se trabalhar com História Oral nos processos de ensino de História, consiste na possibilidade de desenvolver esse trabalho fora do espaço da sala de aula, proporcionando uma interação com indivíduos de diferentes realidades sociais e faixas etárias. Além disso, trabalhos com História Local podem ser desenvolvidos em instituições como museus, espaços de igrejas e terreiros e em outros espaços de socialização como praças públicas e centros comunitários.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Curricular Comum, no tocante à disciplina de História, indicam a realização das atividades com História Oral como parte integrante do ensino dessa disciplina, nos mais diversos níveis de ensino, desde a educação infantil, até o ensino superior.

Em História, projetos e propostas de trabalhos em que se utilize a História Oral, abrem oportunidades de se explorar a história do local, e permitem explorar além dos temas do passado, os temas do cotidiano e proporcionam, assim, um trabalho interdisciplinar e crítico.

A História Oral revela então, um campo de possibilidades, e aqui nessa dissertação, um “Campo Maior” delas. Através de seus métodos pode aproximar alunos e professores, gerações e instituições, fomentando um trabalho não apenas teórico e limitado aos conteúdos mínimos estabelecidos, mas sim uma prática no conhecimento da História Local e Geral.

Em relação à História Local, o uso da História Oral possibilita dar voz aos múltiplos narradores da história de Campo Maior, no qual destaca pontos de vista variados e proporciona identificações de alteridade, pois “o método da história oral possibilita o registro de reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial” (FREITAS, 2006, p. 80)

Feito isso, a elaboração de idéias que norteiem o trabalho de exploração da História Local será evidenciado nesse produto, visando a sua maior interação e o desenvolvimento de ‘um gosto’ pela História por parte dos alunos ou quem se interessar. Dessa premissa, surge a idéia de que a maneira que possa despertar nos alunos um interesse pela História Local é relacioná-los de forma prática aos seus cotidianos. Essa relação busca fazê-los se identificarem

com a história que está sendo exposta e submetida ao seu conhecimento. Aliado à proposta do produto, sugere-se a realização de atividades de leituras, aulas de campo e oficinas temáticas que proporcionem ao aluno um contato prático com o que ele passa a ter conhecimento.

É objetivo central desse trabalho dissertativo, contribuir para as discussões sobre o ensino de História, baseando-se na História local de Campo Maior, utilizando-se de fontes consideradas 'alternativas'. O historiador professor deve se valer, utilizar-se das mais diversas fontes, para que assim seu trabalho torne-se recurso didático utilizável e acessível a todos que se disponham estudar a História Local.

3.2 Propondo “outras histórias” para o ensino de História Local

Abordar a História Local de Campo Maior coloca o profissional do Ensino de História diante dificuldades. Apesar de existir lei que obrigue o seu ensino, não há uma proposta concreta e elaborada pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura. O pouco que se aplica atualmente de estudos de História Local parte da iniciativa de alguns professores que elaboraram algum material didático. Boa parte dos professores ainda adota como exposição de assunto sobre a História Local, temáticas já bastante exploradas como a Batalha do Jenipapo ou a sagas das origens de Campo Maior, apresentadas tão somente nas proximidades das efemérides cívicas do dia 13 de março (Batalha do Jenipapo) ou no aniversário de emancipação política do município (08 de agosto).

Mesmo a rica temática cultural, que facilmente pode ser incorporada aos estudos de História, limita-se à citação do evento da festa de Santo Antônio, e não costuma se aprofundar num estudo sobre o lado histórico dessa manifestação religiosa e cultural. Não se exploram outras temáticas, como as diferentes devoções praticadas, tanto do catolicismo popular, quanto das demais manifestações religiosas, inclusive as de matriz afro-brasileira.

Temas como o processo de ocupação territorial através da expansão da pecuária e seus desdobramentos, a expressão culinária e cultural da carne de sol, o artesanato em couro, o ciclo econômico da carnaúba e seus reflexos na vida social verificados na cidade de Campo Maior, costumam ficar sem ser abordados. Essa carência de informações resulta para que o aluno não encontre uma identificação com o próprio local em que ele vive e desenvolve suas relações culturais e sociais.

É notável que, por vezes, nem o básico do estudo histórico local é abordado, como as origens históricas do município, os eventos relacionados à independência do Brasil (Batalha do Jenipapo), temáticas de viés tradicional, que dirá se trabalhar uma temática mais expansiva,

relacionada às histórias de vida ou outros aspectos históricos e sociais, nos quais se aborde a proximidade do aluno com o ambiente de suas vivências e lhe faça identificar-se como agente histórico.

Ainda que essa temática de um estudo sobre a História Local seja mais presente no Ensino Fundamental, propõe-se nesse trabalho que o tema seja aplicado também no Ensino Médio. Pela presente proposta, isto se tornará possível na medida em que se insiram dentro do assunto exposto, exemplos locais que tenham uma relação com aspectos gerais e globalizantes do ensino de História.

Ao estabelecer a relação destas características culturais com a História Local, levo em consideração as peculiaridades da cidade de Campo Maior, em diversos aspectos da história, cultura, religiosidade, culinária e patrimônio que podem ser explorados. Tais temáticas devem servir como subsídios na apresentação da proposta de trabalho aplicada aos alunos em sala de aula e fora dela. Sugere-se utilizar ‘outras’ narrativas que podem ser contadas sobre a cidade de Campo Maior, na medida que se dá destaque a personagens, ações, tradições próximas da realidade dos alunos.

3.3 Uma imagem de Campo Maior

Campo Maior, conhecida como a “Terra da carne de sol”, “Terra dos verdes carnaubais”, “Terra de Santo Antônio Aparecido”, possui esses epítetos que lhe são atribuídos a partir de uma construção do imaginário social, elaborado por agentes sociais com a intenção de engrandecer o lugar em que vivem, forjando dessa maneira, uma identidade. Castoriadis (1987) escreve em sua obra, Figuras do pensável:

“A auto-instituição da sociedade é a criação de um mundo humano: de coisas, de realidade, de linguagem, de normas, de valores, modos de viver e de morrer, objetivos pelos quais vivemos e outros pelos quais morremos – e, obviamente, em primeiro lugar e acima de tudo, ela é criação do indivíduo humano no qual a instituição da sociedade está solidamente incorporada” (CASTORIADIS, 1987. p.271)

A identidade do que é ser campo-maiorense é uma construção social, originada no seio da sociedade. No decorrer dos tempos, de acordo com os ciclos econômicos, eventos sociais, acontecimentos históricos e inseridos no meio natural em que os moradores da sociedade viviam e vivem, estes desenvolveram a percepção de que existem particularidades e

semelhanças. Os elementos de identificação mútua poderiam ser compartilhados e incorporados de uma maneira geral, ou absorvidas por partes.

O imaginário e a instituição do que vem a ser a identidade campo-maiorense, surgiu no contexto em que a cidade experimentava um auge / apogeu de progresso econômico e social, advindo da extração da carnaúba. Por conveniência construiu-se para este município, uma imagem de altivez e grandeza, amparada de modo geral numa idéia positiva sobre essa cidade. Para que ocorresse a construção de identidade, certos símbolos foram exaltados para a construção dessa imagem.

Na idealização desse imaginário, o episódio da Batalha do Jenipapo se impôs quase como tema único dentro das temáticas em História³⁹, relegando outros aspectos da História Local.

A nova história, na visão do escritor Peter Burke, aparece como oportunidade de se voltar o olhar para diversas abordagens, distanciando-se assim do tradicionalismo da narrativa histórica. Nesse contexto, a História vista de baixo mostra como os historiadores estão preocupados com essa história “em outras palavras, com opiniões de pessoas comuns e com sua experiência da mudança social” (BURKE, 1992, p 13)

É a busca por uma familiaridade histórica para os personagens do cotidiano, ou mesmo os não presentes no dia a dia da cidade, que me motiva apresentar essa proposta de um material didático, que visa permitir ao aluno elaborar um reconhecimento, uma identificação da História Local. Espero que os temas expostos tradicionalmente nas aulas de História, ainda que não suprimidos por completo, possam vir acompanhados por exemplos próximos e práticos da vivência dos alunos, através do re-conhecimento de eventos e histórias vistas de baixo, como assevera Peter Burke:

“O que essas abordagens têm em comum é a sua preocupação com o mundo da experiência comum (mais do que a sociedade por si só) como seu ponto de partida, juntamente com uma tentativa de encarar a vida cotidiana como problemática, no sentido de mostrar que o comportamento ou os valores, que são tacitamente aceitos em uma sociedade, são rejeitados como intrinsecamente absurdos em outra” (BURKE, 1992, p.25)

Revelar a historicidade fora do tradicionalismo no qual se escreve e ensina-se História não é elevar o senso comum a um status científico, mas é reconhecer que a partir de diversos

³⁹Por muitos anos essa temática foi estudada por não campo-maiorenses de nascimento, ou mesmo pessoas naturais dessa cidade (Odilon Nunes, Monsenhor Chaves, Abdias Neves), -pessoas que tinham no trabalho com a História uma maneira de contribuir para a cultura da sua cidade escolhida.

aspectos, há uma característica histórica, que merece atenção, dentro desse desafio que é relacionar a vida cotidiana a grandes acontecimentos, visto que para quem está inserido num determinado cotidiano, tende a ver tudo ao redor de forma comum, simples e sem significado histórico (BURKE.1992,p.26).

Como proponho utilizar histórias não reveladas, ainda não contempladas em materiais didáticos, a 'História Nova' traz em seu arcabouço estratégico de estudos a História 'vista de baixo'. Jim Sharpe apresenta múltiplas possibilidades de se ter um contato com histórias/ou historicizar o cotidiano:

Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (SHARPE,apud BURKE, 1992, p.43)

Em sua perspectiva percebe-se a significância do 'povo' no dinamismo do processo histórico. O tradicionalismo das narrativas ocultou as camadas populares, mas uma nova geração de historiadores têm se disposto a remediar essa situação, lançando o seu olhar historiográfico sobre todas as camadas sociais.

O silêncio lançado sobre as camadas populares na História é refletido dentro da própria estrutura educacional, que cuidou de relegar a um plano menor ou mesmo de nenhuma importância a sua historicidade, apesar da sua complexidade.

Com este trabalho pretendo contribuir para um melhor reconhecimento da historicidade local em seus mais diversos aspectos, e assim, de forma didática, propor que seja evidenciada a ligação entre as diversas temáticas abordadas no ensino-aprendizagem em História.

3.4 O Produto Educacional: As outras histórias

O cenário cultural de Campo Maior apresenta-se bastante diversificado, rico e variado, e nessas condições, explorar uma única temática, é bastante limitativo. Acrescenta-se o fato de que um currículo próprio de História de Campo Maior inexistente, e essa proposta é uma tentativa de contribuir na construção de um currículo.

A História Local de Campo Maior está intrinsecamente ligada ao ciclo do gado, no contexto da colonização do Piauí, inicialmente com a instalação da fazenda Bitorocara, tida como o marco civilizatório da presença portuguesa, e demais fazendas, que posteriormente deram origem a outros núcleos populacionais. A figura do vaqueiro é emblemática, sendo presente e arraigada no imaginário do povo e na própria constituição familiar e genealógica dos piauienses, em especial dos campo-maiorenses.

Campo Maior é conhecida como a “Terra da carne de sol”, que é a carne bovina salgada e exposta ao sol por vários dias. É impossível dissociar a idéia da ligação da carne de sol com esta cidade, pois sua produção e comercialização têm uma significativa representatividade na economia local, gerando uma atividade que envolve muitos comerciantes, os chamados marchantes ou magarefes. Importa saber, como surgiu em Campo Maior essa atividade da produção e venda do produto. É quase uma obrigação aos que passam pela cidade comprarem um pedaço deste alimento tradicional do Nordeste, do qual é feito paçoca de carne e arroz maria-isabel, dois famosos pratos culinários da região, além de ser uma das carnes preferidas usadas em churrascos pelos locais⁴⁰. Com um outro produto derivado do gado, o artesanato em couro é presente.

Além do ciclo do gado, a cidade de Campo Maior é conhecida como “Terra dos Carnaubais” pela grande importância econômica deste produto. Teve e tem nessa planta, um dos alicerces de seu progresso econômico com auge nas décadas de 1930 a 1970, permanecendo até a atualidade. Da carnaubeira, diz-se, tudo se aproveita, de forma não apenas utilitária e econômica, mas também cultural. Em Campo Maior e em outros lugares do Nordeste é conhecida como “árvore da vida”. Do seu tronco, a base serve para construções mais variadas; o fruto é comestível; as folhas servem para o artesanato e a cobertura de casas, além da cera ser matéria-prima utilizada nas mais diversas atividades industriais: automobilística, alimentícia e cosméticos. As atividades econômicas relacionadas à carnaúba impulsionaram o comércio local e trouxeram o que na época era considerado ‘progresso’. Por outro lado, cresceram fenômenos de precariedade social, como exploração de trabalho e prostituição⁴¹. Hoje, a cidade continua abrigando uma indústria de produção de cera de carnaúba⁴².

A carnaúba é componente visível e significativo na paisagem cultural do município, e é símbolo da religiosidade local. O tronco de uma carnaúba selecionada serve de mastro para a

⁴⁰ Prato regional que consiste na mistura de arroz com carne de sol em cubos.

⁴¹ Idem capítulo 1

⁴² Fábrica de transformação e industrialização de insumos da carnaúba “Ceras Brasil”, localizada no povoado Alto do Meio.

bandeira do padroeiro da cidade e diocese, Santo Antônio, no período dos festejos, que ocorrem de 31 de maio a 13 de junho. O mastro, chamado "pau de Santo Antônio", há mais de 70 anos costuma ser pintado de cores, e costuma ser reutilizado durante o decorrer dos anos, eventualmente trocado quando houver desgaste, mas sempre é da madeira de carnaúba. Carregado em procissão, é fincado no patamar da Catedral, torna-se o centro das atenções dos fiéis na abertura dos festejos, para qual acorrem moças em busca de casamento, políticos pedindo sucesso em suas candidaturas, bem como promesseiros que pedem graças ao padroeiro ou pagam graças já alcançadas, amarrando nele fitas ou escrevendo em seu tronco.

Em referência à religiosidade dos campo-maiorenses, percebe-se que o catolicismo é presente na vida e cultura de seu povo, ainda que uma parcela de sua população não seja católica. A festa de Santo Antônio, na cidade de Campo Maior chamado de Santo Antônio "Aparecido", por conta do achado de uma estátua envolto de lendas e milagres em torno de sua imagem, é uma das mais movimentadas do Piauí. A festa costuma ser celebrada através de uma "trezena de Santo Antônio" (treze dias e noites de celebrações) além de missas e procissões muito concorridas. É acompanhada por uma ampla oferta de manifestações culturais, expressa através de barraquinhas de palha de vendas de comidas e bebidas típicas regionais, parques de diversão e palanques e terreiros para apresentações artísticas. A religiosidade do povo de Campo Maior, entretanto, não se resume à festa do padroeiro nem apenas ao catolicismo.

Outras expressões da religiosidade católica popular são notáveis. No presente trabalho menciono a devoção às almas milagrosas, aquelas que não são oficialmente reconhecidas pela Igreja Católica como "santos", mas que tem uma grande devoção por parte da população local. Das ditas almas, trata-se de pessoas que em vida sofreram, foram injustiçados, eventualmente criminosos que se arrependeram e pessoas que viveram voluntariamente como "beatos" e praticavam o bem.

Dentre as devoções às "almas milagrosas", destaca-se "a Cruz do Moleque", personagem dito como milagroso, com um túmulo localizado na zona rural de Campo Maior, no povoado Vargem. A história da personagem lembrada - um ex-escravo morto violentamente - já foi romanceada em forma de livro com o título "A Cruz do Moleque", de autoria de Elesbão Ibiapina⁴³, escritor local, e também recentemente filmografada.

Uma outra "alma milagrosa" merece destaque: a chamada "Escrava Felicidade", cuja tradição devocional tem seu lugar na fazenda Jatobazal, na região da serra de Santo Antônio.

⁴³ Elesbão Pinto Ibiapina, atualmente com 84 anos, começou a escrever por volta dos 40 anos de idade. "Hoje gosto de escrever e colocar no papel meu conhecimento sobre fatos, sejam eles verídicos ou de minha imaginação". Além do romance "A Cruz do Moleque" escreveu também "A Lobisomem" e "O inimigo da onça".

Segundo a tradição oral, uma escrava com o nome Felicidade foi morta a golpes de espeto, e posto em brasa, por conta de ciúmes da esposa do senhor da fazenda que suspeitava da traição de seu marido com ela. A ironia trágica na denominação dessa alma é marcante: uma escrava, com vida de sofrimento, chamada de “Felicidade”, foi morta de forma brutal e mais infeliz possível.

As referências ao elemento ‘afro’-brasileiro nesse trabalho não se resumem a tais relatos trágicos ou místicos. O processo de luta e resistência do ‘negro’ é ressaltado em tópico relacionado sobre a história da capoeira em Campo Maior, que por sinal, tem muito ainda que ser conhecida.

No cemitério velho⁴⁴, no centro de Campo Maior, localiza-se o túmulo de Maria Lúcia, criança tida como milagrosa, por ter vivido adoentada desde seu nascimento até a morte, com oito anos de idade. A devoção a esta “alma milagrosa” é comum entre estudantes que desejam passar de ano, entre candidatos de algum concurso público ou entre pais aflitos pela saúde de seus filhos. Costuma-se oferecer como ex-votos para Maria Lúcia bonecas e brinquedos infantis.

Cabe ainda citar entre as devoções uma já em desuso, a chamada ‘alma de Chapéu de Sebo’. Segundo antigas tradições orais, um homem apelidado com este nome teria assassinado primeiro a sua esposa num ato de fúria, e depois, todo arrependido, se suicidado com a forca. Esta trágica história tornou-se peça de teatro escrita por Francisco Pereira da Silva, o Chico Pereira⁴⁵, teatrólogo piauiense, nascido em Campo Maior e falecido no Rio de Janeiro.

Além das artes cênicas do teatro, a literatura de cordel faz-se presente na história e cultura campomaiorenses, a título de exemplo interessante de ser estudado, cito Cunha Neto, que com sua obra, retratou diversos aspectos da cidade em seus cordéis.

Localizada no centro de Campo Maior, próxima à Catedral, ergue-se a Igreja do Rosário. Inicialmente, uma rústica capela dos negros e da população mais pobre, hoje é ponto de reunião dos mais diversos grupos de oração. Hoje, diz-se que a Igreja do Rosário passa de igreja dos escravos a ser igreja de todos. Guarda em seu interior uma mais que centenária imagem de Bom Jesus dos Passos, que depois de Santo Antônio, atrai a maior devoção do povo católico de Campo Maior, para a qual são realizadas diversas promessas e rituais de devoção.

Apresenta-se ainda nesse subsídio, a proposta de um roteiro histórico, uma cartografia de lugares relacionados à história local, pois defendendo a idéia que o aprendizado não se realiza

⁴⁴ Cemitério da Irmandade de Santo Antonio.

⁴⁵ Teatrólogo piauiense, nascido em Campo Maior (1918) e falecido no Rio de Janeiro (1985). Autor de diversas peças teatrais, entre as quais “Raimunda Pinto, sim senhor!” e “Cristo Proclamado”.

apenas dentro do espaço físico da sala de aula, mas a própria cidade pode se tornar um palco de aprendizado.

A proposta que se apresenta como produto a ser utilizado nas aulas, como um subsídio, consiste em se elaborar uma seqüência didática acessível. Os trechos textuais apresentados são pequenos, podendo ser escritos no quadro, distribuídos aos alunos, dependendo do recurso de cada escola/turma, ou serem apresentados em slides ou apenas lidos oralmente. A partir de sua exposição, sugiro provocar um debate, com o objetivo de que os alunos possam ao máximo comparar a proximidade do tema com suas realidades.

Dentre as propostas temáticas com as quais o aluno no processo de aprendizado de História possa perceber alguma familiaridade, cada temática da história local será abordada, em associação à história do Brasil e do Piauí. Em seguida, proponho atividades propostas e oficinas. No desenvolvimento deste trabalho, proponho a realização de pesquisa historiográfica, promoções de debates e da escuta das experiências e do conhecimento tanto dos alunos como de seus parentes, além de atividades com história oral. Destarte, os alunos são convidados a realizar uma vivência educativa, que os envolvam e provoque neles uma interação com o assunto explorado e também uma identificação pessoal e cultural.

Inicia-se aqui, um passeio pelas outras histórias de Campo Maior!

3.4.1 Campo Maior erguida no lombo do boi

Como detentora de currais de gado, ligada desde as suas origens históricas às atividades pastoris, a carne bovina tornou-se um símbolo local da cidade de Campo Maior. A cidade abrigou por mais de duas décadas um frigorífico de proeminência regional, o hoje desativado Fripisa⁴⁶, uma marca registrada na exposição em vitrines nos açougues espalhados pela cidade. Falar em Campo Maior é, para boa parte dos piauienses, sinônimo de falar em carne de sol, paçoca de carne e arroz Maria-Isabel.

O texto abaixo expõe a narrativa característica dos livros didáticos que abordam a História do Brasil, na qual as particularidades regionais onde se desenvolveu o processo de ocupação territorial através da ação da pecuária são destacadas:

⁴⁶ Frigoríficos do Piauí S/A. foi uma sociedade de economia mista brasileira, de propriedade do governo do Estado do Piauí e acionistas. Criado em 05 de novembro de 1957, tinha como objetivo incentivar a pecuária piauiense. Sua sede industrial estava em Campo Maior e a sua sede comercial em Teresina. Teve suas atividades encerradas no início da década de 1990. Em seu entorno cresceram os bairros Santa Cruz e Fripisa. O fechamento de suas atividades marcou o início da estagnação econômica local.

CICLO DO GADO NO BRASIL COLONIAL

Durante o período colonial, a empresa açucareira foi o grande investimento dos portugueses nas terras brasileiras. Contudo, as necessidades de consumo das populações nativas serviram para o desenvolvimento de outras atividades econômicas destinadas à subsistência. Tais empreendimentos econômicos ficaram comumente conhecidos como atividades acessórias ou secundárias e costumava abranger o plantio de pequenas e médias culturas e produção de algodão, rapadura, aguardente, tabaco e mandioca.

Nesse cenário a atividade pecuarista também começou a ganhar espaço com a importação de algumas reses utilizadas para o trabalho nos engenhos de açúcar. Com o passar do tempo, o crescimento do rebanho de gado acabou causando problemas no interior das plantações de açúcar, que tinham parte de sua plantação destruída pela ação desses animais. Com isso, o lucro a ser alcançado com a produção açucareira se incompatibilizava com a incômoda presença do gado dentro das fazendas.

A questão chegou a ser tratada pelas autoridades metropolitanas, que estabeleceram um decreto que proibia a realização de qualquer atividade pecuarista nas regiões litorâneas do Brasil. A medida, apesar de seu caráter visivelmente restritivo, acabou impulsionando a criação de gado no interior do território de forma extensiva com o uso de pastagens naturais. Segundo algumas estimativas, no século XVII, a atividade alcançava várias regiões nordestinas e contava com mais de 600 mil cabeças.

Além de se constituir enquanto uma atividade econômica alternativa aos projetos de exploração colonial, a pecuária também instituiu novas relações de trabalho alheias ao uso da mão-de-obra escrava. Geralmente, a pecuária necessitava de um pequeno número de trabalhadores e tinha sua mão-de-obra composta por trabalhadores livres de origem branca, negra, indígena ou mestiça. Além disso, o pagamento pelos serviços prestados era comumente realizado com o repasse de novos animais que surgiam no rebanho.

Com o surgimento das atividades mineradoras nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, a pecuária ampliou seu mercado consumidor estabelecendo novas frentes de expansão no Nordeste e na região Sul do território. Além de servir para o abastecimento da população, a atividade pecuarista também consolidou um próspero comércio de equinos e muares usados para o transporte de pessoas e mercadorias. Geralmente, eram organizadas feiras em alguns centros urbanos do interior onde esses animais eram negociados.

Além de ocupar uma importante posição no ambiente colonial, a expansão da pecuária foi de grande importância no processo de ampliação do território. Paralelamente, após a decadência da atividade mineradora no interior, a pecuária também se consolidou como uma nova atividade que substituiria o vazio econômico deixado pelo esgotamento das minas.

(SOUSA, Rainer Gonçalves. *Pecuária no período colonial. Brasil*

Escola. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/pecuaria-no-periodo-colonial.htm>. Acesso em 21 de junho de 2021).

A atividade pecuária no Brasil marcou o início de sua ocupação territorial e populacional. Nas áreas onde essa atividade teve maior influência, como o Nordeste, a presença do gado refletiu – se em praticamente todos os aspectos do cotidiano.

Explorando o caso particular do Piauí, é notória a relação do Estado com essa atividade econômica e como ela lhe rendeu numerosas páginas na História e reflexos na vida social e no imaginário de seus habitantes. Dessa maneira, uma grande carga no que é ser piauiense deve-se ao processo histórico de ocupação através do ciclo de criação de gado.

O texto a seguir, exemplifica como se estabeleceu a relação entre o ciclo do gado e a ocupação do Piauí:

A PRESENÇA DO GADO NO CONTEXTO HISTÓRICO DO PIAUÍ

As fazendas de gado foram a primeira forma de ocupação desse espaço pelos colonizadores portugueses.

Essas fazendas se instalaram em grandes propriedades, chamadas sesmarias, doadas aos fazendeiros pelo governo português. As sedes das fazendas, onde ficavam a casa grande e os currais, localizavam-se quase sempre, às margens de rios e lagoas. Isso acontecia porque a presença de água era necessária para a sobrevivência do gado e para o consumo das pessoas que viviam nas fazendas. Numa fazenda, moravam poucas pessoas, porque o trabalho com o gado criado solto não exigia muita mão de obra

(ARAÚJO. José Luís Lopes. Atlas escolar do Piauí: geo-histórico e cultural. 2006, p19)

Adentrando na temática particular de Campo Maior, sua formação histórica não fugiu da regra da cidade ter sido fundada a partir de uma fazenda de gado. Como um município inicialmente formado pela ação de fazendeiros que instalavam suas fazendas e currais às margens dos rios, Campo Maior tem suas origens na fazenda chamada Bitorocara, como cita Padre Cláudio Melo e outros escritores reiteram as suas conclusões no texto a seguir:

A ORIGEM DE CAMPO MAIOR RELACIONADA AO GADO

Foi nos verdes prados do Surubim que Bernardo de Carvalho viveu a maior parte de sua vida. Lá se teceu a história e se enraizaram as glórias do homem que realizou os feitos mais memoráveis do Piauí nascente. Ali teve seus aposentos até que o cansaço das labutas e a decepção nascida do jogo político o fez refugiar-se no Maranhão onde fechou para sempre os olhos em 1730.

O curral, embora o tenha feito muito rico, não satisfez as aspirações de Bernardo de Carvalho, cuja alma não era de fazendeiro – a fazenda era-lhe apenas um ponto de apoio. Bitorocara, depois Santo Antonio do Surubim, logo se transformou em acampamento militar, centro principal das operações bélicas do Piauí, no primeiro quartel daquele século de levantes...

Em 1696, já residindo em Bitorocara, foi chamado pelo governador da Capitania de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro. Era

para lhe conceder a patente de Capitão Mor da Infantaria da Ordenança do Distrito da Cachoeira até a povoação dos Rodelas, prêmio justo, pelos nobres feitos militares ao lado de Garcia Paz.

(MELO. Cláudio, Padre. *Obra reunida*. 2019.p.450-451)

Nos trechos acima citados, tem se destacado ainda um viés tradicional da narrativa histórica (através da heroicização de Bernardo de Carvalho e da impessoalidade destacada no processo de ocupação do interior do Brasil através do ciclo do gado) que merece ser problematizada. Para que a narrativa se torne mais “palpável” para a realidade dos alunos, sugiro apresentar personagens e a descrição de atividades próximas ao seu cotidiano: a figura do vaqueiro, a comercialização da carne de sol no cenário urbano e gastronômico de Campo Maior, além do trabalho de artesanato em couro.

O autor Renato Castelo Branco⁴⁷ destaca as estreitas origens do povo piauiense e sua relação com a atividade da pecuária. A figura do vaqueiro é apresentada como o pai da gênese piauiense. Em suas palavras, não há como se referir ao Piauí sem lembrar-se da vida em torno do gado. Presente no imaginário social do sertanejo, como também do cidadão, o vaqueiro é representado como homem forte e valente, responsável pelo gado, comandando-o e acalmando-o através de seus aboios.

O BOI NA CULTURA PIAUIENSE

A mística do boi

Esta tradição não é mais local. Irradiou-se. E hoje, se em poucos Estados se chama o Piauiense de “papa bode”, todo o Brasil sabe onde é a “terra do boi morreu” e canta a chula já agora envergando a roupagem pomposa de uma orquestração estilizada, segundo a qual

“o meu boi morreu
que será de mim?
manda buscar outro, morena
lá no Piauí”.

É assim que se pode dizer, sem exagero, que o gado está para o Piauí, não apenas como a maior fonte de riqueza e esteio de sua vida econômica. Mais do que isto – o gado é a própria alma do Piauí. Há ali,

⁴⁷ Autor piauiense, nascido em Parnaíba (1914) e falecido em São Paulo (1955) foi autor de diversas obras literárias e históricas, nas quais ressalta aspectos da cultura piauiense.

no indivíduo como na coletividade, uma perfeita mística do boi. O próprio Estado é criador, nesta pátria de vaqueiros...

Como se vê, em nenhum lugar jamais foi tão nítido o caráter de uma civilização; em nenhum lugar poderíamos encontrar mais definido aquilo que Capistrano de Abreu chamou a “civilização do couro”.

(CASTELO BRANCO, Renato. *A Civilização do Couro*. 2016, p.166)

Ao aprofundar-se o estudo dessa temática, sugiro levar o aluno a ter conhecimento e posterior imersão com os elementos expostos nos textos. Esse contato será efetivado através do desenvolvimento de atividades, constando da leitura de texto base, aula de campo, entrevista e pesquisa à bibliografia indicada. O desenvolvimento dessas atividades pode aproveitar a presença, na zona urbana, de atividades comerciais de corte e comercialização da carne de sol e artesanato em couro.

A comercialização da carne de sol em Campo Maior é antiga, haja vista que a produção e venda de carne seca remontam aos tempos coloniais. De início, a carne foi comercializada em açougues no centro da cidade, nas proximidades da principal praça, conhecida como Bona Primo. Com o crescimento da cidade, outras áreas foram adquirindo caráter comercial. Quando da construção do Terminal Rodoviário “Zezé Paz” em fins da década de 1970, alguns dos estabelecimentos de açougues surgiram em seu entorno. Os proprietários viam na rodoviária um ponto para melhor comercializarem seus produtos para os viajantes que chegavam e partiam. Além disso, constitui-se como o principal ponto de concentração de venda da carne de sol a extensão urbana da BR 343, que dá acesso ao litoral piauiense e a capital cearense, além de ligar um bom número de cidades do interior do Estado.

A venda da carne no mercado público chegou a mudar a sua localização no decorrer dos anos. De início concentrada no mercado público, até a década de 1970, localizado entre as avenidas José Paulino e Demerval Lobão, a venda foi mudada para cerca de 300 metros, em direção a estrada que dá acesso a Parnaíba. Ficou próxima à linha de ferro, pois nesse período o trem ainda circulava pela região, e levava mercadorias e passageiros. O texto abaixo, um trecho do jornal “A Luta”, e retirado do livro “Geração Campo Maior”, descreve a antiga localização dos pontos comerciais dedicados à venda de carne. O texto relembra o nome de alguns dos comerciantes, tipos marcantes da história local:

MARCHANTES E MAGAREFES

Irmão Turuka

A vila nascera ribeira do Surubim e à margem da lagoa, ambas as artérias ficaram conhecidas uma por Rua da lagoa, outra por Rua do Rio. Em busca do riacho das Pintadas, estas ruelasinhas iam se enroscando, para desenhar a zona norte de Campo Maior. Como sinal evidente de progresso, surgiram por certo, aqui e acolá, os profissionais, marchantes e magarefes.

Os açougues eram verdadeiros cubículos salitrados, sem higiene é verdade, mas de grande prestimosidade. Impossível falar dos pioneiros que a história não registrou...

Conversando com gente mais vivida, chegamos à conclusão de que dos comerciantes de carne bovina havidos em campo maior, nenhum se vinculou tanto ao nome de marchante quanto o Sr. Jucundino Ferreira da Cunha...

Aderson Sampaio foi outro ilustre comerciante de carne, marcando época com seu açougue instalado num velo quartinho nos fundos da casa onde está o bar do Bona Neto. Nezinho Sampaio foi marchante aqui, e o finado Zeca Mendes teve um pequeno açougue onde preferivelmente se encontrava a gostosa carne de bode.

(LIMA. Reginaldo Gonçalves de. Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia. 1995. p.407)

3.4.2. O vaqueiro campo-maiorense.

Intrinsecamente relacionada à atividade pecuária, o vaqueiro se consolidou como figura típica local. Ele costuma ser homenageado num dos dias do trezenário de Santo Antônio, a chamada “noite dos vaqueiros” que é uma das noites de maior participação popular. As homenagens começam cedo, de manhã, na ocasião em que vaqueiros comparecem em massa à missa, devidamente adornados de gibão, chapéu e traje completa de couro. Em seguida desfilam pelas ruas da cidade em procissão, montados em cavalos, entoando seus aboios e vivas à Santo

Antônio. À noite, na trezena, comparecem elegantemente arrumados, e dão brilho a essa noite que costuma ser uma das mais concorridas do festejo.

A presença da figura de vaqueiro entre os nordestinos, denota-se em brincadeiras infantis como o velho cavalo de carnaúba, ou os currais feitos no quintal com carrinhos e bozinhos de plástico. Entretanto, conhece-se o trabalho do vaqueiro? Capistrano de Abreu o descreve, em 1907, com elementos que ainda persistem hoje.

ROTINA DE TRABALHO DO VAQUEIRO

Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras... Para cumprir bem com seu ofício vaqueiral, escreve um observador, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou ao menos as madrugadas não o acham em casa...

Depois de quatro ou cinco anos de serviço, começava o vaqueiro a ser pago; de cada quatro crias cabia-lhe uma; podia assim fundar fazenda por sua conta.

(ABREU. Capistrano de. Capítulos de História colonial; 1500-1800. 1998. p.131)

Além de apontar mudanças e permanências na trajetória da vida do vaqueiro e no desenvolvimento e consolidação da atividade relacionada ao gado no Piauí, sugiro apresentar um caso atual de história de vida de um vaqueiro, que evidencia uma parte de seu cotidiano de trabalho.

Como exemplo, entrevistei Arilson Vitório Andrade ⁴⁸com vinte e três anos de idade, que exerce seu trabalho de vaqueiro na Fazenda Pedra Negra, situada nos limites entre os municípios de Campo Maior e Sigefredo Pacheco. Segundo o seu depoimento, desde criança convive com o trabalho de vaqueiro, e chegou a gostar desse ofício. Mas, ele admite ser o vaqueiro uma profissão perigosa.

Dentre os aspectos de seu trabalho com o qual mais se identifica, ele ressalta que é o simples fato de estar no meio da natureza e não perder o contato com os animais. Ele disse, que desde criança em contato com esse trabalho, ele gosta muito de cavalo e gado. Aprendeu o trabalho com seu avô e estabeleceu um vínculo de afeto e orgulho com a profissão.

⁴⁸ Depoimento concedido em 15 de agosto de 2021.

Arilson ressalta que o trabalho de vaqueiro é a sua principal atividade de trabalho.

Figura1: Vaqueiro do interior de Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.

Perguntado sobre a importância de seu trabalho, Arilson destaca: “Sim! Não só para a cultura como para nós mesmos, pois uma fazenda só vai pra frente se tiver vaqueiros empenhados no trabalho e claro, que goste realmente de fazer isso. Por que ser vaqueiro só dá certo se já nascer gostando da profissão, o único trabalho que precisa nascer com vocação pra poder se destacar e fazer o trabalho bem feito”.

Em referência à figura do vaqueiro de Campo Maior, há uma homenagem através de um painel de azulejos coloridos no mercado público de Campo Maior⁴⁹, datando da década de 1970, encomendado de um ateliê no Recife.

Esse painel apresenta-se como um retrato do dia-a-dia desse profissional excepcional. Dois vaqueiros, montados em seus cavalos, partem em corrida para capturar um boi em fuga. Os vaqueiros são auxiliados por cães em disparada. No fundo aparece a paisagem de um carnaubal e o solo é caracterizado pelo pasto verde das campinas.

Figura 2: Pannel em azulejos homenageando os vaqueiros, encontra-se no Mercado público de Campo Maior-PI.

⁴⁹Infelizmente hoje, este painel encontra-se com a visão obstruída por conta de uma casa de máquinas de um poço.



Fonte: Silva, 2021.

Outro painel, situado na Praça Bona Primo, retrata outra corrida de pega do boi, no fundo vê-se a Serra de Santo Antônio. Assim, os vaqueiros de Campo Maior foram eternizados na iconografia da cidade através da representação de seus modos de trabalho.

Figura 3: Painel do Vaqueiro, situado na Praça Bona Primo, Campo Maior - PI.



Fonte: Silva, 2021.

3.4.3 Artesanato em couro

Não apenas a carne de sol ou o vaqueiro fazem-se presentes nas outras histórias de Campo Maior. Do gado, além da carne, provém a matéria prima para a confecção de uma série de objetos de couro, entre os quais o gibão, um traje característico dos vaqueiros utilizado em seu trabalho. A utilização do couro do gado fez-se presente em diversos aspectos do dia a dia no Piauí colonial. A larga utilização do couro no Nordeste e Piauí inspirou Capistrano de Abreu em sua denominação “Civilização do Couro”:

“De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para açudes o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se o tabaco para o nariz” (ABREU, 1998, p. 135)

A descrição dos múltiplos usos chama a atenção para atividades correlacionadas ao ciclo do gado ainda hoje desenvolvidas. No bairro de Fátima, na cidade de Campo Maior, há ainda em 2021 uma oficina de produção de objetos em couro, pertencente ao mestre Filipe Ribeiro Paz⁵⁰.

Nascido na zona rural do município, atualmente com 83 anos de idade, mestre Filipe desde criança desenvolve atividades de artesanato em couro. Ele produz chapéus, gibões e perneiras, que são revendidas principalmente em lojas de especialidades em artigos de trabalho no campo, no centro de Campo Maior. Geralmente desenvolve seu trabalho sozinho, mas às vezes uma filha e o filho mais novo o ajudam no corte e costura do material, principalmente de gibões, por serem maiores. Apesar da avançada idade, realiza o seu trabalho com desenvoltura. A prática e experiência lhe conferem essa habilidade:

“Quando comecei a trabalhar, era três dias para fazer um chapéu, porque não tinha máquina. Todo na mão, duas costuras. Quando a menina vem costurar faz dois, três. Quando não é só um. É um trabalho que ajuda muita gente, mas nunca tive empregado, só eu e meus filhos”(Filipe Paz, em entrevista concedida no dia 11 de agosto de 2021)

Em vista das experiências de vida, citando os exemplos do jovem vaqueiro de 23 anos de idade e o experiente artesão de 83 anos, com a diferença de 60 anos, pode-se estabelecer

⁵⁰ Entrevista concedida em 11 de agosto de 2021.

variadas relações nas duas histórias e entre as respectivas gerações. A saber; os dois desenvolvem atividades relacionadas ao ciclo do gado na história e economia de Campo Maior; ambos aprenderam seus ofícios através de experiências com pessoas mais experientes, no caso, pais ou avós.

Figura 4: Confeção manual de chapéu de couro.



Fonte: Silva, 2021.

Expostos esses textos, figuras e relatos relativos á temática do gado e suas relações humanas, sociais econômicas e culturais, seguem as sugestões de atividades para aplicação em sala de aula ou fora dela.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

Apresentados os textos, competências e habilidades podem ser desenvolvidas a partir da realização de atividades. - Sobre o ciclo do gado e seu impacto na ocupação do Piauí e origem de Campo Maior, pode-se desenvolver uma discussão acerca das causas e conseqüências desse processo. Como unidade temática, o trabalho e a sustentabilidade na comunidade são verificados nos textos expostos. As habilidades a serem desenvolvidas: identificar diferentes

formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância (histórias de vida e trabalho de vaqueiros, artesãos do couro, comerciantes de carne de sol). O objeto de conhecimento em evidência é a sobrevivência e a relação com a natureza.

Para o desenvolvimento da habilidade proposta, sugere-se atividades como:

* Apresentar a relação do ciclo econômico do gado com o desenvolvimento comercial local

* Fomentar um debate sobre a figura do vaqueiro, ressaltando o papel do mesmo dentro da simbologia cultural (músicas, eventos, vestimentas)

* Escuta de narrativas da história de vida de artesãos e comerciantes do couro ou carne de sol.

* Realização de oficina culinária.

Será inicialmente abordada a temática da história do ciclo econômico da criação de gado, causa primeira da ocupação portuguesa das terras do sertão nordestino e em consequência, do Piauí e de Campo Maior, além de vários outros municípios. Em seguida, personagens e atividades relacionadas a esse ciclo econômico e fatos e causas que possuam relação com a História Local serão expostos para análise e prática de exercícios, para assim o aluno estabelecer essa relação de (re)conhecimento.

Nos textos apresentados, o aluno pode ser instigado a fazer uma comparação sobre a antiga localização dos estabelecimentos comerciais de carnes na antiga Campo Maior, bem como também quem são seus proprietários. Outra atividade interessante, mais relacionada à prática, constaria de uma oficina culinária, onde seria preparado um prato à base de carne de sol, onde no decorrer do preparo desse prato, a história da colonização ligada ao ciclo do gado seria contada.

Com base nesse texto, pode o aluno construir uma experiência pessoal com algum vaqueiro. Para nós não é tarefa difícil, haja vista que o município possui uma área rural relativamente grande, e a boa parte dos alunos são descendentes desse tipo de trabalhador. As experiências de vida e trabalho podem ser exploradas através do trabalho com história oral a partir das entrevistas e rodas de conversas. A partir da busca de informações ou experiências pessoais, o aluno poderá escrever sua impressão sobre o assunto abordado.

3.4.4 Campo Maior e a religiosidade

Campo Maior não difere da grande parte das regiões brasileiras, mais especialmente as do Nordeste, no tocante a uma vida marcada por celebrações religiosas, eventos místicos e lendários, historicamente sob influência católica. A temática da religiosidade campo-maiorense aparece pouco no ensino escolar, apesar de sua forte presença no imaginário local, esgotando seus conteúdos praticamente num único tema, a festa do padroeiro da cidade.

A festa do padroeiro, certamente ainda tem uma centralidade no calendário do município – não apenas para os fiéis católicos – e costuma ser mencionada em sala de aula. Ainda que, tratada de forma superficial em sala de aula a maioria dos alunos talvez desconheça as origens das manifestações religiosas ou o papel da religião católica e sua participação no processo de formação histórica de Campo Maior.

Apesar de que nem todos os alunos sejam católicos, dada a diversidade de novas religiões e confissões, é possível estabelecer uma relação de como tradições, sejam católicas, evangélicas ou de matriz afro, estão presentes no cotidiano dos estudantes.

A História Local permite abordar vários tópicos que podem ser explorados nas aulas como, por exemplo, as diversas práticas religiosas de Campo Maior, independente de sua origem. Ainda que não sejam fatores preponderantes de influência na vida cotidiana dos alunos, as expressões religiosas continuam a constituir-se numa fonte de estudos sobre o meio de inserção social.

Proponho trabalhar o contexto histórico no qual o catolicismo foi implantado e como este serviu de sustentação para a administração portuguesa no Brasil colonial. Depois, proponho analisar o papel da igreja na atualidade, na observação das respectivas manifestações religiosas tanto no contexto local como contemporâneo

Desde o empreendimento português de colonização, juntamente com a chegada do gado, a Cruz cristã fincou lugar nesses campos. As primeiras notícias acerca da implantação do catolicismo na região de Campo Maior são da segunda metade do século XVII, como afirma em seus estudos o Padre. Cláudio Melo:

A história religiosa de Campo Maior começa com os primeiros contatos dos Missionários da Ibiapaba com nossos grupos selvícolas Potis e Longás. Isto se deu a partir de 1658; mas de tais fatos só nos restam vagas referências, como a notícia de que os longás foram atraídos e aldeados pelos jesuítas da Serra. (MELO, 2019, p.543)

A semente plantada pelos jesuítas, logo rendeu fruto. Conta a tradição local que a primeira capela construída em Campo Maior surgiu em homenagem ao achado de uma pequena imagem de madeira de Santo Antônio. A lenda costuma ser elaborada num enredo que busca

aglutinar os principais elementos culturais deste lugar: o vaqueiro, a carnaúba e o próprio Santo Antônio.

Segundo a versão mais contada, um vaqueiro, encontrou no tronco de uma carnaúba, uma pequena imagem esculpida de Santo Antônio. Em sua admiração tratou de levar a estatueta para sua casa e a colocou em seu oratório doméstico. Anoteceu a casa em preces e louvores pelo achado milagroso. No dia seguinte misteriosamente, a imagem não se encontrava mais no oratório destinado. Toda a comunidade se reuniu para procurar a imagem, convencida que foi roubada, mas logo a encontram no mesmo local onde foi achada no dia anterior. Os fiéis entenderam que devia ser vontade do santo que uma capela fosse erguida no local de seu achado. Em virtude desse episódio, passaram a chamar a escultura, ainda hoje existente e centro da devoção local de Santo Antônio 'Aparecido'.

Fora da poética com a qual o episódio acima costuma ser relatado, sabe-se que os jesuítas tinham o costume de que por onde realizassem suas missões, levantassem capelas, ainda que fossem de palha ou taipa. No tempo da colonização até a sombra de uma árvore poderia servir de altar improvisado, e o oco de um pau poderia servir de nicho devocional. A narrativa do achado do Santo Antônio em Campo Maior – um mito fundador recorrente - lembra 'memórias' de outros achados de Santos em todo o Brasil e na América Latina, como por exemplo, as narrativas sobre Nossa Senhora Aparecida, padroeira nacional do Brasil. A estátua do Santo Antônio Aparecido, firmou-se com isto, como principal objeto de veneração do município entre os católicos. Com o apoio do fazendeiro pioneiro Bernardo de Carvalho, em vista de ser o mestre de campo e detentor dos currais nessa região, nas terras de Bitorocara, foi levantada a primeira capela de Santo Antônio, que mais tarde deu origem a Freguesia de Santo Antônio do Surubim, em fins do inverno de 1711 (MELO, 2019, p. 546).

A análise de documentos oficiais através do texto produzido pelo Pe. Cláudio, assim como da lenda de tradição oral de Santo Antônio Aparecido, pode ser útil para discutir o papel da História oral com os alunos, e esclarecer a relação entre história e mito. Proponho uma atividade na qual o aluno seja incentivado a elaborar um comparativo entre fonte documental e fonte oral em história.

Na paisagem urbana e cultural de Campo Maior, a devoção a Santo Antônio, expressa através de sua festa, e a Catedral como destaque arquitetônico, costumam representar os maiores referenciais afetivos / simbólicos para os campo-maiorenses e para os que por aqui passam. Entretanto, não são as únicas, já há outras expressões religiosas em Campo Maior.

Outras expressões religiosas católicas merecem ser destacadas como fontes para a História Local. Nessa dissertação, a Igreja do Rosário, a devoção ao Bom Jesus dos Passos e a crença nas Almas Milagrosas, são apresentadas como sugestões para trabalhos em sala de aula.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

“Conforme placas existentes na Igreja, a sua construção e inauguração ocorreram em 1892 por patrocínio de Dona Virgilina Azevedo de Miranda, em pagamento de promessa. No inverno de 1974, a 20 de abril, o templo quase foi totalmente destruído e, por iniciativa de Antonio Bona Neto, fazendo campanha de restauração, a 12 de agosto de 1975 foram iniciadas as obras de recuperação, e a reinauguração ocorreu festivamente a 01.05.1976.

A Igreja do Rosário é uma espécie de anexo da catedral de Santo Antonio e no passado seu pátio era ligado à praça Bona Primo. Segundo relatos dos mais antigos, assim como a construção, o sino da igreja foi doado por dona Virgilina, vindo de Portugal, trazido até o porto de União (Rio Parnaíba) e de lá até Campo Maior, em carro puxado a bois. Conta-se que o primeiro sinal “fúnebre” tocado pelo referido sino foi pela alma de dona Virgilina. **Em registros existentes na Casa paroquial da Diocese, há anotações dando conta de que a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário obteve licença do bispo em 13-11-1890 e a benção aconteceu no dia 10 de dezembro de 1893. Nas anotações é feito referência a Virgilina Rosa de Miranda e não Azevedo de Miranda”.**

(LIMA, Reginaldo Gonçalves de. Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia. 1995, p. 92-93)

Sabe-se que no Brasil capelas e igrejas que invocam a Nossa Senhora do Rosário, geralmente foram erguidas por confrarias negras, para o sepultamento digno de seus mortos. A primitiva edificação do Rosário foi uma pequena capela, construída precariamente, que mais tarde tornou-se igreja. A placa comemorativa existentes dentro dessa igreja atesta que ela foi *reconstruída* em 1892,

Figura 5: Igreja e Largo do Rosário em Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.

As igrejas do Rosário no Brasil colonial⁵¹ constituíam-se como um amparo da população, fosse negra, parda, livre ou escrava, onde organizaram-se as irmandades de auxílio para os que lhes fossem agregados, - um dos principais motivos das confrarias era proporcionar aos membros e aos seus parentes um enterro católico digno.

IGREJAS E IRMANDADES

A presença de africanos também pode ser identificada na prática da religião católica. Africanos de diversas procedências converteram-se, fundaram irmandades, participaram de festas e

⁵¹No Piauí, poucas das cidades formadas no período colonial possuem uma igreja que tenha sido construída para atender exclusivamente um público negro. Oeiras, a velha capital, tem a sua igreja do Rosário construída no século XVII, afastada do centro urbano. Parnaíba tem uma igreja do Rosário situada próxima da Catedral da Mãe da Divina Graça, que possui um túnel subterrâneo atravessando a praça, e que constitui ligação com a igreja dos brancos (Igreja da Graça). Valença é um caso à parte, a igreja 'dos negros' sob o patrocínio de São Benedito, ainda existente e é bem zelada. A capital, Teresina, fundada em 1852, nunca chegou a ter uma igreja do Rosário, ou outra própria para a população negra. Segundo consta, os negros da cidade detinham na Matriz do Amparo, um altar à parte dedicado a Nossa Senhora do Rosário. Apenas em fins da década de 1880, construiu-se uma igreja de São Benedito, no Alto da Jurubeba, no local do antigo cemitério dos escravos.

construíram igrejas em devoção aos santos católicos negros, como Santo Elesbão, Santa Efigênia, São Benedito e Santo Antônio do Categeró, mas especialmente, a Nossa Senhora do Rosário. Por todo território, ao longo do período colonial e de todo o século XIX, o catolicismo tornou-se também africano. Para além do patrimônio arquitetônico, inúmeras igrejas pertencentes a irmandades de "Homens Pretos", como eram oficialmente chamadas, representam hoje marcos visíveis dos africanos no conjunto da população católica.

(ABREU, Martha; GURAN, Milton; MATTOS, Hebe. Inventário dos lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil. LABHOI. 2013. p.47)

Relacionar essa igreja do Rosário com a vivência dos alunos não parece ser tarefa difícil, pois o seu entorno é um lugar popular de encontros na cidade e no período da festa de Santo Antônio é nas suas intermediações que se instalam o parque de diversões e as barracas. O parque de diversões é para onde converge a massa do público infanto-juvenil, da qual fazem parte os estudantes. É costume dos frequentadores desse espaço, apinharem nas escadarias do Rosário, para paquerar ou simplesmente bater um papo ou esperar a vez de entrar das atrações.

Próximas a essa Igreja ficam as barracas ditas do "povão", levantadas com estruturas menos elaboradas e sofisticadas do que as barracas da "roda do leilão", na praça em frente à Catedral (Bona Primo). Essa característica de diferenciação nas estruturas e espaços do festejo e da cidade, merece uma análise da situação de desagregação social as áreas adjacentes.

No passado colonial, atrás dos quintais das casas dos senhores postas à direita da igreja matriz de Santo Antônio, no sentido sul, se ergueu a pequena capela do Rosário. Atrás do casario da esquerda (da Matriz), no sentido norte, ficava uma rua chamada a Rua dos Negros, que hoje é chamada Rua Emiliano Andrade ou também Rua da Lagoa. Antes, recebeu o nome por abrigar tanto negros escravizados como libertos que costumavam trabalhar nas casas dos senhores. No final do século XVIII, dentro dos padrões de urbanismo do Piauí, Campo Maior já não possuía senzalas, e a solução foi aglomerar os escravos numa ruela nos fundos dessas casas.

Figura 6: Rua Emiliano Andrade (rua da lagoa, antiga rua dos negros), Campo Maior, PI.



Fonte: Silva, 2021.

Chama atenção a inexistência de casas em um lado da rua, onde se situam os quintais dos casarões da praça central com suas portas largas, justamente para permitir a entrada escondida dos escravos. Pode se perceber uma equivalência com as entradas de serviço da atualidade. As casas ditas ‘dos negros’, caracterizam-se por serem casebres baixos e estreitos, de pequeno tamanho e por possuir apenas uma única porta e janela. A própria rua em si é estreita, calçada com pedras toscas. Na sua parte mais larga, encontra-se uma pequena praça, com bancos ornados em forma de peixe, semelhantes aos bancos que se encontram na frente da Catedral.

Ainda em referência à questão da distribuição social dos espaços, pode se tomar como exemplo polêmico o caso das casas de prostituição, em Campo Maior, os famosos ‘cabarés’ da cidade que funcionaram na Rua Santo Antônio até poucas décadas atrás. Outros prostíbulos, mais luxuosos, eram localizados próximos do comércio e da Catedral de Santo Antônio, - estes eram os preferidos da elite fazendeira, dos proprietários dos carnaubais e dos notáveis da cidade. Outros pontos de prostituição, considerados mais baratos e mais populares, encontravam-se na periferia, no fim do Largo do Rosário em direção ao Rio Surubim.

A Igreja do Rosário, que no passado, foi igreja em sua maioria de negros, fundada por uma senhora branca da elite no século XIX, atualmente é ponto de referência para todos, considerada uma das edificações mais bonitas do município. Depois da demolição em 1944 da

antiga matriz de Santo Antônio, as funções religiosas passaram a ser temporariamente celebradas nela até o término da nova catedral. Hoje em dia é um local para onde convergem os mais diversos grupos de oração da paróquia de Santo Antônio. Atualmente está sob a responsabilidade do Seminário Menor Diocesano e da Congregação das Irmãs Elisabetinas⁵² e é considerado um santuário de adoração eucarística permanente.

3.4.5. A estátua do Bom Jesus dos Passos

No interior da igreja do Rosário encontra-se uma escultura de Bom Jesus dos Passos, que é ao lado da estátua da Nossa Senhora das Dores, uma imagem bastante venerada pelo povo católico campo-maiorense.

A ação dos jesuítas, franciscanos, mercedários, entre outras congregações religiosas, desde os primeiros tempos da colonização, deu-se através da implantação de missões religiosas, que visavam catequizar e instruir indígenas e colonos para se adequarem ao modelo europeu de sociedade. Além da ação catequética, a Igreja representava uma base de sustentação do governo, por conta do regime de padroado, no qual a Igreja assumia a função de aliada do Estado português no tocante a administração colonial.

A fé católica tornou-se assim, uma presença na vida do povo brasileiro, em especial na cidade de Campo Maior, tomando como exemplo as manifestações religiosas da Semana Santa, quando a devoção ao Bom Jesus dos Passos costuma ter o seu auge.

Quando os jesuítas iniciaram o processo de catequese das populações que habitavam a região, rituais tradicionais católicos passaram a se mesclar à devoção popular de culto às imagens, novenas, procissões e pagamento de promessas com a produção de ex-votos, capelas e altares domésticos. (PINHEIRO 2009,p.20)

As festas da Semana Santa têm suma relevância na liturgia católica, desde os tempos do cristianismo primitivo. No centro das celebrações, encontram-se os motivos da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Numa sociedade predominantemente analfabeta, a Igreja adotou como estratégia pedagógica de catequese o uso de imagens, esculpidas ou pintadas, que representaram cenas bíblicas ou cenas da vida cristã e dos santos.

⁵²As irmãs elisabetinas é uma congregação religiosa de origem polonesa, estabelecida originalmente em 27 de setembro de 1842. Em Campo Maior é presente apenas desde 28 de setembro de 2008, e atua como auxiliar da Pastoral da Criança. Desenvolve ações sociais na periferia, no bairro Califórnia (Pedras de Fogo/ Baixa, considerada a área mais carente da zona urbana).

As estações da Via Sacra constituíram-se como representações iconográficas da paixão de Jesus. Além das imagens, a Igreja valeu-se de representações dramatúrgicas como ‘autos’ teatrais para melhor ensinar os fiéis. Nesse contexto, surgiram os dramas da representação da Paixão de Cristo, onde atores amadores, tanto leigos como do clero, reproduziam teatralmente os momentos finais da vida de Cristo.

No Brasil Colonial, a tradição de se realizarem essas apresentações da paixão de Cristo persistiu. As apresentações teatrais do drama da Paixão de Cristo demandavam um bom número de participantes, o que podia constituir um empecilho em lugares com poucos habitantes. Um recurso freqüente para impressionar os fiéis e aumentar a atratividade foi o uso de imagens, que fossem as mais realistas possíveis na representação do caminho de Jesus ao Monte Calvário.

As representações teatrais passaram a ser acompanhadas por procissões com cantos, preces e as respectivas paradas nas ‘estações’ que relembram os últimos passos de Jesus. A procissão da Via Sacra com o tempo passou a levar a denominação da imagem principal que é nela conduzida: Bom Jesus dos Passos. Dependendo do lugar, pode ser chamada de procissão do Encontro, pois retrata a cena do encontro de Jesus com sua mãe, Maria, no caminho para a crucificação.

A imagem de Bom Jesus dos Passos em Campo Maior como em outros lugares consta de uma representação de Jesus carregando uma cruz no ombro. É a imagem de um homem sofrido, cansado, torturado, que não perde a imponência. Representações mais antigas dessa imagem costumavam ser em tamanho natural, de um homem adulto, vestido com roupas de tecido. Além de figuras maciças há as chamadas imagens de roca, constituídas de uma leve armação de madeira, coberta com roupas, os membros do corpo articulados e apenas mãos e rosto esculpidos. A imagem da Nossa Senhora das Dores, que fica na igreja do Rosário de Campo Maior, é uma destas imagens de roca.

As celebrações da Semana Santa têm o seu início no Domingo de Ramos. Em Campo Maior, é na última sexta-feira da quaresma que a procissão de Bom Jesus dos Passos é realizada, a chamada Sexta-Feira de Passos, ou “das Dores”, antes do Domingo de Ramos, o que para muitos fiéis moradores da cidade, marca o início da Semana Santa. Em outros lugares, as procissões têm a sua realização dentro da chamada Semana Maior, que é Semana Santa propriamente dita.

Um costume realizado em Campo Maior é a cerimônia de vestimenta das imagens de Bom Jesus dos Passos e de Nossa Senhora das Dores.⁵³ Trata-se de uma cerimônia peculiar, na

⁵³ Estive presente como expectador a essa cerimônia, realizada em 25 de março de 2021, às 9:00 da manhã.

qual, à véspera do dia da procissão dos Passos, as antigas roupas das imagens são retiradas e substituídas por outras, mais vistosas e elegantes. Os homens da paróquia tratam de vestir a imagem do Bom Jesus, e as mulheres, vestem a de Nossa Senhora num lugar mais reservado, dentro da sacristia. A cerimônia de vestir os Santos segue um ritual próprio. Segundo os encarregados com a vestimenta da imagem, o mesmo cuidado não acontece em outras cidades que realizam a procissão do Bom Jesus. Dizem que “nesses outros lugares, fazem de qualquer jeito. Tem que ter respeito!”. A cerimônia começa com uma oração, seguida de canto, leitura bíblica e pregação. Em seguida, as imagens são retiradas de um grande armário com portas de vidro. A imagem de Nossa Senhora segue para a sacristia, onde fica aos cuidados das mulheres encarregadas. Neste momento nenhum homem deve entrar, só podem ver a Santa quando completamente vestida e ornada. Da estátua do Bom Jesus, são tirados a peruca (feita de cabelos naturais, segundo contam, vinda de uma promessa) e as vestes corriqueiras: uma túnica roxa, e abaixo da túnica, uma camisola na cor branca.

Depois de despido, passam-lhe um pano para tirar a poeira, em seguida óleo de peroba e água de cheiro. Depois vestem a estátua com um vistoso traje de púrpura e colocam na cabeça uma coroa de espinhos, ornamentos de prata, constando de um grande resplendor. Além disso, recebe uma palma de prata, do século XIX, com a inscrição do nome da benfeitora da Igreja do Rosário, Virgilina Rosa de Azevedo. Prontas, as imagens seguem para a Catedral, onde ficam expostas à veneração dos fiéis até a Sexta-feira Santa.

Após o ritual da vestimenta, as imagens costumam seguir à noite, sem cantos e sem multidão, para duas diferentes igrejas da cidade (a estátua de Bom Jesus para a igreja de Nossa Senhora das Mercês, no bairro São João, e a figura de roca Nossa Senhora das Dores, para a igreja de São Pedro Nolasco, no bairro Cariri) ambas a uma considerável distância da Catedral. No dia de Sexta-feira dos Passos, seguem em duas procissões rumo ao encontro na Praça Luís Miranda, em frente à prefeitura municipal. Após o encontro das duas imagens, as estátuas seguiam juntas para a Catedral⁵⁴.

⁵⁴Com a pandemia de Covid 19, em 2020 e 2021, a cerimônia do Bom Jesus ficou restrita à Catedral, sendo transmitida através das redes sociais.

Figura 7: Em A, a imagem de Bom Jesus despida; Em B, a imagem de Bom Jesus adornada.



Fonte: Silva, 2021.

O Bom Jesus dos Passos, depois do padroeiro Santo Antônio, é a figura de devoção católica que atrai mais atenção pelos católicos locais. No nicho da igreja onde ele fica guardado no decorrer do ano é visível a uma grande quantidade de ofertas em dinheiro e ex-votos⁵⁵ que lhe são colocados aos pés. Os ex-votos vão desde cartas e bilhetes de agradecimento ou pedido, mechas de cabelo e fotografias, além de velas que permanecem acesas num canto próximo desse nicho. A respeito desse costume de se escreverem bilhetes para os santos de devoção, vale ressaltar que é uma prática bastante difundida em diversos lugares de peregrinação.

Sobre a antiga realização da Semana Santa em Campo Maior, segue o trecho de um relato do livro de Reginaldo Gonçalves Lima, “Geração Campo Maior”.

ANTIGOS COSTUMES DE CAMPO MAIOR

“... As procissões eram duas: a dos Passos e a do Enterro.

Na quinta-feira da semana da paixão era o dia da “fugida”. A imagem do Bom Jesus era levada à noite, sem luzes e em silêncio, da

⁵⁵ O ex voto é uma oferenda de agradecimento dado por um fiel ao seu santo de devoção, em agradecimento de algum favor alcançado por este santo. Geralmente, o ex voto consta de representações de partes do corpo afetadas por moléstia ou acidentes, que foram milagrosamente curadas pelo santo. Os ex votos também podem ser representados por réplicas de veículos, fotos, vestimentas, mechas de cabelo, placas comemorativas, etc.

Matriz para a Igreja do Rosário, de onde deveria sair a procissão dos passos, no dia seguinte.

Os principais da terra, o juiz de direito e os chefes das famílias mais importantes disputavam a honra de carregar os andores.

A Maria Beú, vestida de branco e com a cabeça coberta com o cró, vinha no meio da ala, acompanhada pelo menino que carregava a cadeira de cima da qual ela cantava em cada um dos 7 passos.

“O vos omnes qui transitis per
viam attendite et videte si est dolor
cicut dolor meus”

O encontro do Bom Jesus com Nossa Senhora era tocante e o sermão indispensável. A imagem da Virgem ficava escondida numa ruazinha perto do local previamente escolhido, até o momento em que o orador dava sinal para ela aparecer. Então começava o sermão que muitas pessoas piedosas ouviam com lágrimas nos olhos.

Encerrada a procissão, voltavam os fiéis para visitar os Passos.

Era costume enfeitar-se o altar – o Passo – com flores de papel, cartuchos de castanhas assadas, pencas de cajás, frutas gostosas, como goiabas, que depois eram dadas como lembrança aos visitantes. Quando eu era menina, este costume ainda estava em vigor e, nas sextas-feiras dos passos, muitas vezes voltei para casa com as mãos cheias desses humildes presentes, que ninguém desprezava.

A procissão do Enterro era feita à noite, o silêncio apenas quebrado pela marcha fúnebre que os músicos tocavam atrás dos andores.

Espalhado no ar, misturado ao incenso, havia um cheiro gostoso de manjeriço e limãozinho machucados.

(LIMA, Reginaldo Gonçalves de. Geração Campo Maior; anotações para uma enciclopédia. Matéria do jornal “A Luta” de 14-04-1968, pág.3.1995. p.275-276 .

Através deste trecho escrito pela poetisa local Marion Saraiva ⁵⁶ e através das mudanças nas performances e nos ritos religiosos, proponho problematizar transformações

⁵⁶ Professora e poetisa campo-maiorense falecida em 1964.

sociais ocorridas no tempo. Esse jogo de mudanças e permanências pode servir ao aluno para identificar o quanto certos costumes desaparecem, mudam, são renovados, ressignificados e adaptados no seu entorno social.

3.4.6. Os santos do povo

As expressões de fé, dentro da Igreja Católica de Campo Maior, não se restringem unicamente às manifestações públicas da festa de Santo Antônio e da Semana Santa, mas atingem também expressões da chamada ‘religiosidade popular’, quer dizer: de manifestações informais. Cabe destacar que existem práticas religiosas locais que não são reconhecidas oficialmente. Trata-se da devoção às “almas milagrosas”. Apesar de a doutrina católica incentivar que se façam orações em sufrágio pelas almas dos defuntos, chama atenção a devoção para pessoas não canonizadas, mas comumente tidas como milagreiros, senão ‘santos’ populares.

Em Campo Maior, dentre essas devoções as “almas milagrosas”, cabe citar as ditas almas de Lucinha*, “Cigana Paulina**⁵⁷, “Chapéu de Sebo”, “Cruz do Moleque” e “Escrava Felicidade”. Proponho dar destaque maior à “Cruz do moleque” e a “Escrava Felicidade”, devido suas trajetórias relacionadas à escravidão no Brasil colonial e imperial, como também ao estudo das identidades afro-brasileiras. A dita alma de ‘Chapéu de Sebo’ é referenciado em tópico à parte.

A participação do elemento afro na história do Brasil aconteceu no contexto da exploração de mão de obra escravizada e do tráfico negreiro pelos europeus e a efetivação dos ciclos econômicos da cana-de-açúcar, mineração, café e gado, especialmente no Nordeste.

O texto didático abaixo, seguindo o modelo amplamente utilizado nas escolas, descreve o histórico do escravismo no Brasil.

ESCRavidÃO NO BRASIL

A escravidão no Brasil iniciou-se por volta da década de 1530, quando os portugueses implantaram as bases para a colonização da América portuguesa, para atender, mais especificamente, à demanda dos portugueses por mão de obra para o trabalho na lavoura. Tal

⁵⁷ *Maria Lúcia Andrade, falecida ainda criança em 1946, tem seu túmulo repleto de ex-votos. ** Cigana Paulina foi assassinada nas proximidades do antigo “Centro de Treinamento”, hoje Campus “Heróis do Jenipapo”. Estão sepultadas no Cemitério da Irmandade de Santo Antonio (Cemitério Velho).

processo deu-se, primeiramente, com a escravização dos indígenas, e, ao longo dos séculos XVI e XVII, essa foi sendo substituída pela escravização dos africanos, trazidos por meio do tráfico negreiro.

A escravidão no Brasil, mas não só aqui, mostrou-se uma instituição perversa e cruel, e as suas consequências ainda são sentidas atualmente, mais de 130 anos depois que a Lei Áurea aboliu essa prática no país. A violência e a discriminação que os negros sofrem atualmente são o reflexo direto de um país que se construiu por meio da normalização do preconceito e da violência para com esse grupo. Não obstante, é sempre importante lembrar que, além dos africanos, os indígenas também foram escravizados, aos milhões, pelos portugueses, e que sua escravização também perpetuou preconceitos e violência contra eles.

SILVA, Daniel Neves. "Escravidão no Brasil"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso em 26 de junho de 2021.

No Piauí, a escravidão teve características peculiares, já que não havia cultivos de monocultura em grandes plantações, nem a concentração de garimpeiros de mineração de grande escala. De acordo com Tânia Brandão (1999) a escravidão fez-se presente no sertão piauiense no campo. Escravos trabalharam na área de criação de gado, auxiliando os vaqueiros ou trabalhando eles mesmos nesta profissão e desempenhavam serviços na lavoura de subsistência, além de preencher trabalhos domésticos e na fabricação dos instrumentos de trabalho.

Ainda que no Piauí a principal atividade fosse o trabalho com o gado, a condição do trabalho escravo não era menos dura do que a dos escravizados em outras partes do Brasil. Houve maus tratos e privação de liberdade:

“Nesse aspecto, é preciso salientar que se encontra na historiografia tradicional brasileira e econômica o argumento de que no Piauí colonial o escravismo foi incompatível com o pastoreio. Na contramão dessas afirmações, autores como Mott [...] desconstruem a idéia de “trabalho livre” nas fazendas de gado do Piauí colonial e imperial e defendem que desde o setecentos a mão de obra escrava indígena, negra e mestiça foi utilizada para fins econômicos nas unidades produtivas e sofriam o mesmo rigor do sistema

colonial escravista brasileiro de violência, arbitrariedade, coerção e abusos” (LIMA 2020, p. 11)

As histórias que se contam, sobre a escravidão em Campo Maior, reais ou fictícias, como as que se apresentam nas narrativas da “Cruz do Moleque”, lenda da zona rural do município, foram romanceadas por Elesbão Ibiapina, escritor local, em livro homônimo, editado no ano de 1992. Essas narrativas apresentam uma linguagem que pode ser caracterizada como violenta e racista. Em suas narrativas, os personagens “brancos” costumam ganhar nomes, os afro-descendentes, em contrapartida costumam ser caracterizados apenas por alcunhas e nomes bizarros. Tais narrativas ao serem apresentadas aos alunos, proponho expor apenas cuidadosamente com a explicação do contexto em que foram escritas e a indicação das fontes de onde se colheu a história, para evitar o uso preconceituoso.

A obra citada é certamente o reflexo de uma época na qual as políticas públicas de combate ao preconceito e discriminação não vigoravam como hoje. O trecho apresentado é uma adaptação da tradição oral no livro “Almas: martírio e devoção no Piauí”, de José Gil Barbosa Terceiro (2019)

A CRUZ DO MOLEQUE

“na segunda metade do século XVIII, aconteceu em Campo Maior uma história cercada de tragédias e mistérios sobrenaturais. Na época, Campo Maior era apenas um arraial, denominado de Surubim.

Havia na pequena vila um pequeno moleque negro que pertencia ao padre Ananias, sacerdote da igreja da paróquia. O moleque fora abandonado ainda bebê na porta da igreja, tendo sido criado pelo padre e por uma velha mucama. Não tinha nome. Era chamado por todos simplesmente “moleque”.

O padre há muito tempo mandava o moleque pegar doações de mantimentos entre os fazendeiros da região, de modo que, ao menos uma vez na semana, o moleque a mando do padre ia pedir na Fazenda Barrinha, que ficava perto do arraial.

A Fazenda Barrinha pertencera ao casal Polinário e Dorotéia... Dorotéia, que desde que o marido era vivo não gostava de nada daquilo. Um dia, cansada, resolveu pedir a Jacó, negro de sua confiança para serviços sujos, que desse um fim no moleque, pois sem ele o padre não tinha outros escravos, não poderia pedir mais nada.

Assim foi. No dia seguinte, Jacó ficou no mato, de tocaia, esperando o moleque passar. Quando este veio, o homicida esfaqueou a cabeça do menino a pedradas... o jumento que carregava o menino voltou para casa sozinho nesse dia.

O padre preocupado, depois de algumas horas, mandou iniciar as buscas para achar o garoto, que, para ele, não era um mero escravo. Era quase um filho... Somente após três dias do desaparecimento é que o cadáver do negrinho foi encontrado.

O sacerdote, emocionado, mandou sepultar o menino ali mesmo, onde colocou uma bela cruz de madeira e rezou uma missa. Quando todos os brancos saíram, foi a vez dos negros se despedirem. A velha mucama que tinha ajudado a criá-lo, que era também uma feiticeira africana, fez uma magia e lançou a maldição: os assassinos iriam pagar por sua morte.

...

Ao que se segue da lenda, a sinhá Dorotéia e o negro Jacó, responsáveis pela morte do moleque, tiveram mortes trágicas, além de outras tragédias que se sucederam à outras pessoas diretamente envolvidas nesse crime, como um espécie de maldição de gerações.

...

A velha cruz, cercada por outras menores, tornou-se lugar de peregrinação, onde as pessoas passaram a fazer promessas para receber graças de sua alma bendita, de modo que, quando atendidos os pedidos eram ali depositados velas e ex-votos.

Até os dias de hoje, há ainda na região, a fé de que o moleque é santo. Dizem que ele é protetor das almas necessitadas de ajuda, em especial negros como ele, sendo que, se um dia alguém ferir outro negro naquelas terras, com certeza sofrerá a vingança do moleque”.

(TERCEIRO, José Gil Barbosa. Almas: martírio, devoção e milagres no Piauí. 2019, p. 139-143).

Outra versão, de fonte oral, contada por moradores da região ⁵⁸onde se encontra a “Cruz do Moleque” consta de que ele parecia uma criança arredia, “braba”, que teria evitado contato com os moradores da região, sem ninguém saber de suas origens, sempre que o viam, a criatura aparecia montada num jumento, e sempre que algum dos animais de criação dos moradores estava em perigo ou ferida, cuidava de curar ou resgatar. Em agradecimento, os moradores da região teriam deixado alimentos nos alpendres e cozinhas de suas casas para que a aparição pegasse a oferenda durante a noite, evitando assim o contato com pessoas. Sobre sua morte, o que contam é que a criatura caiu de um jumento e quebrou a cabeça. Achado o seu corpo, enterraram-no e a partir de então começaram a venerá-lo como ente milagroso com atribuições mágicas.

Figura 8: "Cruz do Moleque", povoado Vargem, Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.

⁵⁸ Narrativa oral realizada por Enoe Maria Rodrigues de Sousa, de idade ignorada, mas já idosa, moradora do povoado Vargem, município de Campo Maior, onde está localizada a “Cruz do Moleque”.

Uma outra lenda de Campo Maior, relacionada ao contexto da escravização, envolve uma ‘alma milagrosa’ feminina. Trata-se da chamada “Escrava Felicidade”. O seguinte texto encontra-se igualmente no livro de José Gil Barbosa.

ES CRAVA FELICIDADE

A Fazenda Jatobazal, situada há cerca de 16 quilômetros de Campo Maior, tem mais de três séculos de existência e foi fundada por José Barbosa Ferreira e sua filha Maria Vitória Castelo Branco.

O local, na origem uma fazenda escravocrata, foi palco de importantes fatos da história de campo maior, mas como em outras fazendas negreiras, registrou também, cenas cruéis de tortura contra os escravos.

...

Entre os escravos do lugar, ainda no século XVIII, encontrava-se Felicidade, uma jovem negra, na aurora de sua vida, dotada de enorme beleza, com belas curvas. Tanto o era, que chamou a atenção de seu dono, que passou a demonstrar por ela afeto...

O apego do dono à cativa logo despertou o ciúme da esposa dele que, com a mente envenenada, temendo que o marido viesse a trair-lhe com a negra, logo traçou um plano para livrar-se de Felicidade.

Um dia esperou que o marido saísse para o trabalho e ordenou que os negros fizessem uma fogueira e colocassem nas chamas espetos. Por um bom tempo, os espetos ficaram ali em meio às chamas. Nesse momento, mandou que os escravos trouxessem felicidade e depois mandou que as furassem com os espetos ardentes.

Já com várias perfurações no corpo a escrava conseguiu livrar-se de seus algozes e correu. Como já não agüentava fugir, entrou na casa e se escondeu embaixo de uma pedra que ficava na parede em um dos cantos de um dormitório, encolhendo-se no canto da parede, onde sem saída, acuada como um bicho, foi perfurada pelos ferros quentes até o seu último suspiro. Depois de morta, a senhora ordenou que a negra não fosse retirada daquele lugar até a chegada de seu marido.

No fim do dia, quando o marido retornou á fazenda, entrando em casa chamando pela escrava como de costume, e constatando que ela não respondia, ficou procurando-a, e sua mulher lhe diz que ela estava morta no quarto.

Ao adentrar o local, o homem horrorizado com a visão da jovem morta, ainda sem acreditar em tamanha crueldade, vira-se para a esposa e pergunta a ela o que a motivou a fazer aquilo. Mas a mulher fica em silêncio. Sem resposta, leva o corpo até a sombra de um jatobazeiro, a 300 metros de distância da casa grande, pedindo que lhe enterrem ali.

Com o tempo, em razão da morte sofrida, as pessoas passaram a considerar felicidade como uma alma milagrosa, sendo o seu túmulo até hoje muito visitado por pessoas que buscam sua intercessão para alcançar graças.

(TERCEIRO, José Gil Barbosa. Almas: martírio, devoção e milagres no Piauí. 2019. p. 98-101)

Assim como as narrativas sobre a “Cruz do Moleque”, a história da “Escrava Felicidade” apresenta abusos e violência com extrema brutalidade que havia no trato com os escravos. É um outro texto que exige devida cautela na contextualização da linguagem e da fonte, carregadas de expressões antiquadas e preconceitos. Tais narrativas a respeito da presença do elemento afro na História Local não devem ser resumidas à apresentação de histórias trágicas. O elemento afro faz-se presente de forma afirmativa em Campo Maior, através de diversas manifestações, desde cultos afro-brasileiros, até as mais diversas expressões artísticas. Nesse contexto, cabe ressaltar a prática da capoeira em Campo Maior que consegue mobilizar sobretudo os jovens.

Figura 9: Túmulo da escrava Felicidade na Fazenda Jatobazal, Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.

3.4.7 Resistência Negra

O negro, em sua trajetória histórica, tem desenvolvido lutas de resistência, e entre esses movimentos, proponho exemplificar a prática da capoeira, que ultimamente ganhou uma voz ativa social e cultural.

Pouco sabe-se precisamente a respeito da origem da capoeira, como resultado de diferentes variações de lutas africanas, aliadas à evoluções rítmicas, adaptadas no Brasil. A capoeira teve suas primeiras manifestações na capital do Piauí por volta dos anos 70, como escreve Marcelo de Sousa Neto, em artigo da Revista Vozes, Pretérito e Devir (2013):

Também devemos lembrar que no início dos anos 70, alguns praticantes já desenvolviam atividades de capoeira nas imediações do calçadão da Simplício Mendes, centro de Teresina, além de outros capoeiristas mais antigos afirmarem que se praticava também capoeira à Rua Álvaro Mendes, também no centro da cidade. (SOUSA NETO, 2013, p. 100-101)

No contexto do desenvolvimento da atividade capoeirista em Teresina, alguns rapazes campo-maiorenses passaram na década de 1980 a manter contato com praticantes da capoeira na capital, aprendendo técnicas e as reproduzindo em Campo Maior, como afirma Francisco Filho, professor de capoeira em Campo Maior⁵⁹. A história recente da capoeira em Campo Maior ainda não foi levantada, mas voltando atenção à história de vida do mestre Francisco Filho, pode-se vislumbrar o início da construção de uma narrativa histórica dessa atividade de acordo com a realidade local. Pelas palavras do mestre Francisco Filho a “capoeira é resistência, eu tô aqui resistindo”.

ATIVIDADES PROPOSTAS

Apresentados os textos, competências e habilidades podem ser desenvolvidas a partir da realização de atividades.

Como unidades temáticas, os seguintes pontos são observados: (1) A relação das pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município; (2) Lógicas comerciais e mercantis da modernidade; (3) Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social. As habilidades a serem desenvolvidas a partir das leituras e resolução de atividades são: (1) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais; (2) Discutir o conceito de escravidão moderna, percebendo a lógica da escravidão nas diferentes regiões do Brasil e o paralelo do Piauí e Campo Maior; (3) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos e conhecer os impactos para a formação da sociedade piauiense/ campomaioirenses. Os objetos do conhecimento estudados nessa unidade são: (1) o “eu”, o “outro” e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios; os patrimônios históricos e culturais da cidade/município em que vive; (2) O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos.

⁵⁹ Depoimento colhido em 15 de agosto de 2021. As informações que o professor Filho obteve sobre o histórico da capoeira ele ganhou em conversas com praticantes mais antigos locais, que narram que a praticavam como passatempo. Francisco Filho iniciou suas atividades na capoeira a partir do convite de um amigo seu, quando assistiu em 1998 a apresentação de um mestre de capoeira vindo de Teresina em uma academia de ginástica e musculação local. Segundo o professor, ele já conhecia a capoeira através de livros e da TV, mas com a oportunidade de assistir ele decidiu exercer a capoeira na prática. Filho é professor de capoeira há dez anos, e em seu trabalho desenvolve atividades educacionais interdisciplinares, trabalhando o lado social da capoeira através do projeto “Capoeira do Bem”, sem fins lucrativos, com o intuito de fomentar a capoeira entre os jovens ou qualquer pessoa que se interesse.

Dentre as atividades práticas a serem desenvolvidas, proponho:

*O aluno identifique outras manifestações religiosas presentes no seu local de vivências, independente de qual denominação seja, e relacione essa manifestação às suas vivências;

*Em relação à temática afro, o aluno deve reconhecer e valorizar as contribuições do povo negro à nação brasileira e em particular, ao município de Campo Maior. Feita a leitura dos textos do capítulo, propõe-se aos alunos que elaborem um texto paralelo, ou uma releitura, em que se valorize o elemento negro, substituindo expressões racistas ou preconceituosas. Relacionada à narrativa da capoeira, aponto a possibilidade do trabalho em sala de aula, com músicas de resistência negra. Sugestão: música de Pretinho Rocha – “Eu não posso ficar aqui”, disponível em <https://youtu.be/fj8BCmeUTO0>.

3.4.8 A carnaúba – símbolo natural de Campo Maior

Considerada no Nordeste como a árvore ‘da providência’, ou, ‘da vida’, pela possibilidade de aproveitar todas as partes desta planta, a carnaúba é um elemento presente no cotidiano da população e na história campo-maiorense. A gestão pública de Campo Maior destaca a importância dessa planta através do epíteto escolhido de “Terra dos carnaubais”. No século XX, o Piauí passou a inserir-se na dinâmica do capitalismo internacional através das atividades extrativistas da maniçoba, no centro-sul do Estado, do babaçu, no vale do rio Parnaíba e da carnaúba, na região norte do Estado. Campo Maior, por conta dos seus vastos carnaubais, destacou-se com um dos mais importantes centros de cultivo (OLIVEIRA. 2015). A exploração local da carnaúba promoveu o que era considerado o progresso econômico local, sobretudo por volta da década de 1930, e ainda por volta de 1940 – 1970– com menos impacto até hoje.

Apesar de não gerar mais lucros como nos tempos áureos, a atividade provinda do extrativismo vegetal e industrial da carnaúba continua a ser representativa para o comércio local. Entre outros, vende-se atualmente o produto básico da carnaúba, o ‘pó da palha’, em pontos do comércio como Armazém do Pó, na Praça da Bandeira, Armazém Pacífico e Armazém Brasil na Praça Gentil Alves. Encontra-se uma indústria de produção e exportação de cera de carnaúba, a Ceras Brasil, no povoado Alto do Meio, cerca de 6 km a distância do centro da cidade.

A relevância da carnaúba não se limita apenas a aspectos econômicos. Culturalmente, é um dos elementos presentes na paisagem urbana e rural de Campo Maior, bem como nas

tradições, entre os quais já citados, o mastro da festa de Santo Antônio⁶⁰, como também a cobertura das barraquinhas tradicionais. Consta que a utilização de um tronco de carnaúba como mastro começou na década de 1940, período que coincidiu com o progresso econômico local baseado nas atividades ligadas a esta planta.

O trabalho de extração da palha de carnaúba é realizado ainda de forma manual. A ferramenta usada é uma vara comprida com uma foice afixada em sua ponta. A palha retirada do tronco é levada em carroças até um campo destinado a sua secagem ao sol por alguns dias. Feito isto, a palha é levada a uma sala onde é batida para a retirada do chamado 'pó' ou como alguns dizem 'olho do pó'. O trabalho emprega pessoas de todas as idades, que costumam receber por produção. Apesar de ser proibido, há denúncias de casos de trabalho infantil e de exploração do trabalho, e as difíceis condições de trabalho são pouco abordadas – nem nas mídias nem no ambiente escolar.

A atividade econômica e cultural relacionada à carnaúba não é recente e remonta provavelmente aos tempos anteriores à colonização européia. Arraigada nas atividades econômicas do Piauí, a carnaúba é utilizada amplamente, segundo o texto do memorialista Renato Castelo Branco, escrito em 1942, intitulado 'A civilização do Couro':

A CARNAÚBA

“Quem fala em carnaúba, hoje, pensa imediatamente na cera, produto de possibilidades incalculáveis, que figura como um dos principais esteios da exportação de vários Estados nordestinos, inclusive e, sobretudo o Piauí. Este aproveitamento, porém, só veio posteriormente com o advento da indústria extrativa. Para os primeiros colonizadores, ela significava muito mais: era a estaca abundante e maravilhosamente adequada para a construção de currais, nas chapadas de flora raquítica, onde, além da carnaúba, muitas vezes só se encontravam talos e cipós. Da carnaúba ainda, fizeram seus ranchos e suas casas, aproveitando desde o tronco para vigas, esteios e paredes, até a palha, para cobertura do teto e divisões interiores. Da carnaúba, ainda, fizeram esteiras, chapéus de palha, cofos, velas, peneiras, corda e uma infinidade de outros objetos de preciosa utilidade”

⁶⁰Sob a ordem do pároco da época, Monsenhor Mateus Cortez Rufino, o mastro e a bandeira de Santo Antônio eram levados numa corrida pelas ruas da cidade, a qual o povo acompanhava na mesma velocidade, não obstante tombos e escorregões eram comuns. Por muitos anos essa procissão foi conhecida como a “procissão da carreira”.

(CASTELO BRANCO. Renato. *A civilização do couro*. 1942.p. 187)

Uma expressão artesanal dentro do universo da diversidade produtiva da carnaúba pode ser verificada na prática, nas atividades desenvolvidas na oficina pertencente ao mestre artesão Genésio Romão da Silva⁶¹, localizada no bairro de Lourdes, em Campo Maior. Há quase trinta anos o mestre trabalha na fabricação de vassouras, feitas de madeira, palha de carnaúba e barbante. Para o seu ofício, o artesão adquire a matéria-prima, a palha, nos carnaubais do Alto do Meio (povoado próximo a sede municipal) e o barbante para amarrar a palha, numa viagem que ele costuma fazer regularmente ao Maranhão. Atualmente, mestre Genésio trabalha sozinho- vez por outra algum rapaz o auxilia, recebendo diárias. Em conversa sobre a sua profissão, ele afirma que antigamente empregava um maior número de pessoas, ofertando a chance do primeiro emprego para muitos rapazes dessa área da cidade (Bairro de Lourdes). Ele vende seu produto para comerciantes locais que o costumam revender em outros municípios vizinhos e mesmo em outros Estados.

Figura 10: Confeção artesanal de vassouras, Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.

O progresso proporcionado pela carnaúba alterou a estrutura urbana e social de Campo Maior, contribuindo para o crescimento de seu núcleo urbano, bem como também para a

⁶¹Depoimento colhido em 16 de agosto de 2021.

diversificação das atividades comerciais locais, pois a movimentação econômica em torno da extração e exportação da carnaúba fez com que diversas casas comerciais fossem instaladas em Campo Maior.

PROSPERIDADE E CARNAÚBA

O rápido e passageiro progresso econômico da cidade influenciou no surgimento, na expansão e na decadência da prostituição na Rua Santo Antonio. Do começo de 1940 até o fim de 1960, foram anos de prosperidade para a economia do município, graças principalmente a cera de carnaúba e a pecuária. A criação do Frigorífico do Piauí S/A (FRIPISA), a instalação do Segundo Batalhão de Engenharia e Construção (2º BEC), realização dos governos Estadual e Federal, que geraram vários empregos, sem falar nos investimentos de caráter privado que foram muitos. O comércio cresceu consideravelmente nesse período, tendo pois, importantes casas comerciais, como a “Casa Marc Jacob S/A”, “Casa Inglesa S/A”, “Casa Morais S/A” entre outras casas, desenvolvendo até mesmo outro tipo de comércio: *como do sexo*, que se fazia presente na rua dos planetas”.

(CHAVES, Celson. *Rua Santo Antônio: a prostituição feminina em Campo Maior*. 2007. p. 27)

Outros aspectos do cotidiano da cidade de Campo Maior se desenvolveram relacionados ao ciclo da carnaúba, como escreve o historiador Celson Chaves em seu livro “A urbanização em Campo Maior 1930 a 1970”. Como já mencionado, a prosperidade pela exploração da carnaúba, estimulou entre outras atividades, a prostituição.

(Figura 11: Rua Santo Antônio, Centro de Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.

Estruturalmente, a cidade de Campo Maior passou por mudanças em seu aspecto urbano, experimentando diversas melhorias, como o calçamento de ruas, construção e arborização de praças, serviços de água e luz, ainda que de forma precária, além da construção e modificação de prédios, e novos espaços para o lazer (cinema, passeio públicos pela Praça Rui Barbosa).

A CIDADE SE MODERNIZA

“Essas modificações econômicas e sociais advindas da comercialização da cera no Estado, também trouxeram muitas melhorias urbanas para Campo Maior que tiveram início a partir de 1930 associadas às transformações que ocorriam no Brasil e no mundo que iam chegando aos poucos na pequena cidade que em muitos de seus aspectos predominavam traços e características ruralistas, haja vista que a política era dominada pelas elites locais, ricos fazendeiros e coronéis que interferiam na administração da cidade”.

(JESUS. Pauliana Maria de. A cidade dos desejos – reflexões sobre a modernização de Campo Maior – PI (1930-1970). 2020. p. 34)

O discurso do 'progresso' associa-se ao momento da extração, transformação e comercialização da carnaúba e sua cera, mas, ressalta as permanências das tradicionais estruturas sociais e políticas da cidade. O texto destaca o surgimento da nova elite local, alicerçada na carnaúba, em embate com o antigo grupo dos fazendeiros de gado, como evidencia, entre outros, Heitor Castelo Branco em seu livro Paz e Guerra na Terra dos Carnaubais (1992).

ATIVIDADE PROPOSTA

Na explanação da relação histórica, econômica e cultural de Campo Maior e a carnaúba, é trabalhada como unidade temática - O trabalho e a sustentabilidade na comunidade. As habilidades a serem desenvolvidas: Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância (histórias de vida e trabalho de vaqueiros, artesãos do couro, comerciantes de carne de sol). O objeto de conhecimento em evidência é a sobrevivência e a relação com a natureza.

Para o desenvolvimento da habilidade proposta, sugerem-se atividades como:

- * Apresentar a relação do ciclo econômico da carnaúba com o desenvolvimento comercial local

- * Fomentar um debate sobre a presença da carnaúba, ressaltando sua função dentro da simbologia cultural (utilidades, eventos, ofícios)

- * Escuta de narrativas da história de vida de artesãos e comerciantes da carnaúba e seus derivados.

- Elabore um texto que discuta a estrutura política em vigor no Brasil durante a República velha, e que reflita sobre o poder dos coronéis da carnaúba e seus embates com os capitães do gado. Para auxiliar o debate, sugestão de leitura: "Paz e Guerra na terra dos carnaubais", de Heitor Castelo Branco.

- Relacione a atividade econômica da carnaúba com outros aspectos da sociedade de Campo Maior no período das décadas de 1930 a 1970. Identifique atividades relacionadas à carnaúba que ainda são presentes na atualidade. Pode-se ainda nessa atividade, realizar pesquisa evidenciando quais os produtos comercializados e suas respectivas propagandas/anúncios nesse período.

3.4.9 Uma tragédia transformada em arte: A peça 'O Chapéu de Sebo'.

Fatos comuns do dia a dia podem ser boas fontes para a inspiração das mais diversas produções culturais. O professor Francisco de Assis de Sousa Nascimento escreve:

As cidades constituem – se como férteis campos de produção teatral, evidenciando continuamente as experiências dos dramas humanos, das comédias que tornam a vida suportável e mais feliz, os sujeitos históricos que protagonizam a cena da urbe e os cenários que são montados, recriados, adaptados, conforme as circunstâncias sociais, intempéries da natureza e, principalmente, do desejo humano. (NASCIMENTO, 2019. p.2)

Campo Maior apresenta um cenário cultural bastante variado. Escritores, cronistas, artistas e professores tem se dedicado em contribuir com a cultura local através da música, dança, teatro e demais expressões artístico-culturais. No histórico recente da cidade destaca-se o teatro “Sigefredo Pacheco”, também conhecido como “Teatro dos Estudantes”, que apesar de ser o maior espaço de apresentações cênicas da cidade, atualmente encontra-se numa deplorável situação de abandono. Em um passado não muito distante foi palco de peças teatrais, saraus, gincanas e exibições de filmes. O espaço continua ser uma referência, ainda que saudosista, do quanto Campo Maior tem a oferecer culturalmente.

Dentro do aspecto cultural de entretenimento, em particular o teatro, cabe nesse tópico, destacar a figura do dramaturgo Francisco Pereira da Silva, conhecido como Chico Pereira, que apesar de não ser mais muito lembrado na atualidade, produziu peças teatrais notáveis para o passado campo-maiorense.

VIDA E OBRA DE CHICO PEREIRA

Francisco Pereira da Silva nasceu em Campo Maior, Piauí, em 1918 e faleceu no Rio de Janeiro em 1985. Foi um dramaturgo ligado à temas populares inseridos no universo cultural nordestino. Depois de inicialmente estudar em Campo Maior, segue para Teresina, depois São Luís, e em 1942, parte para o Rio de Janeiro, para estudar Direito, mas termina por se formar em Biblioteconomia, trabalhando até a sua morte na Biblioteca Nacional.

Montou uma variedade de peças, dentre elas a primeira, “Lázaro” em 1952. A esta seguiram-se: “O caso do chapéu”, adaptação de um conto de Machado de Assis; adaptou também “Memórias de um sargento de milícias”, “Graça e desgraça na casa do Engole Cobra”; “Cristo Proclamado”, sobre a miséria nordestina, que foi amplamente

rejeitada pelo público burguês do Teatro Copacabana (1960), além da divertidíssima “Raimunda Pinto, sim senhor!” e “Chapéu de Sebo”, dentre outras mais.

Francisco Pereira da Silva é também autor de roteiros cinematográficos e durante alguns anos trabalhou como crítico teatral do *Diário Carioca* e da *Última Hora*.

Talvez por seu temperamento tímido, não tenha alcançado a fama entre o grande público, o que faz com que sua obra ainda hoje não tenha o devido reconhecimento popular, em tempo, hoje principalmente, o teatro é um seguimento artístico bem restrito.

FRANCISCO Pereira da Silva. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: [HTTP://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359369/francisco-pereira-da-silva](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359369/francisco-pereira-da-silva). Acesso em 18 de agosto de 2021. Verbetes da enciclopédia ISBN978-85-7979-060-7

A peça “Chapéu de Sebo” baseia-se em fatos ocorridos na cidade de Campo Maior dos anos 30 do século XX. Conta a tragédia passional protagonizada pelo vaqueiro “Chapéu de Sebo” que, segundo as histórias que se contam, nutria um ciúme exagerado por sua esposa. Tal sentimento em excesso o teria levado em uma determinada tarde, aplicar um golpe de machado na cabeça de sua esposa, matando-a e rachando o seu crânio ao meio.

Em seguida foi preso e levado à cadeia pública (na época, localizada na rua intermediária entre a Praça Bona Primo e o Largo do Rosário, num prédio de 1856, hoje reformado). Na cadeia pública, o vaqueiro, segundo a tradição oral, ficou arrependido de seu crime e num ato de desespero enforcou-se. Seu corpo foi levado para ser sepultado nas proximidades da capela de Nossa Senhora de Lourdes, na época cercada por uma mata densa, hoje um bairro urbanizado. Foi sepultado nos arrabaldes da cidade já que, na época, pessoas suicidas, por terem cometido um pecado, não eram toleradas nos cemitérios cristãos.

Os populares locais, entendendo que o vaqueiro havia se arrependido do feminicídio cometido, passou a considerá-lo como milagreiro e começam a freqüentar seu túmulo para acender velas, fazer orações e deixar ex-votos em agradecimento de promessas. O túmulo ainda existe, entretanto, não é mais freqüentado como o era em décadas passadas.

Além da citada peça teatral, a sua história foi adaptada para filme, com o título “Amor e traição (A pele do bicho)”, produzido em 1981, dirigido por Pedro Camargo e estrelado por Cláudia Ohana, Jofre Soares, Ítala Nandi e outros. Apesar de o filme ter sido gravado distante,

em Pernambuco, na comunidade de Fazenda Nova (terra das locações da Encenação da Paixão de Cristo, de Nova Jerusalém), os nomes de lugares de Campo Maior foram conservados (campo da Distração, Tambor, Velame, Rio Longá). Na versão cinematográfica, o narrador é o próprio vaqueiro Chapéu de Sebo, que deixa claro que a história se passa no Nordeste, ou em qualquer lugar 'no qual o homem se sinta oprimido'.

Figura 12: Túmulo de "Chapéu de Sebo", bairro de Lourdes, Campo Maior-PI.



Fonte: Silva, 2021.

3.4.10 Expressão da cultura popular: Campo Maior e o cordel.

Bastante difundida no Nordeste, a literatura de cordel tem o seu expoente na cidade de Campo Maior, através de um poeta popular que em suas linhas de cordel, descreveu fatos, costumes e causos da história e cotidiano local, contribuindo assim para uma representação do que é ser campo-maiorense. Trata-se do poeta cordelista popular José da Cunha Neto.

Cunha Neto, como é mais conhecido, nasceu em Campo Maior, foi um escritor cordelista brasileiro, autor de vários livros de cordel e de poesias. Foi membro da Academia Campomaiorense de Artes e Letras, a ACALE. Nascido em 02/06 de 1924, faleceu em 07/02

de 2010. Sua obra é extensa e revela a expressividade cultural popular, através de versos simples, em linguagem acessível.

De seus muitos escritos publicados, vários dedicados a descrever sobre fatos da cultura e história local em versos, por exemplo: “Nossa Terra, Nossa Gente”, “Aspectos da Batalha do Jenipapo”, “Campo Maior do passado... e do presente” e “Recordando a festa de Santo Antônio de Campo Maior”, que são produções que de forma direta, descrevem aspectos históricos, econômicos, culturais, naturais e religiosos de Campo Maior.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Pela natureza dos textos apresentados, relacionados ao teatro, cinema e literatura de cordel, proponho que sejam realizadas atividades que incentivem o aspecto lúdico do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto sugiro:

- Produção de uma dramatização baseada em algum trecho da obra de Chico Pereira.

- Exibição do filme “Amor e traição”. Posteriormente, os alunos irão identificar termos e locais citados no filme, relacionados a Campo Maior. Proponho o uso deste filme, como um produto cinematográfico ambientado no local onde moramos, visto que os alunos facilmente poderão fazer associações e perceber proximidades com a sua realidade. O vídeo pode ilustrar o que se fala em sala de aula ou o que se expõe nos textos.

- Relacionada à literatura de cordel, proponho uma atividade na qual o aluno seja incentivado a elaborar um cordel com histórias relacionadas a Campo Maior.

3.5 Por uma cartografia histórica

Os lugares têm a sua historicidade, constituindo nesse sentido, uma paisagem histórica. Lugares significativos historicamente e culturalmente, constituem uma paisagem cultural. Por paisagem cultural assim pode-se entender, de acordo com o geógrafo Rafael Winter Ribeiro (2007):

Em meio a múltiplas interpretações, há um consenso de que a paisagem cultural é fruto do agenciamento do homem sobre seu espaço. No entanto, ela pode ser vista de diferentes maneiras. A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como testemunha da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, *lócus* de interação entre a materialidade e as representações simbólicas (RIBEIRO, 2007.p. 9)

A paisagem cultural representa o espaço interativo do homem com a natureza dentro do processo histórico, econômico e cultural. O meio, modificado e adaptado pelo homem, não mais é apenas considerado um espaço físico em seu estado natural, dominado pela biodiversidade, mas sim, o espaço social onde o homem desenvolve suas interações, com o meio natural, por exemplo, através do plantio de roças, da jardinagem ou da implantação de parques públicos.

A “Terra dos Carnaubais”, culturalmente, absorveu características naturais à sua identidade urbana. A “terra das verdes campinas”, com o gado, compõe essa paisagem e história simbólica. Intervenções humanas, como o casario colonial e imperial, as construções art déco, o Açude Grande, o Rio Surubim, a Serra de Santo Antônio ao fundo, suas igrejas, o gado, as fazendas, o FRIPISA, compõem esse cenário cultural.

Em vista desse cenário, a interação entre natureza-homem-história, proponho elaborar uma cartografia histórica, numa alternativa de evidenciar um roteiro por espaços onde as tramas históricas e sociais se desenrolam.

Nesse sentido, uma cartografia histórica, pretende convidar os alunos a perceberem essa interação meio natural- homem- história, no local em que vivem e na realidade que lhes é próxima.

A seguir, a sugestão de um roteiro histórico-cultural pela cidade de Campo Maior.

MAPA DO CENTRO HISTÓRICO DE CAMPO MAIOR (PI) E LOCAIS REFERENCIADOS DO TEXTO



LEGENDA

- | | |
|---------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| A - Praça Bona Primo | I - Avenida Vicente Pacheco |
| B - Rua Emiliano Andrade (Rua dos Negros/ Rua da Lagoa) | J - Praça Gentil Alves/ Teatro dos Estudantes |
| C - Antiga Cadeia | K - Mercado Público Municipal |
| D - Largo e Igreja do Rosário | L - Loja de Artigos de Couro |
| E - Cemitério da Irmandade Santo Antônio | M - Vendas de Carne de Sol |
| F - Rua Santo Antônio | N - Túmulo do Chapéu de Sebo |
| G - Catedral de Santo Antônio | O - Artesanato de Vassouras |
| H - Praça Rui Barbosa | |

O mapa acima exposto destaca pontos de referência presentes nesse trabalho, exceto dos que se encontram na zona rural, como a Cruz do Moleque e o túmulo da escrava Felicidade. Este mapa apresenta-se como a proposta de um itinerário a ser seguido na realização de uma aula de campo.

O referido roteiro é bastante adaptável, de acordo com o tempo disponível e com a composição das turmas, propondo um caminho pelo “centro histórico”, que segue o centro comercial e depois finaliza rumo ao bairro de Lourdes.

O ponto inicial desse passeio encontra-se na Praça Bona Primo (A), que no século XIX, era um imenso campo, onde, além de residências, centralizava o comércio, a administração da vila e cidade. Essa praça recebeu diversos nomes, entre os quais: Largo da Matriz, Marechal Pires Ferreira, João Pessoa e finalmente no ano de 1948, o nome que atualmente lhe denomina. Permaneceu como um campo até a década de 1950, quando recebeu pavimentação e jardins. Neste espaço, os alunos são convidados a fazer a observação do ponto inicial de ocupação do espaço urbano de Campo Maior. Depois podem partir para a Rua Emiliano Andrade (B), onde observarão o contraste existente entre as estruturas presentes na praça principal em relação à rua secundária, por ter sido no passado, a rua onde habitavam os

escravos. Sugere-se nesse ponto levantar questionamentos e análises que envolvam temáticas relacionadas à divisão na estrutura social em vigor no período colonial e imperial.

Em continuidade a proposta de aula de campo, deve-se seguir em direção ao ponto **C**, a antiga cadeia, relacionada à história já citada de Chapéu de Sebo. Prédio construído em 1856, que foi reformado recentemente, e hoje abriga a “Casa da Juventude”⁶². Nesse local, é possível evidenciar como a preservação de prédios antigos pode ser exitosa desde que a esses prédios seja agregada uma funcionalidade.

Próximas a esse prédio histórico, avista-se a Igreja do Rosário e seu Largo (**D**). Neste lugar é possível discutir com os alunos a diferenciação de espaços sociais. A igreja do Rosário, de estrutura simples, servia como antiga igreja das irmandades negras. Abriga a imagem do Bom Jesus dos Passos, citada como devoção bastante significativa em Campo Maior. Nos festejos de junho ficam instalados em seu entorno o parque de diversões e as barracas populares. Implicitamente pode-se supor uma idéia de secundariedade quanto a esses espaços em relação à Catedral e a Praça Bona Primo, visto que, este espaço pouco ou de modo muito vago, é citado em crônicas e na historiografia local. Proponho promover uma discussão que ressalte essa diferenciação ou hierarquia de espaços da cidade, dentro de um contexto construído historicamente.

Prosseguindo o roteiro proposto, não muito distante, chega-se ao Cemitério da Irmandade de Santo Antônio (**E**) ou Cemitério Velho. Nesse local, a arte tumular antiga encontra-se preservada, já que no cemitério não há mais a instalação de túmulos novos. Cemitérios constituem-se monumentos históricos dados os registros materiais que guardam. No caso do cemitério de Santo Antônio, o túmulo de “Lucinha”, pode servir para tematizar a devoção às almas milagrosas.

No retorno ao “centro histórico”, atravessa-se a passagem da Rua Santo Antônio(**F**), local da antiga zona de prostituição, hoje em ruínas e decadente. Nesse local, pode-se evocar a memória do progresso e posterior declínio da cidade de Campo Maior no período do auge da exploração econômica da carnaúba. Além disso, pode se discutir a sensível questão social da exploração sexual e da prostituição feminina que continuam tabus na historiografia da cidade.

A Catedral de Santo Antônio(**G**) constitui-se como elemento de destaque na paisagem urbana, cultural, histórica e religiosa na cidade de Campo Maior. A sua construção original era o templo mais antigo da cidade e relacionado às principais tradições populares religiosas e culturais, os festejos de Santo Antônio. Mesmo que uma parte dos alunos não seja católica,

⁶²É uma organização cultural sem fins lucrativos, relacionada ao movimento “Juventude Católica”, oferecendo cursos de música, arte, danças, etc.

talvez nem cristã, a religião católica constitui-se num importante fator de organização espacial, cultural e histórica de Campo Maior.

Atrás da Catedral, a Praça Rui Barbosa (**H**), foi no passado o principal ponto de lazer e sociabilidades de Campo Maior. Além de concentrar uma parte do comércio da cidade, foi o local de eventos sociais, como os festejos do padroeiro, palco de comícios eleitorais, ponto de encontro de jovens e namorados. Na década de 1970, o lazer de Campo Maior transferiu-se para as margens do Açude Grande, que nessa época, havia recebido urbanização. Com isso, a Praça Rui Barbosa atravessa um período de decadência e abandono. Por muitos anos esteve depredada, mas recentemente foi revitalizada, com uma reforma estrutural que lhe proporcionou uma bem sucedida releitura de seu espaço e verifica-se um retorno como espaço de sociabilidade e lazer.

A Avenida Vicente Pacheco (**I**) detém, como na Praça Bona Primo, em alguns trechos, um bom número de casarões antigos, onde residiam os “coronéis dos carnaubais”. Adiante, em sentido ao centro comercial, encontra-se a Praça Gentil Alves (**J**), que é o local onde localiza-se o antigo Teatro Sigefredo Pacheco, ou Teatro dos Estudantes, como tradicional palco cultural. Na mesma praça encontram-se e alguns dos armazéns que comercializam a cera de carnaúba, exemplos atuais da atividade comercial da carnaúba ainda viva no município.

O Mercado público municipal (**K**), construído na década de 1970, abriga o comércio de carne e frutas e constitui-se num ponto tradicional de vendas de produtos regionais. O ponto **L**, indica uma loja de venda de artigos artesanais em couro (Selaria Pernambucana), vestígio da chamada ‘civilização do couro’ que caracterizou o passado da cidade.

A comercialização de carne de sol é realizada em diversos pontos do município de Campo Maior, o trecho em destaque (**M**) vale uma visita por localizar-se às margens da BR 343, uma importante rota de escoamento de produtos locais e atração para comerciantes de outras cidades.

Num espaço mais distante, o roteiro sugerido dessa cartografia histórica urbana, segue para o bairro de Lourdes, onde localizam-se o túmulo do “Chapéu de Sebo” (**N**), relacionado à obra de Chico Pereira, e uma fábrica artesanal de vassouras (**O**) –um bom exemplo da diversidade de trabalhos desenvolvidos com palha de carnaúba.

ATIVIDADE PROPOSTAS

A cartografia histórica apresentada propõe suscitar no aluno atitudes de observação e pesquisa. Abordo nesse item as temáticas relacionadas ao lugar em que o aluno vive e as noções de espaço público e privado. As habilidades desenvolvidas devem orientar o aluno a identificar os registros de memórias na cidade (nome de ruas, praças, monumentos, edifícios) e ainda

mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, mercados, igrejas etc.) e identificar suas funções. Os objetos de conhecimento em questão são a produção dos marcos de memória através dos lugares de memória da cidade.

Nas atividades propostas de visitação aos lugares históricos e sensíveis de memória, o recurso de utilização de fotografias antigas pode servir para a construção de um quadro comparativo, no qual se evidenciem as mudanças e permanências ocorridas nos espaços visitados ao longo dos anos.

A visitação orientada aos espaços sociais visa proporcionar aos alunos um contato com o objeto de estudo como as ruas, praças, monumentos, etc. enriquecem o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho elaborado pretende oferecer subsídios e provocar uma reflexão sobre a realidade que se apresenta acerca do ensino de História Local em Campo Maior. Focaliza nos processos educativos de ensino-aprendizagem, e busca contribuir para que a História Local seja mais valorizada e reconhecida

Há uma considerável produção historiográfica relacionada à cidade de Campo Maior, seja ela produzida por historiadores de profissão, que exercem o magistério, ou seja produzida por pessoas que possuem relações sentimentais e afetivas com a terra em que vivem, na vontade de contribuir para a sua cultura. Desde muitas décadas Campo Maior tem sido um tema presente na História do Piauí, entretanto, quase sempre reduzido às narrativas relacionadas ao evento histórico da Batalha do Jenipapo. Mas, é notório que, das duas últimas décadas para cá, tem se verificado um movimento historiográfico que busca abarcar a História local de forma mais abrangente, destacando outras temáticas reveladoras de histórias e personagens que não sejam somente os consagrados pela história de viés tradicional.

Aspectos como as origens do município, os ciclos econômicos do gado e da carnaúba, a religiosidade local, o processo de urbanização e progresso locais, além das sociabilidades expressas através do lazer, da imprensa, e mesmo da prostituição, têm se apresentado em novas linhas de pesquisa relacionadas a Campo Maior. Outras fontes, como a História oral, os versos de cordel, linhas de prosa e produções cinematográficas, também surgiram como meios alternativos nessa nova produção da historiografia local.

Apesar de promissora paisagem historiográfica atual, o ensino de História Local parece tradicionalmente engessado nas temáticas comemorativas relacionadas à efeméride cívica da Batalha do Jenipapo, ou na mera citação do aniversário de emancipação política do município. Este quadro limitado aparentemente tem a sua raiz na falta de uma política educacional que incentive o estudo de História Local, desenvolvida de maneira mais abrangente e engajado.

A falta de um currículo próprio de História Local, de um material didático que possa subsidiar o trabalho dos professores e, pior ainda, a desmotivação de profissionais e alunos contribuem para essa situação. A própria estruturação da Secretaria Municipal de Educação de Campo Maior carece de eficiência, apesar de haver uma lei que obriga o ensino de História Local. Na prática, não há ainda uma concretização desta lei que desse conta da formação, da capacitação de professores, da elaboração de material didático como auxílio no desenvolvimento ou de um plano estruturado de orientação.

Ainda que o ensino de História Local seja previsto no Ensino Fundamental, no Ensino Médio igualmente deve desempenhar uma função de orientação pedagógica. A História Local pode promover uma identificação do aluno com as suas origens e relacionar temas da vivência cotidiana com outros, de abrangência global.

No desenvolvimento dessa dissertação, propus a elaboração de um produto educacional como um incentivo de melhorar os estudos de História Local, através da evidenciação das histórias selecionadas neste trabalho, as 'outras histórias', de menor evidência de Campo Maior - histórias próximas da realidade dos alunos, que permitem sua identificação.

Por isso, apresentei a proposta de elaborar uma seqüência didática com textos interligados, a partir de temas gerais de História, direcionadas para temas mais próximos das vivências dos alunos, aliados a exercícios e atividades práticas. No trabalho, personagens do corriqueiro passam a ser reconhecidos como agentes históricos, assim como paisagens e atividades presentes no dia a dia dos alunos, passam a ser vistas e sentidas como palcos históricos e de possível interação com os alunos.

O tradicionalismo das narrativas históricas baseadas nos feitos de personalidades tidos como 'oficiais' e sempre oriundos da elite tem tornado a História muitas vezes distante e sem sentido para os alunos. Entretanto, na medida em que surge a perspectiva de uma história 'visto de baixo', os fatos e personagens do cotidiano se apresentam a partir de uma historicidade própria e os alunos ganham um papel de protagonismo nas narrativas de história.

A renovação do Ensino da História está cada vez mais presente tanto na prática docente, quanto na materialidade dos conteúdos e nos temas explorados em sala de aula e levados para as práticas do dia a dia. Estes elementos constituem-se como partes fundamentais da formação humana dos alunos e de seu desenvolvimento na vida social, valorizando e identificando a história presente próxima deles e no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História colonial: 1500-1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal. 1998.
- ABREU, Martha;GURAN, Milton;MATTOS, Hebe. **Inventário dos lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**. LABHOI. 2013.
- ARAÚJO, José Luís Lopes (coordenador) e Vários autores. **Atlas escolar do Piauí: geo-histórico e cultural**. João pessoa, PB. Editora Grafset, 2006.
- BARBOSA TERCEIRO, José Gil. **Almas: martírio, devoção e milagres no Piauí**. 1. ed. Altos-PI: Edição do autor, 2019.
- BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**/Circe Bittencourt (org.) 11. ed – São Paulo: Contexto, 2006.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia. das letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**; tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Monteiro – São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **O escravo na formação histórica do século XVIII**. Teresina. Editora da UFPI, 1994.
- BRASIL, Corinto & LOILA, Antonio Araújo. **Aquarela de Campo Maior**. 2007?
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEB, 2013.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC, 1998.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CARDOSO. Ciro Flamarion; VAINFAS. Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de janeiro. Campus, 1997.

CARTA CEPRO, v. 24, n. 1. 2007.

CARVALHO, Elmar. **Bernardo de Carvalho: o fundador de Bitorocara**. 2ª. Ed. Teresina. EDUFPI, 2016. 151 p.

_____ **Cronos de Campo Maior...**

CASTELO BRANCO FILHO, Heitor. **Paz e guerra na terra dos carnaubais**. Teresina. Edições UFPI, 1992.

CASTELO BRANCO, Renato. **Teodoro Bicanca e A Civilização do Couro**. Teresina: Academia piauiense de Letras, 2016.

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do pensável** – as encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In, A Escrita da História. 2 ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, Celson. **Rua Santo Antonio**. Campo Maior: EDUFPI, 2014.

_____ **História Política de Campo Maior**. Campo Maior. Edição do Autor. 2006. 60 p.

_____ **Por outras Histórias**. Coleção Historiografia campomaiorense – vol 1. Estação Digital, 2007. 16 p.

_____ **Urbanização em Campo Maior**. Campo Maior. Edição do Autor. 2007. 60 p.

CHAVES, Monsenhor Joaquim. **O Piauí nas lutas da independência do Brasil**. Teresina: Alínea Publicações, 2005.

COSTA FILHO, José Ataíde Tôres. **Reminiscências de minha vida**. Teresina. Gráfica do Povo. 2020. 165 p.

CUNHA NETO, José da. **Nossa terra, Nossa gente**. 1ª Ed. Campo Maior, 1994

_____ **Nossa homenagem a quatro celebridades campomaiorenses**. Tipografia Campo Maior. Campo Maior, S/D

_____ **O Piauí cantado em versos – Informativo turístico comercial**. Composição e impressão Escritório de datilografia “Irisvaldo Vieira”. Teresina. S/D

_____ **Recordando a Festa de Santo Antônio de Campo Maior**. Campo Maior. Junho de 1996.

CURRÍCULO DO PIAUÍ: um marco para a educação do nosso estado: educação infantil, ensino fundamental/ Organizadores; Carlos Alberto Pereira da Silva...[et al.], Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

DECRETO nº 18345 de 08 de julho de 2019 – determina a criação do Parque Estadual da Serra de Santo Antonio.

FEBVRE, Lucian. **Combates da História**. Lisboa. Editorial Presença LTDA. 1989.

FOLKCOM. **Do ex-voto à indústria dos milagres**: a comunicação dos pagadores de promessas. Organizadores: MELO, José Marques de. Gobbi, Maria Cristina e DOURADO, Jaqueline Lima. Teresina. Halley, 2006.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS/[Conselho Nacional de Geografia e Conselho Nacional de Estatística] vol. 15. Municípios do maranhão e Piauí. Rio de Janeiro. IBGE. 1957-1964.

F.CARDOSO. Francisco da Silva. **Memórias da Adolescência**: Venturas e aventuras em Campo Maior. 2ª ed. Gráfica Pinheiro. Teresina. 2014.

_____ **Memórias de Campo Maior**. 1ª ed. Gráfica São João. Teresina. 2011.

FRANCISCO Pereira da Silva. In: **ENCICLOPÉDIA** Itaú Cultural de Arte e Cultura brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: [HTTP://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359369/francisco-pereira-da-silva](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359369/francisco-pereira-da-silva). Acesso em 18 de agosto de 2021. Verbete da enciclopédia ISBN978-85-7979-060-7

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2.ed. São Paulo. Associação Editorial Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais LTDA. 1990.

IBIAPINA, Elesbão Pinto. **A cruz do moleque**. Teresina; EDUFPI, 2004.

JESUS. Pauliana Maria. **A cidade dos desejos**: reflexões sobre a modernização de Campo Maior v- PI (1930 – 1970). Teresina. Cancioneiro. 2020. 194 p.

JORNAL DESTAK. Ano I – nº 3. Campo Maior-PI, 05 a 20 de maio de 2009.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas/ Leandro Karnal (org.) 5. ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEI nº 14/2009 – estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e geografia de Campo Maior na rede municipal pública e privada de ensino.

LIMA, Francisco de Assis. **A Batalha – o reconhecimento**. Campo maior. Edição do Autor. 2009. 156p.

_____. **Campo Maior em Recortes**. Campo Maior. Edição do Autor. 2007. 144 p.

LIMA, Nilsângela Cardoso (org). **Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020.

LIMA, Reginaldo Gonçalves de. **Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia**. Teresina [s/n], 1995

MELO, Cláudio, Padre. **Obra reunida**. Teresina: Academia piauiense de letras, 2019.

MELO, Cláudio. **Os primórdios de nossa história**. Teresina [s/n], 1983.

_____. **Fé e Civilização**. Teresina: [s/n]. [1991].

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. **Percursos Dramáticos: Experiência de produção teatral do dramaturgo Benjamin Santos na segunda metade do século XX**. ANPUH-BRASIL – 30º Simpósio Nacional de História – Recife, 2019.

NEVES, Abdias. **A Guerra de Fidié**. Teresina. FUNDAPI, 2006. 4ª edição.

NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. v.1. Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007.

OLIVEIRA, Natália. **Da matriz vejo a cidade: a igreja de santo Antônio em Campo Maior**. Teresina: Halley, 2015.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. in: **O saber histórico na sala de aula**. Circe Bittencourt (org.) – São Paulo, Editora Contexto, 2003.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Ensino Fundamental**. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 2000

_____: **Ensino Médio**, Secretaria de Educação Média e tecnológica, 1999.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino de história e patrimônio Cultural: um percurso docente**. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. Ed. Belo horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Áurea da Paz. **Celebrações = Celebrations**. Teresina. Educar: Artes e Ofícios, 2009.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. IN **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro CPDOC/FGV, 1992.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense**: da pecuária ao extrativismo: EDUFPI, 2006.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. História local e o ensino de História. In: **O Saber histórico na sala de aula**. Circe Bittencourt (org.) – São Paulo, Editora Contexto, 2003.

SENA ROSA, José Ribamar de. **A Luta**, falando de trocas e meios. 1ª ed. Teresina: Halley Gráfica e Editora. 2011. 144 p.

SILVA, Daniel Neves. "**Escravidão no Brasil**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso em 26 de junho de 2021.

SOUSA NETO, Marcelo. "**Entrando na roda**": História e Memória da capoeira em Teresina-PI (1970-1990). Dossiê Temático sobre a História do Piauí. Teresina. Vozes, pretérito e devir. Ano I, Vol. I, Num.I . 2013.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Pecuária no período colonial**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/pecuaria-no-periodo-colonial.htm>. Acesso em 21 de junho de 2021.